

editorial

RELEVÂNCIA FEMININA E PAZ EM TEMPOS DE CONHECIMENTO

É do conhecimento comum e da visualização geral a relevância da figura feminina. Em todos os campos da atividade social, assomam, cada vez mais imponentes, a figura e a atuação direta das mulheres, num crescente ininterrupto, não só de quantidade, mas de qualidade de sua contribuição. E não é que o homem tenha perdido seu papel. É que a sociedade permitiu que a mulher cumprisse integralmente o dela. Então, no exercício profissional, só para falarmos em algumas profissões liberais, nas faculdades de Direito, o número de mulheres nos cursos de bacharelado e em muitos pós-graduados é superior ao dos homens. Sem embargo de situações excepcionais, onde claudicam, na enorme maioria das situações revelam elas serenidade, habilidade, competência e capacidade de iniciativa e finalização de excelentes trabalhos. Não é sem razão que o que parecia ser um sonho distante é hoje uma realidade: vemos excelentes advogadas, primorosas promotoras, competentes procuradoras, juízas equilibradas e sensatas, o que era uma visão quase impossível, Juízas ocupando postos nos Tribunais Estaduais e Tribunais Superiores, inclusive na sua Presidência, com pulso firme e poder de comando. Na Medicina, seja a geral, seja a especializada, inclusive a cirúrgica, despontam nomes e nomes femininos e o que se contava nos dedos das mãos agora aparece como quantidade enorme, multidão. Na educação, na pesquisa científica, nas letras, nas artes em geral desfilam nomes e nomes de mulheres notáveis que deixaram e continuam deixando marcas indeléveis. Na Engenharia, na Arquitetura, especialmente nesta última, a efervescência das ideias femininas é impressionante. Tudo isto milita em favor e como fruto de um movimento que levou a sociedade primeiro a reconhecer na mulher as potencialidades inegáveis para o exercício destes papéis e

segundo, na tenacidade, trabalho e demonstração efetiva, por parte delas, de que são capazes. E muito disto se deve à evolução do conhecimento dos seres humanos. Neste caminho, nesta luta em prol de se alcançar a sabedoria, o conhecimento verdadeiro, o resultado inescapável é a conquista da verdade e, com esta, a conquista da liberdade. Veja-se onde vamos chegar, o que vamos alcançar...a liberdade. Esta palavra mágica que quer dizer tantas coisas, quase o tudo da vida e que, por isto mesmo deve ser preservada, reverenciada e respeitada. Homens e mulheres, unidos, desvestidos de preconceitos, podemos atingir horizontes antes inalcançáveis de bem estar e felicidade com o avanço pleno do conhecimento, conhecimento não manipulado e direcionado pela luz de nosso espírito, fagulha divina em cada um de nós, homens e mulheres. E que as mulheres vitoriosas de hoje não se deixem enganar pela devaneio de horizontes falsos. Não precisam, as mulheres, lutar por uma igualdade que não existe e nunca existirá, pois o mundo inteiro é uma diversidade e Deus criou o homem e a mulher, cada um para finalidades grandiosas e diversas que, juntando-se em atuação cooperativa, resultam na felicidade do gênero humano. Não precisam mostrar que são capazes de praticar todas as atividades dos homens, principalmente aquelas que os brutalizam e desfiguram como seres criados à imagem e semelhança de Deus. O que é necessário e ter reconhecida a relevância da contribuição feminina, a grandeza de sua participação e contributo, e, principalmente, o fato de que, como ser humano, tem os mesmos direitos e regalias de todos os demais, respeitadas as suas peculiaridades e diferenças, porque Deus nos fez a todos nós diferentes, mas com a potencialidade e as condições de nos tornarmos, todos, igualmente, SEUS FILHOS!

Equipe Editorial





sensibilização

AOS CONFRADES DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

Filadelfo Borges de Lima | Cadeira nº 08

Agradidão é uma virtude e o maçom, em razão disso, deve possuí-la. É esse o sentimento que me conduz à porta desse templo para expor os obstáculos existente na vereda entre a AGML e meu desejo de dedicar aos seus labores,

Escolhido para compor esse sodalício, mais pela generosidade dos seus componentes do que pelos meus méritos, me senti muito honrado e muito feliz. A distância geográfica de Rio Verde, onde resido, à Capital do Estado(cerca de 220 km) não seria óbice para mim porque, além do amor à causa, havia a experiência de vários mandatos de membro do Conselho Administrativo da Associação dos Funcionários do Fisco do Estado de Goiás(Affego), também com sede em Goiânia. Minha assiduidade foi elogiada e serviu de modelo. Com essa disposição tomei posse da Cadeira 8 da AGML e me foi dada a oportunidade de colaborar com O CONFRADE, o que me encheu de júbilo. Surgiu, contudo, uma pedra no meio do caminho: o Parkinson, que se somou a convulsões, cuja causa,

segundo um médico, é a epilepsia. E veio o peso dos janeiros, mas não perdi meu elevado apreço à nossa Academia e à Academia Rio-Verdense de Letras, Artes e Ofícios. Não ando sozinho, não dirijo automóvel, uso muitos remédios e tenho problemas intestinais. Minhas viagens a Goiânia para consultas ou retorno se fazem por favor de filhos na direção do carro, que precisam, para isso, de revezamento com colegas

de trabalho. O mesmo ocorre visando as reuniões da AGML. Enfim, muito difíceis, para mim, deleitar-me com aversvs atividades dessa academia. Gostaria de me envolver nesse labor, mas não posso. Assim, constangido, me despeço dos queridos irmãos aos quais desejo sucesso. Meu coração não se olvidou das homenagens a mim prestadas, sob a liderança do nosso presidente, Dr. João Batista Fagundes.



reflexão

MAÇONARIA. SUBLIME ARTE REAL

Mauro Marcondes | Cadeira nº 19

Quando estamos vibrando no diapasão voltado para o equilíbrio mental, todas as nossas células obedecem e se enquadram aos ditames naturais do cosmo, permitindo que de forma equilibrada façamos parte do todo, propiciando-nos ações físicas e mentais em um processo contínuo de ajuste e reajuste que naturalmente desenvolvem antídotos que nos protegem e nos fortalecem.

Mas quando deixamos que os miasmas do coração, de forma consciente ou inconsciente perturbem e até controlam nossos passos e pensamentos, criamos uma couraça que impede a captação das vibrações benfazejas que nos rodeiam e esta couraça constituída de

energias desagregadoras, aceita e se alimenta do negativismo natural do processo evolutivo, que permeia nosso planeta escola, induzindo-nos as ações desairosas e consequentemente a prática do mal.

E para que estejamos em contínua vibração benfazeja, se faz necessário que, conscientemente e utilizando a flanela da consciência esclarecida, limpemos o vaso do coração todos os dias, retirando dele as energias desagregadoras e perniciosas como: ódio, rancor, cólera, inveja, preconceito e outros que fazem parte do nosso cotidiano. Assim, permitiremos que o bem se instale em nosso coração para que o receber e enviar energias Divinas, seja exercício contínuo e duradouro.

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico "Násseri Gabriel" – GOB-GO
Goiânia-Goiás – Fone: (62) 3211-1010

Presidente: João Batista Fagundes – Cadeira nº 16
Editor/design: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima

Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/editação: Adriana Almeida

Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza
por conceitos emitidos em matérias publicadas.

expediente



sinalização

FOI EMOCIONANTE!!!

Tito Souza do Amaral | Sereníssimo grão-mestre da GLEG

Na noite do dia 26 de abril, o Sereníssimo Grão-Mestre Tito Souza do Amaral participou de Sessão Magna de Homenagens na Loja Maçônica Vigilância e Fraternidade de Inhumas n. 1160, marcada pela emoção e reconhecimento da Maçonaria a vários Irmãos que completaram 25, 35, 45 e 60 anos de Iniciação. O prefeito João Antônio foi um dos homenageados. Participaram do evento quase 100 Irmãos, dentre eles o Grão-Mestre estadual do GOB/GO, Mauro Marcondes da Costa, com sua comitiva, o Delegado Regional do REAA (GOB), Antônio

Leite, o presidente da PAEL – Poderosa Assembleia Estadual Legislativa de Goiás, Irmão Wagner. No início da Sessão, o Eminentíssimo Grão-Mestre Mauro Marcondes, num gesto de consideração e apreço do GOB pela GLEG, transferiu o Primeiro Malhete ao Sereníssimo Grão-Mestre Tito do Amaral, para a direção dos trabalhos. Tito, agradecido, o passou ao Venerável Mestre da Loja, Irmão Paulo Lago, que, em conjunto com Mauro Marcondes, presidiu a Sessão.

O Grão-Mestre da GLEG destacou a proficua gestão que vem sendo feita no GOB-GO e a união

Noite de emoção durante as homenagens por atuação maçônica

da Maçonaria goiana. Já o Grão-Mestre do GOB-GO, por sua vez, destacou parceria e a sintonia de ações e pensamentos entre os dois Grão-Mestres goianos e o compromisso de que devem caminhar juntos em prol do progresso da Ordem.

Ao final, foi servido um ágape fraternal pela Colmeia da Loja, capitaneada pela Cunhada Maria da Glória Lago. O Sereníssimo Irmão Tito destaca sempre a importância do protagonismo e da interlocução da GLEG com outras potências maçônicas, nacionais e internacionais.





memória

TRIBUTO AO SAUDOSO GRÃO-MESTRE EURÍPEDES BARBOS NUNES

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Eurípedes Barbosa Nunes (1944 – 2018). Barbosa Nunes, como também era conhecido, foi um escritor brasileiro, do início do século XXI, que teve sua atenção voltada a temas versados sobre a maçonaria e seus membros, bem como, sobre fatos diversos do seu conhecimento ocorridos, inclusive, no âmbito político.

BARBOSA NUNES escreveu mais de 300 textos, quase todos numerados em série a partir da unidade, dentre os quais encontram-se os relacionados abaixo, que o autor destacou em redes sociais como os mais acessados pelos seus seguidores:

Artigo 101 – FOLIA DE REIS, publicado no Diário da Manhã, de 12-01-2013;

Artigo s/nº – MÉTODO MILITAR ADOTADO NA EDUCAÇÃO, publicado no Diário do Norte, de Porangatu-Go, de 03/05/2010;

Artigo 218 – XII ENCONTRO NORTE/NORDESTE DE GRÃO-MESTRES E FRAFEM'S, publicado no Diário da Manhã, de 12-01-2013.

Artigo 257 – ENTRE O BARULHO E

de notícias locais com aparelhagem de som, fixa, em sua residência.

Na década de 1950, mudou-se para Goiânia em companhia de seus pais, onde fez seus primeiros anos de estudo no Grupo Escolar João Leonel Berbert.

Após a conclusão do ensino médio e fundamental, Barbosa Nunes ingressou na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, onde concluiu o curso de Direito.

CARREIRA LITERÁRIA

Barbosa Nunes iniciou sua carreira literária como escritor articulista e jornalista a partir de maio de 2.010 quando suas matérias começaram a ser divulgadas através do jornal "Diário do Norte", de Porangatu-GO, com a publicação do seu primeiro artigo intitulado MÉTODO MILITAR ADOTADO NA EDUCAÇÃO e, de 2.011 até 2.018, de forma continuada, no "Diário da Manhã", de Goiânia, nas edições que, à sua época, circulavam aos sábados.

Nesse mesmo período, seu trabalho literário teve espaço também nas edições do Boletim de Notícias, um informativo maçônico de circulação entre os maçons, editado periodicamente pelo Grande Oriente do Brasil/Goiás.

Barbosa Nunes foi autor de mais de 300 artigos abordando temas variados.

Seu estilo próprio de escrever, com espontaneidade e liberdade de expressão, coloca-o no rol dos membros do movimento pós-moderno, tendência literária que floresceu na Europa, no ano de 1946, mas que apareceu no Brasil somente a partir do ano de 1.960.

Embora não tenha pertencido à Academia Goiana Maçônica de Letras, Barbosa Nunes não foi esquecido. Ficou imortalizado por decisão daquela soberana corporação literária ao ser escolhido como patrono da cadeira de número 32.

CARREIRA PROFISSIONAL

Eurípedes Barbosa Nunes trabalhou na Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás, entre os anos de 1.976 a 1.980, onde ocupou diversas funções, inclusive a de professor, em Goiânia e Inhumas.

Como advogado, foi inscrito na OAB, seção de Goiás, sob nº 15.645, a partir do ano de 1.996.

Foi delegado de polícia judiciária do Estado de Goiás em cujo cargo atuou nos municípios de Orizona e Bela Vista de Goiás, dentre outros, vindo a aposentar-se no ano de 2008, tendo sido condecorado, por decreto estadual, com a "Medalha da Ordem do Mérito Tiradentes", pelos relevantes serviços prestados no desempenho de suas atribuições.

Durante os anos de 1983 a 1999 atuou como radialista na Rádio Jornal de

Inhumas, na Rádio Brasil Central de Goiânia, na TV Anhanguera e, também, no Consórcio de Empresas de Radiodifusão e Notícias do Estado (CERNE), este último órgão já extinto desde o ano de 1.999, pela lei estadual nº 13.550/99.

CARREIRA MAÇÔNICA

Na maçonaria, foi iniciado no ano de 1.978, na Loja Maçônica Acácia Brasiliense, na cidade de Goiânia-GO, onde foi Venerável Mestre durante quatro anos seguidos nos períodos de 1982/1983 e 1984/1985. Foi elevado em 29/01/1979, exaltado em 01/10/1981 e instalado em 22/06/1981.

No Grande Oriente do Brasil, fez parte do Conselho Federal da Ordem e do Superior Tribunal de Justiça do Grande Oriente do Brasil até o ano de 1.993, na administração de Jair Assis Ribeiro.

Foi Grande Secretário de Educação e Cultura do Grande Oriente do Brasil/Goiás e membro do Conselho Estadual de Cultura, de 1.995 a 1.999, na administração de José Ricardo Roquette.

Criou e coordenou, em Goiás, o programa Maçonaria Contra as Drogas – A Favor da Vida, instituído no ano de 1.997, na administração do Grão-Mestre Estadual José Ricardo Roquette. No mesmo ano, por sua iniciativa e apoio do então Grão-Mestre Estadual José Ricardo Roquette, dito programa foi encampado pelo Grande Oriente do Brasil, na gestão de Francisco Murilo Pinto, ocasião em que foi estendido ao resto do País.

Foi fundador das Lojas Maçônicas "Luz, Amor e Vida", "Fraternidade Acadêmica Professor Álvaro Palmeira", "Templários do Oriente"(em Goiânia-GO) e "Obreiros do Cerrado"(em Jataí-GO).

Foi Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil/Goiás, de 2.007 a 2.013.

Em 2.013, ao ser eleito Grão-Mestre Geral Adjunto, afastou-se do cargo que vinha ocupando, ficando em seu lugar, como legítimo sucessor, o irmão Luís Carlos de Castro Coelho.

No Grande Oriente do Brasil, ocupou os cargos de Grande Secretário Geral de Interior e Relações Públicas, e Coordenador Nacional do Programa

Os irmãos se eternizam:
quatro anos de lembranças



Um dos maiores líderes da maçonaria brasileira da atualidade, Saudoso Irmão Eurípedes Barbosa Nunes, é homenageado no Grande Oriente do Brasil

A PRESSA, LEMBRE-SE DA PAZ QUE PODE HAVER NO SILÊNCIO, publicado no Diário da Manhã, de 16/01/2.016.

Artigo nº 258 – SÉRGIO MORO, O CAVALEIRO DA ESPERANÇA, publicado no Diário da Manhã, do dia 23/01/2016.

Foi casado com Vera Lucia Brandão Barbosa de cuja união nasceram três filhos e dois netos.

Destacou-se no meio social da sua época não só por seu talento em escrever, mas também por sua forma especial de ser e de comportar-se, cujos dotes, alinhados à sua inteligência e à sua habilidade no agir, propiciaram-lhe condições para se tornar um autêntico líder que primou por atitudes aglutinadoras e conciliadoras.

No ano em que seus trabalhos escritos começaram a ser publicados (2.010), Barbosa Nunes já era um cidadão realizado do ponto de vista financeiro. Por isso é certo que a sua revelação como escritor se deu por vocação, sem a motivação de qualquer outro interesse.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

BARBOSA NUNES, filho de Juvenal Nunes Barbosa e de Alice Barbosa Nunes, nasceu no dia 19 de setembro de 1.944, em Itauçu-GO, onde passou seus primeiros anos de vida. Seu pai tinha como principal fonte de renda o trabalho que exercia como radioamador, fazendo propagandas e transmissões

Maçonaria Contra as Drogas, de 2.001 até março/2007, período em que o irmão Laelso Rodrigues se encontrava no exercício do cargo de Grão-Mestre Geral.

Na gestão do Grão-Mestre Geral, Marcos José da Silva (de 2.007 a 2.015), recebeu incumbência para atuar como mediador em busca da pacificação em dois conflitos envolvendo o GOB: um, com o Grande Oriente de Minas Gerais e o outro, com o Grande Oriente de São Paulo. Sua missão foi exitosa quanto ao fim das desavenças em ambos os casos.

Foi diplomado Deputado Estadual pelo Tribunal Eleitoral, em 2.001, conforme registro nº 11.130.

Uma das primeiras homenagens que lhe foram prestadas após a sua morte, ocorreu no dia 17 de maio de 2.019, em sessão magna promovida pela ARLS José Ribeiro Mendes nº 4548, Oriente do Piauí, quando, o Grande Oriente do Brasil daquele Estado autorizou o funcionamento provisório da recém-fundada ARLS EURÍPEDES BARBOSA NUNES, a qual, de acordo com os seus atos constitutivo, optou pela prática do Rito Moderno.

Barbosa Nunes faleceu, vítima de infarto, no dia 03 de abril de 2.018, na cidade de Sinop-MT, quando se encontrava em campanha que tinha como objetivo a sua eleição ao cargo de Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil.

LJ EURÍPEDES BARBOSA NUNES Nº 4.634
GOB/PI - TERESINA - PI - MAIO/2019

M33
WWW.M33.COM.BR

Loja Maçônica Eurípedes Barbosa Nunes, Or. do Piauí, fundada em maio de 2019



tempo de estudo

I) MUTABILIDADE DOS LANDMARKS

Maycon Vicente Inácio | Colaborador

Toda construção necessita ter seu fundamento bem estruturado para se manter perene; desta feita a parábola da casa feita sobre a rocha contém um importante ensinamento: a edificação para eternidade. Desta mesma forma a Maçonaria está construída sobre rochas de forma infundável, nas quais os Landmarks estão em sua base, estruturando-a.

Conceitualmente a expressão inglesa landmark significa literalmente, limite de um território.

No âmbito Maçônico RAYMUNDO D'ELIA JUNIOR nos ensina que “Os ‘Landmarks’ são considerados como as mais ‘antigas leis’ que regem a Maçonaria Universal, portanto, sendo caracterizados, principalmente, por seus ‘valores morais intrínsecos’, bem como, por sua antiguidade.”

CASTELLANI, por sua vez, nos esclarece que “para que uma norma seja considerada um landmark, ela deve ser, principalmente, antiga, espontânea e geralmente aceita, ou seja: deve existir desde tempos imemoriais, não ter autor conhecido e ter uso universal”.

Ao longo dos anos surgiram diversas classificações de landmarks, dentre as quais a mais aceita é a de Albert Mackey com 25 landmarks. Há outros classificadores como Pound, Findel e Berthelon. Exatamente o Landmark nº 25 de Mackey trata da imutabilidade nas seguintes palavras “Assim como de nossos antecessores os recebemos assim os devemos transmitir aos nossos sucessores – Nolumus est leges mutari”.

A Constituição do Grande Oriente do Brasil, Título I – Da Maçonaria e seus Princípios, Capítulo I – Dos Princípios Gerais da Maçonaria e dos Postulados Universais da Instituição, traz em seu Art. 1º que a “Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, cujos fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.”

Destaca-se que a Maçonaria é progressista e evolucionista, no sentido de que pugna pelo constante aperfeiçoamento da humanidade.

Mais adiante no parágrafo único do Art. 4º, Capítulo II – Do Grande Oriente do Brasil, está registrado em nossa Constituição que “Serão respeitados os LANDMARKS, os postulados universais e os princípios da Instituição Maçônica”.

Disto temos que a Maçonaria reconhece, respeita e se projeta em fundamentos imutáveis dos quais refletem os Landmarks.

Assim, surge o aparente conflito entre ser imutável de um lado, e progressista e evolucionista de outro.

A colisão é apenas aparente porque quando estamos diante de normas estruturantes, como os Landmarks, não há verdadeiro conflito, eis que devemos resolvê-los através de interpretação teleológica, interpretação histórica, até mesmo da ponderação, dentre outras técnicas, e não somente através de uma interpretação literal. Na tarefa interpretativa os métodos se complementam.

De forma sucinta, eis que não trata-se do ponto central desta peça de arquitetura, interpretação literal é aquela que se atenta somente ao texto gramatical, das palavras empregadas; interpretação histórica leva em consideração o contexto da época em que as normas foram produzidas; interpretação teleológica busca descobrir a finalidade que a norma objetiva atingir. Por sua vez a ponderação faz uma harmonização de normas à luz da proporcionalidade e da razoabilidade.

À guisa de exemplificação temos que, o Landmark nº 18 de Mackey traz que “os candidatos à Iniciação devem ser isentos de defeitos ou mutilações e livres de nascimento”. Registre-se, por oportuno, que já estávamos na forma atual, ou moderna de Maçonaria, também denominada de especulativa, eis que na época de Mackey a Maçonaria já não era mais operativa; em que a preocupação com aptidão física seria mais oportuna.

Da mesma maneira, na época do autor, um homem que conseguiu se libertar da escravatura jamais entraria em nossas fileiras.

Tal fato tem um fundamento histórico que não pode ser transplantado para os dias atuais, o renomado Maçom vivia nos Estados Unidos da América na época da Guerra de Secessão ou Guerra Civil, em meados do século XIX, em um dos Estados mais escravocratas e, até hoje, mais racistas da América do Norte, a Carolina do Sul.

Utilizar eufemismo de que o homem deve ser livre de nascimento para entrar em nossas fileiras, poderia ter sido utilizado como pano de fundo para se vetar pessoas negras no âmbito maçônico. A Constituição do GOB suplantou o citado landmark com outra leitura, trazendo em seu Art. 27, inciso I, que para ser admitido na Ordem maçônica o candidato tem que “ter aptidão para a prática dos atos de ritualística maçônica”.

Frente a evolução das ciências, dentre outras mudanças, atualmente a interpretação da sobredita “aptidão física” está de sobremodo ampliada. Não é inoportuno dizer que a solidariedade humana é um dever do Maçom; que possui em seu teor um viés inclusivo.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 15% da população global – mais de

Peça de arquitetura apresentada para aumento de salário

um bilhão de pessoas – possui algum tipo de deficiência. No Brasil o índice é de 23,92%, de acordo com o Censo 2010.

Em outras palavras, se nos apegássemos à literalidade do landmark nº 18 de Mackey, excluirmos grande parcela de ilustres maçons que possuem algum tipo de deficiência que não os impedem de participar ativamente de nossas atividades.

Não podemos nos furtar de dizer que algumas adaptações mecânicas, torna a pessoa mais eficiente para determinadas tarefas que aquelas que não possuem deficiência alguma.

Com o aumento da expectativa de vida, até mesmo a idade pode apresentar em algum aspecto, certa perda da eficiência de nosso corpo físico. Ademais, a Maçonaria proclama a prevalência do espírito sobre a matéria.

Atualmente entende-se que a acessibilidade e interação não deve ter como foco a pessoa com limitação e sim no ambiente que, muitas vezes, não está habilitado ao desenvolvimento cognitivo do ser humano com algum tipo de restrição.

Não tendo o condão de encerrar o assunto, mais apenas de deixar algo como ponto de partida para uma reflexão, há mecanismos de interação para cegos e surdos, e até mesmo para quem possui surdocegueira, que os fazem vivenciar experiências, como estar em um ambiente; o que é ignorado por boa parcela da população, como o sistema pictográfico de comunicação, o tadoma, dentre outros.

Ocorre que talvez nosso ambiente social não esteja ainda preparado, o que pode ocorrer paulatinamente, dentro das balizas maçônicas de ser progressista e evolucionista.

Vestidos de seriedade e, da mesma forma, despidos de vaidades e de presunções, a melhor forma de enxergarmos os landmarks são como regras mestras que devem ser interpretadas e aplicadas à luz da atual sociedade que estamos inseridos e não como parâmetros estanques separados da realidade.

Desta maneira, frente a humanidade a Maçonaria sempre será atual, crescendo rumo a eternidade, com observância obrigatória de suas tradições e de seus fundamentos estruturantes dentre os quais estão inseridos os Landmarks.

Para rememorar o fato de que a Arte Real sempre se renova, em constante evolução, deixo-os com a citação do goiano, Bernardo Élis, ocupante da Cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras, “Amanhã tudo vai começar de novo”.



reflexão

A EMPATIA NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

Na obra “O Futuro da Humanidade”, do renomado autor August Cury, o céptico médico Marco Polo é induzido a conhecer o mendigo Falcão, que mesmo com visões de mundo diferentes aprendem a se colocar um no lugar do outro. Em contrapartida, na realidade brasileira atual, a maioria dos indivíduos carece dessa capacidade empática, principalmente pela ignorância que se enraizou ao longo dos anos na sociedade. Por isso, é indubitável a discussão sobre a importância da empatia nas relações sociais. Logo, urge como causa do problema, o comportamento superficial entre os cidadãos e como este traz problemas de convivência em sociedade.

Em primeira análise, é necessário afirmar que à medida que as gerações evoluem, os pensamentos

do próximo estão sendo banalizados. Para contextualizar, o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman confirma em sua teoria “Modernidade Líquida”, que anteriormente a sociedade era sólida e possuía relações rígidas e duradouras, mas esta abriu cada vez mais espaço para que houvesse uma fragilidade de laços interpessoais, com mentalidades voltadas para a época que vivem, tornando as relações líquidas. Isso se confirma na prática, principalmente na geração Z, onde os aparelhos eletrônicos e a internet generalizaram o contato pessoal.

Consequentemente, há o surgimento de conflitos no convívio social, como a intolerância, o preconceito e o bullying. Esses preceitos podem estar associados tanto a educação familiar, quanto a educação escolar, pois de acordo com o filósofo

Vygotsky: “o indivíduo é fortemente influenciado pelo meio que está inserido”. Por analogia, a família que é o órgão de o maior peso na educação, é responsável por mostrar a compaixão desde cedo aos filhos e direcionar esse comportamento para todos os tipos de pessoas que passarem em seu círculo social. Além de que, com o surgimento das redes sociais, a busca pela verdade absoluta em opiniões distintas se tornou a margem para brigas e fragilização de laços.

Portanto, em vista da importância da empatia nas relações sociais, surge a necessidade de melhorias no meio social. Dessa maneira, o Estado por meio da mídia, deve promover propagandas nos meios de comunicação, sobre a empatia e mostrar que ela é a chave para superar qualquer conflito – pois gera proximidade e conforto para pessoas que não conhecemos – ademais, é necessário que a prefeitura com o auxílio das escolas, promova rodas de conversa no período contraturno entre professores e alunos, para que a empatia esteja presente nos âmbitos pedagógico, familiar e social. Apenas desse modo, as relações sociais com mais solidariedade serão firmadas assim como na relação descrita por Cury em seu livro.



artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16

João Gonçalves Borges, já falecido, nasceu no dia 22 de abril de 1914, em Trindade – GO. Era filho de Francisco Gonçalves Borges e Rosa C. Borges. Casado com Ilza Ferreira Borges, tendo os filhos Ilton, Ieda e Irone. Fez o curso primário na Escola Municipal da Intendência. Diretor Agropecuário da FAMA, de 1975 a 1976. Comerciante de Ferragens e Secos e Molhados de 1967 a 1975.

Foi fundador do Goiás Esporte Clube, onde exerceu o cargo de Tesoureiro, na época Laerte Ferreira de Araújo, que também foi Grão-Mestre, era o Presidente do Goiás Esporte Clube.

Iniciado na Loja Adonhiram nº 44, no dia 02/02/51, onde exerceu vários cargos, dentre eles de 1º e 2º Vigilante



e Venerável Mestre por dois mandatos. Foi um dos fundadores da Loja Paz Universal nº 17, dia 30 de agosto 1958, para onde transferiu e exerceu o cargo de Venerável Mestre por três mandatos.

Tomou parte na fundação da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, na época era Aprendiz Maçom da Loja Adonhiram nº 11.

Na Grande Loja exerceu o cargo de Grande 1º Vigilante por duas vezes.

Oficiais do Grão-Mestrado de João Gonçalves Borges, 1966/1969:

O Grão-Mestre Adjunto foi Laerte Ferreira de Araújo, depois substituído por Balduino Silva. O Grande 1º Vigilante foi Antônio Estevam de Barros; o Grande 2º Vigilante José Quinha de Sousa, substituído por

João Gonçalves Borges – Sexto Grão-Mestre da Gleg – Período de 1966/1969

Jerônimo Bareicha; Grande Orador Benedito Barreira de Moraes; Grande Secretário Chanceler Guarda Selos Waldemir Borges, Grande Secretário de Relações Exteriores Rolan Martin.

Em seu mandato foram fundadas as Lojas Esperança de Goiás nº 26; Mahatma João Racy nº 28; Flor de Lyz nº 31; União Feliz nº 31, em Goiânia; Bandeirantes do Araguaia nº 32, em São Miguel do Araguaia; Cruzeiro do Sul nº 33, em Itapuranga e Ita Universal nº 34, em Itaguaru.

Quando foi eleito Grão-Mestre pertencia a Loja Paz Universal nº 17.

Foi investido no Grau 33. Recebeu a Comenda da Ordem do Mérito Maçônico “Lafayette Teixeira França”.

João Gonçalves faleceu no dia 18 de agosto de 2000.



crônica

A MÚSICA E A MAÇONARIA: AMADEUS MOZART

Hélio Moreira | Cadeira nº 27

A cidade de Salzburg, localizada na Áustria, perto da fronteira com a Alemanha, incrustada entre as montanhas dos Alpes, é considerada uma das mais bonitas da Europa; o turista, que a visita pela primeira vez, não deixará de ficar extasiado com a arquitetura das suas casas, das suas ruas e, principalmente sua aparência de tranquilidade.

Para todos os lados que nossos olhos se dirijam, veremos montanhas, quase sempre cobertas por neve no seu cume e as geleiras que, ao se liquidificarem, escorrem ladeira abaixo para formarem, aqui embaixo, na planície, o rio Salzach que cruza a cidade em toda sua extensão.

Não há como não se extasiar com a beleza dos seus múltiplos jardins, a visão romântica de muitas igrejas, quase todas seculares, com suas torres lembrando o estilo da época medieval, seus castelos, alguns suntuosos como o de Hohensalzburg, localizado em posição proeminente, assombreado, como fazia há muitos séculos, os habitantes da cidade.

Suas alamedas, algumas estreitas e floridas, levam-nos, com pouco esforço imaginativo, de volta a um passado de quase três séculos; misturamos com o gentio do século XVIII, ouvimos o burburinho de carruagens e o tropel de cavalos nas vias pavimentadas de pedra.

Se, nesta viagem, esperamos a chegada da noite, veremos os encarregados da iluminação daquela vila de dez mil habitantes descenderem, em algazarra pelas ladeiras, empunhando tochas em suas mãos calejadas da labuta diária.

Neste ambiente bizarro e cheio de contrastes, onde o poder absolutista dos

mandarins sobrepunha-se à vontade de qualquer habitante, onde a promoção social era praticamente impossível e aquele que, embora tivesse algum mérito pessoal, não pertencesse à casta dominante, só atingiria posições de destaque se transigisse nos seus princípios para agradar aos poderosos.

Neste local, onde a vista circunvoava o romantismo da natureza da região, no dia 27 de janeiro de 1756 nasceu Wolfgang Amadeus Mozart, uma estranha força que nasceu com a luz para resplandecer na escuridão dos costumes.

Seu pai, Leopold Mozart, foi um músico sem expressão, porém, percebeu que era o pai de um gênio e assumiu esta missão, desde os primeiros sinais do talento musical do filho, estando sempre ao seu lado, tanto na juventude como na vida adulta, passando a viver, daí em diante, praticamente, em função da sua formação.

Mozart viveu sua infância neste ambiente majestoso da natureza, em meio a jardins que emanavam a fragrância das flores trazida pelos ventos dos Alpes que corriam pela planície da Baviera.

Dedicava, praticamente, todo seu tempo em função da música; aos cinco anos de idade já compunha, aos seis, fez sua primeira excursão à Corte de Maximiliano III em Munique, onde se exibiu publicamente, aos sete, excursionou, durante mais de três anos, pela França e Inglaterra. Por ser considerado gênio e precoce, Mozart era motivo de curiosidade cada vez mais aguçada nas cortes europeias, sendo, por isto, muito requisitado para viagens.

Em 1781 casou-se com Constance, que lhe deu seis filhos, sendo que apenas

dois deles sobreviveram; a luta pela sobrevivência era muito difícil, pois, Mozart nunca conseguiu um cargo público que lhe desse tranquilidade financeira para trabalhar com a sua música.

Na sua peregrinação na busca de uma oportunidade, teve que se humilhar, como registra a história, frente ao Arcebispo Hieronymus Coloredo, governante de Salzburg, que o expulsou da sua sala; somente em 1787, quatro anos antes da sua morte, ele foi nomeado para o cargo de Real e Imperial Compositor da Corte, porém, com ordenado, até vexatório, para os padrões da época.

Mozart trabalhava até 14 horas por dia, compondo por encomenda, peças musicais, óperas, sinfonias, além de se apresentar em saraus e concertos.

Foi nesta época que ele se aproximou de um grupo de pessoas que não aceitava a hegemonia do poder absolutista, discutiam e pregavam a vitória do espírito e do intelecto; estes homens, que vieram desempenhar uma grande influência na sua vida, eram livres e de bons costumes.

É de se ressaltar que pertenciam a esta classe de homens, algumas das grandes expressões da intelectualidade da época, como Goethe, Schiller, Herder e Fichte.

Eram os maçons!

No final do ano de 1784, Mozart foi admitido na Ordem Maçônica em uma loja, de nome Benevolência, da cidade de Viena; a partir daí, pode-se verificar grande influência do simbolismo da Ordem na sua obra.

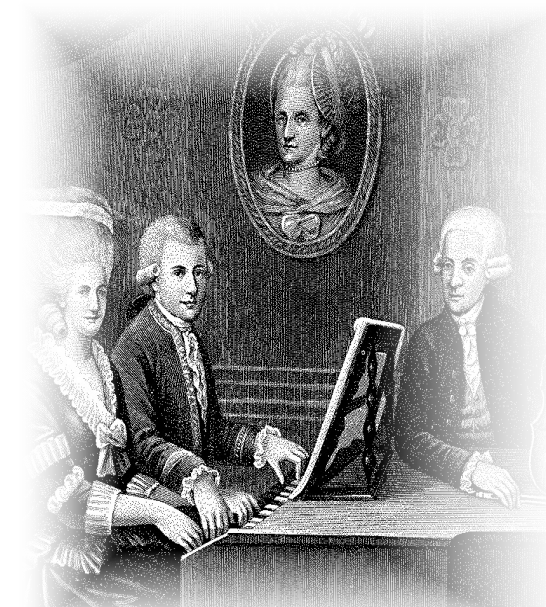
Em uma oportunidade conseguiu encontrar e adquirir em uma loja de

Duas vertentes na sua vida

discos de Salzburgo um “vinil” compacto com todas as suas peças maçônicas; a primeira composição que ele fez para uma ocasião maçônica foi a cantata “Fesellenreise – K. 468”, dedicada ao seu pai, também maçom; muitas outras seguiram-se a esta, como “Die Maurer Freuse – K. 471”, “Música para funeral maçônico – K. 477”, “Canção para abertura e fechamento da Loja – K. 483 e K. 484”, “Alma da criação – K. 429”, etc.

No entanto, os iniciados na Ordem consideram como uma das suas mais belas produções maçônicas a Ópera “A Flauta Mágica”, levando Goethe, após assisti-la, escrever: “A maioria dos espectadores irão gostar, os iniciados na Ordem maçônica, como eu, irão entender o simbolismo que encerra esta peça”.

Nove semanas após a estreia desta ópera, no dia 5 de dezembro de 1791, Mozart morreu, quase que na miséria.





crônica

A ESPERANÇA DA VITÓRIA

Filadelfo Borges de Lima | Cadeira nº 08

Corria o ano de 1957. Era eu adolescente na bonita Jataí, onde nasci no amanhecer da segunda-feira de 31 de julho de 1944. Em 1956 comecei a torcer por clube de futebol. Apaixonei-me pelo Fluminense, o *Tricolor das Laranjeiras*. Por que o fiz? Foi amor à primeira vista e esse sentimento conservo. Pelo interior do Brasil afora torcia-se por clubes das cidades do Rio de Janeiro, então sede do governo federal, e de São Paulo, capital do estado homônimo.

Dentre aqueles o Flu, o Flamengo, o Botafogo, o Vasco da Gama América e Bangu situavam-se na intermediária e na terra paulistana o Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos. A Portuguesa não era grande e nem pequena, ficava no meio. O futebol de

prestígio nacional era, portanto, representado por essas agremiações. Queria comemorar o título de campeão carioca do meu querido tricolor em 1956, mas quem o venceu foi o Vasco. Fluminense, vice-campeão. O prazer veio no Torneio Rio-São Paulo de 1957, quando o time de Álvaro Chaves, invicto, o venceu. A seguir veio o Carioca e na sua decisão se encontraram, no Maracanã, Fluminense e Botafogo. Salvo engano meu, o técnico do Fluminense era Sílvio Perillo; do *Alvinegro de São Januário*, o famoso João Saldanha; na sua lateral-esquerda brilhava Nilton Santos, talvez o melhor do mundo nessa posição. Na ponta-direita botafoguense desfilava Garrincha, que muitos consideram o maior astro futebolista, de todas as épocas, do planeta. O extraordinário meia

Didi também defendia o time da estrela solitária. Paulo Valentim, mais conhecido por Paulinho, o centroavante. Primeiro tempo, Botafogo 3 x 0, todos os gols marcados por ele.

Na segunda fase ele fez mais 2 e Garrincha deixou o seu. Waldo, o maior artilheiro da história do Fluminense, teve autoria de um gol; Telê marcou o outro. Castilho, um dos mais reverenciados goleiros do Brasil, defendia o Tricolor. Pinheiro, craque da Seleção, era o beque (palavra que desapareceu do dicionário futebolístico) central fluminensista. Altair, também do selecionado nacional, jogava na lateral-esquerda tricolor. Saldanha foi objetivo: *joguem a bola para o Garrincha que driblará a defesa do Fluminense e a entregará ao Paulinho, que estará livre para marcar os gols*. E assim se fez. Tristeza me invadiu. Afinal, o Fluminense é uma paixão que carrego.



opinião

ESCRavidÃO DO AMOR: PAIS E FILHOS

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

Tenho visto nos últimos tempos pais e mães que perderam o controle da criação de seus filhos, estando à beira do desespero.

Crianças de todas as idades, sendo algumas que ainda nem aprenderam ler e escrever, dominando a casa e a todos, impondo o mais perverso absolutismo dos déspotas medievais.

Por outro lado, pais e mães muito cansados, no limite do Diazepam, sofrendo a pior das capitulações: a escravidão do amor.

Vou esclarecer melhor com alguns exemplos.

Você leitor, já viu aquela criança que dá birra no supermercado, gritando a todos os pulmões, xingando e rolando no chão? E aquela que fica andando e os pais com uma colher de comida seguindo atrás, implorando para parar e comer um pouco? Também tem a que, em visita à casa dos outros, pisa no sofá com o tênis fosforescente sujo, sobe na mesa de centro com tampo de vidro (e ainda pula!), corre alucinadamente por

todos os cômodos e grita que quer ir embora a cada 30 segundos, mexendo (e quebrando!) em todos os objetos de decoração a seu alcance. Falta ainda a que bate no rosto dos pais, interrompe irritantemente a conversa dos mais velhos, dorme e acorda à hora que bem entende, desobedece todos e tudo que lhe é recomendado, briga e agride babás, colegas e professores, come quando e o que quer, etc, etc, etc...

E não pense que isso acontece raramente ou apenas na casa de um conhecido distante. Infelizmente isso tem ocorrido recorrentemente, dissipando tais comportamentos numa velocidade e em número que faria inveja ao vírus Covid 19.

Mas o problema não veio com as crianças, foi-lhes contaminado pelos pais. Ou melhor: os pais "estragaram" seus filhos.

Vim de uma criação rígida e com bastante disciplina. Jamais desobedecia aos mais velhos, nem os interrompia quando conversavam, nem corria pela

casa dos outros, sob pena de receber um baita sermão, algumas vezes acompanhado de boas e merecidas chineladas.

Meu pai me acordava cedo, mesmo aos finais de semana quando não tinha trabalho a fazer. Isso mesmo: trabalho. Trabalhava desde muito jovem, o que certamente moldou minha geração e lapidou nosso caráter.

Ocorre que os pais mais jovens foram menos exigidos por seus pais e, agora, eles perderam completamente o controle das crianças.

Atualmente é comum a terapia psicológica feita com os pais e com os filhos, sendo os primeiros culpados pela trágica situação na grande maioria dos casos.

A rigidez moral, a conversa cotidiana, a transmissão de bons valores e ensinamentos, os exemplos transmitidos dos genitores aos seus filhos, foram substituídos pela completa ausência dos pais na educação das crianças.

Infelizmente o tempo de convívio familiar foi tomado pelo trabalho,

academia, salão de beleza, Instagram, Whatsapp, aplicativos de smartphones, reunião com os amigos, etc, e a educação foi terceirizada para a babá, a cuidadora, a escola, os amigos dos filhos, os aplicativos de celular, filmes, jogos, redes sociais, etc.

Realmente tenho grande preocupação por essa geração de crianças que não sabem ouvir um não e só querem fazer o que lhes convier. Com o crescimento, vêm as cobranças, as obrigações, os problemas do dia a dia, que normalmente resultam na depressão, ansiedade, pânico e até pensamento suicida por quem nunca precisou ter responsabilidade por nada!

Não vejo outro recurso: aos pais que já se perderam pelo caminho, precisam buscar profissionais especializados e aqueles que ainda têm tempo, façam como nossos pais e sejam rígidos, mas afetuosos, digam não, e acreditem que isso somente fará bem, com isso, ainda poderemos educar nossos filhos, para que não tenhamos uma geração inteira "pitizenta".



ciência & saúde

TEMPOS DE RESILIÊNCIA

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Com tantos desafios, vivemos tempos sombrios, onde pessoas perdem o emprego, aceitam redução de salário, são despejados. Algumas desmoronam, afundando na depressão ou sofrendo uma perda de confiança permanente.

Mas outras se recuperam. Como exemplo: tem pessoas que tiram vantagem de uma demissão para construir uma nova carreira. O que faz alguém sobreviver aos tempos ruins? Chamamos de resiliência. Pessoas resilientes possuem três características

que as definem: aceitam com calma a realidade difícil que enfrentam, encontram sentido em épocas terríveis e tem uma extraordinária capacidade de improviso, usando o que estiver à mão. Durante momentos desafiadores, a resiliência se torna mais importante do que nunca. Felizmente, é possível aprender a ser resiliente.

Nesta reflexão, pessoas resilientes podem seguir alguns passos: encare a realidade, ou seja, em vez de cair em negação para lidar com a adversidade, veja

a realidade de sua situação com sobriedade e pé no chão.

Na prática, busque sentido, resista também a qualquer impulso de ser vítima, em tempos difíceis. Desenvolva reflexões sobre o momento e busque criar sentido pra você e para os outros, assim você poderá criar pontes de sua provação atual para um futuro melhor, levando o presente de forma mais administrável.

Improvisar continuamente: seja criativo nas adversidades, faça o melhor que puder com o que tem, usando seus recursos de modos inusitados e imagine possibilidades que os outros não conseguem ver.

Em momentos de desafios, as pessoas e empresas resilientes enfrentam a realidade com convicção, encontram sentido nos obstáculos e improvisam soluções do nada. Esta é a natureza da resiliência, e nunca vamos entendê-la por completo.



artigo

O QUE VOCÊ GOSTARIA DE SABER SOBRE A UCRÂNIA E NÃO TEM A QUEM PERGUNTAR

Michael Winetzki | Colaborador

Meu pai nasceu em uma pequena aldeia na Ucrânia em 1917. Havia então no país uma grande comunidade judaica. Estudou na Escola Militar de Odessa, foi aluno brilhante e matemática e física e tornou-se capitão de artilharia, responsável pelos cálculos que permitiam estabelecer as trajetórias balísticas dos obuses.

Em memória a meu pai vou falar um pouco de seu país natal.

Com a divisão do Império Romano e o estabelecimento de Constantinopla, como a capital do Império Romano do Oriente, esta tornou-se uma das cidades mais ricas, belas e afluentes do mundo.

Situada geograficamente em um ponto estratégico, no estuário chamado pelos gregos de Chifre de Ouro, como se fosse o imenso chifre de um touro mitológico encravado no Mar de Bósforo que dividia o lado europeu com o lado asiático do Mar de Mármara.

A cidade foi reconstruída pelo Imperador Constantino sobre uma pequena cidade já existente, Bizâncio, e é privilegiada com um profundo porto natural que facilitava o comércio para todas as civilizações que lá estiveram, desde os gregos e romanos, até os otomanos.

A cidade tinha poderosas fortificações e uma das mais notáveis era a pesadíssima corrente de mais de um quilometro de extensão com elos de ferro de mais de um metro de largura que formavam uma barreira flutuante intransponível para que navios inimigos não tivessem acesso à cidade.

Em 1204 as galeras venezianas utilizadas pela Quarta Cruzada lograram romper a corrente e saquearam a cidade destruindo tudo o que puderam. Em nome de Cristo cometeram atrocidades inenarráveis.

Os vikings, que os bizantinos chamavam de varegues e nós chamamos de eslavos, muito

fortes, altos e loiros, como são exibidos pela mitologia, hábeis navegantes e intrépidos cavaleiros, vindos das regiões nórdicas onde estão a Escandinávia e a Noruega, em seus leves navios com uma tecnologia de casco simétrico que permitia manobras bruscas e rápidas também estiveram em Constantinopla que eles denominavam Michelgard.

Conta a lenda que o viking Harald Hadrade, ou ainda Harald o Severo, Rei da Noruega, conseguiu se apropriar de muitos dos tesouros de Constantinopla, inclusive daqueles que foram roubados do Templo de Jerusalém. Ele morreu em batalha, porém os vikings liderados por Ascoldo e Dir prosseguiram em seus navios para a Europa Oriental através dos inúmeros rios daqueles territórios, ora negociando, ora saqueando, até o Rio Dnieper, onde tomaram a Fortaleza de Kiev e no século IX fundaram o reino viking de Rus, chamado de Rus de Kiev, a origem das atuais nações Ucrânia e Rússia, num vastíssimo território que atualmente engloba Ucrânia, Rússia e Belarus até o Mar Báltico.

Desta forma desde sua origem existem fortes laços em comum na história, cultura, religião e comportamento. Kiev permanece como capital da Ucrânia e a cidade de Moscou só seria fundada no século XII. Vladimir I de Kiev (São Vladimir “o Grande” para a Igreja Cristã Ortodoxa) consolida o Reino Rus e impõe a religião cristã ortodoxa por volta do ano mil.

Entretanto nos séculos seguintes uma sucessão de conflitos e conquistas irá estabelecer novos costumes e identidades culturais para os povos que habitam a porção oeste. Em meados do século 13 o domínio pelos mongóis. No final do século 14, o território é dividido entre o Grão-Principado de Moscou e o Grão-Ducado da Lituânia (que mais tarde se juntou à Polônia). Depois foi governada pela dinastia dos Habsburgo dos impérios

Austríaco e Austro-Húngaro. Assim, essa porção ocidental do país teve uma história diferente daquela vivida no leste ucraniano e isso aumentou as influências europeias ocidentais.

Do lado leste, a margem oriental do Rio Dnieper, vasto território onde fica a Criméia o desenvolvimento político e cultural foi diferente. Houve forte influência dos tártaros, gregos e otomanos, até que ocorreu o domínio pelo Império Russo que expandiu suas conquistas até o centro do país até então controlado pela Polônia. Do lado oeste as terras passaram da Polônia para o Império Austríaco.

Em função destas e de muitas outras mudanças de governo e da imposição de múltiplas culturas o professor de estudos ucranianos da Universidade College London, Andrew Wilson, (apud bbb. news) ensina que “deve se ver a Ucrânia, tanto pelo seu território quanto pela sua identidade, mais como um quebra-cabeças dinâmico do que como uma unidade estanque”.

Enfim, ao longo dos séculos ocorreram inúmeras mudanças que não nos cabe descrever numa pequena apresentação. A partir de 1917, pós-revolução Russa, ocorre a criação da União Soviética, que unifica sob um governo central de Moscou diversos países, incluindo a Ucrânia.

Deve se destacar a marca de uma grande tragédia, o “Holodomor”, a Grande Fome de 1932 a 1934, quando o ditador Stalin se apropria de toda a produção de alimentos do país para punir sua “insolência nacionalista” (apud Lucien Bianco). Apesar deste evento não constar na história oficial da URSS tem se como certo que pelo menos sete milhões é o número de pessoas mortas pela fome na Ucrânia.

No dia de Natal de 1991 a União Soviética foi dissolvida e todas as nações que compunham a URSS se tornaram independentes, embora pró-Rússia, com exceção da Ucrânia que declarou “status” de neutralidade e buscou aproximação maior com a Europa e com a OTAN. Porém em 2013 o presidente Victor Yanukovich suspendeu os acordos de parceria com a União Europeia e buscou maior aproximação com a Rússia gerando protestos e manifestações populares que duraram vários meses e ficaram conhecidas como Euromaidan ou Revolução da Dignidade.

O governo foi derrubado e assumiu um novo presidente



crônica

O SILÊNCIO DE DEUS

Adélio Ala | Colaborador – Presidente da Academia Rio-verdense de Letras, Artes e Ofícios – ARLAO

No silêncio calmo da minha mente, caminho como um errante fugindo dos ruídos encobridores da verdade. Nesse caminhar suave, vou descobrindo pequenos fragmentos de reflexões preciosas; detenho-me diante de um ponto colorido e reluzente, parece um diamante. É uma joia rara, os feixes de luz lembram a suavidade do amor gratuito, misericordioso; vibra intensamente, mas aos poucos vai esmaecendo, assim como acontece nas relações cotidianas interesseiras, sempre querendo algo em troca. Mas aqui não. Esta é a minha mente, lugar de silêncio. E esse é um ruído dissonante, é treva, ausência de luz. No mesmo instante, faz-se luz, vem o suave esclarecimento:

a misericórdia é irmã gêmea da gratuidade e necessariamente, devem existir juntas.

Caminhante e caminho se encontram na encruzilhada para romper as amarras. Mais do que antes é preciso amar os inimigos, fazer o bem a quem nos odeia. Falar bem de quem fala mal; e orar pelos caluniadores, rompendo assim, o círculo de vingança e ódio. A luz fica mais forte e brilhante, ajusta-se o foco da não-violência. É difícil oferecer a outra face ao ser agredido. Mas, é necessário. É preciso ir além da resignação e encarar a truculência, sem sofrer, sem revidar, sem agressividade. A face oferecida precisa brilhar de amor para vencer o agressor. Quem revida com amor, vence.

O princípio do amor gratuito e misericordioso, quando se instala na vida de um, move a vida do outro; porque desde o princípio, eu e o ‘outro’ somos um. Assim, ainda que eu seja esbofetado nas duas faces, no silêncio iluminado da minha mente, fulgura o amor gratuito e misericordioso, que não revida com o mal, pois está sempre atento ao bem. A palavra de Jesus, sempre atual, nos ensina: “Ao que te bate numa face, oferece-lhe igualmente a outra; e, ao que tirar a tua capa, não o impeça de tirar-te também a túnica”.

Na correria desenfreada do dia-a-dia, nas emboscadas traiçoeiras da vida surgem os confrontos de egos, cada vez mais inflados pelos olhos instalados em todos os cantos e recantos, que

instantaneamente fazem brilhar milhares de telas. Nesse momento, devemos ouvir a voz que chega devagar e só é audível quando em silêncio ouvimos a voz de Deus. Antes de chegar no outro, meça a caminhada com passos suaves. A jornada será sempre uma aventura paradisíaca, transformando caminho e caminhante. Então, o revide será abraço da face esbofetada no falso eu egoísta.

Assim, tenho seguido no silêncio calmo da mente, o olhar do meu irmão, atento para não chamá-lo de ‘outro’. Sigo sem desviar das curvas do caminho, ouvindo o suave sussurro do silêncio:

“O Amor de Deus é sempre atencioso e jamais falha. / O Amor de Deus ama até as pessoas que não O amam. / O Amor de Deus não se frustra, mesmo quando não é correspondido. Não existe tristeza para o Amor de Deus. / O Amor de Deus somente ama. / O Amor de Deus não pede para ser amado. / O Amor de Deus é incondicional. / O Amor de Deus não exige retribuição. / O Amor de Deus atinge seu objetivo simplesmente amando.



artigo

O SIGNIFICADO DO ACASO NA FILOSOFIA

Paulo Marra | Cadeira nº 17

*Nós somos feitos um pro outro pode
crer, por isso é que eu estou aqui;
e não há lógica que faça desandar,
o que o acaso decidir...*

Lulu Santos – Um pro outro

Na linguagem corrente, a palavra *acaso* é frequentemente utilizada para designar a causa fictícia daquilo que acontece de modo imprevisto; melhor ainda, é o nome que é dado à ausência de causa, àquilo que parece não resultar nem de uma necessidade inerente à natureza das coisas nem tampouco de um plano concebido pela inteligência: tudo o que nos parece indeterminado ou imprevisível aparece-nos como efeito do acaso.

O indeterminismo se refere a uma doutrina que se opõe ao determinismo, ou seja, no sentido metafísico, é a concepção segundo a qual os eventos não possuem causas determinadas, não podendo ser previstos nem explicados a partir de leis gerais, estando sujeitos ao acaso sendo sua ocorrência contingente, que é o caráter de tudo aquilo que é concebido como podendo ser ou não ser, ou ser algo diferente do que é (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

Utilizando um exemplo de indeterminismo ou incerteza na física quântica de Heisenberg (1901-1976), é a impossibilidade de medir de forma precisa a trajetória de uma partícula subatômica, por não se poder determinar com a mesma precisão sua velocidade e sua posição (ENTLER, 1997).

Nesse sentido, é bastante nítido como o acaso assume com frequência, e cada vez mais, o centro de debates da filosofia, matemática, física e da biologia, mas ainda de longe de se poder observar um consenso sobre o significado deste termo.

Para Japiassú e Marcondes (2006), o acaso, do latim *casus* é aquilo que não podemos prever, o que permanece indeterminado. Historicamente, na filosofia antiga e renascentista, assemelha-se ao destino accidental da criação do mundo e à contingência dos acontecimentos futuros, quer dizer, à sua não necessidade. Todavia, todo o esforço do homem consistiu em reduzir a possibilidade do acaso.

Portanto, a complexidade do conceito de acaso já pode ser deduzida a partir da quantidade de palavras que são utilizadas em nosso cotidiano e que se relacionam ou se confundem com ele: sorte, azar, coincidência, acidente, contingência, indeterminação, destino, causa fortuita, aleatoriedade, sucesso imprevisto, causalidade, sorte, fortuna.

No entanto, definir tais palavras não leva a uma definição de acaso em função de suas relações um tanto obscuras.

Mas, pode-se tentar encontrar o que é comum, essencial nas definições, que se traduz no fato de que o acaso é sempre denominado a partir da impossibilidade de localizar as determinações de um fenômeno, o que pode levar a afirmações de coisas distintas sobre o processo fenomenológico: as causas do fenômeno são desconhecidas ou desconexas ou o fenômeno não possui causa. Estas situações sintetizam três fenomenologias, três posições epistemológicas para esse termo e podem-se distinguir três conceitos com interseções na história da filosofia: 1º – o acaso como desconhecimento das causas; 2º – acaso como cruzamento de séries causais independentes e 3º – acaso como ausência de causas.

1º – **Acaso como desconhecimento das causas** – Existe um princípio básico na filosofia que, em geral, não temos muita dificuldade para intuir, que é o de todo efeito tem uma causa. E se algo imprevisto ocorre, posso denominar o acaso sem que isso signifique que o fenômeno (acontecimento) escapou às determinações que regem o universo. Aqui o acaso diz respeito a um lapso do conhecimento e não da natureza, como diz o matemático Emille Borel: “O acaso é apenas o nome dado a nossa ignorância”.

Se joga uma moeda para o alto, não posso prever o lado que ela irá cair porque não é possível localizar o conjunto de forças que agem sobre ela. No entanto,

podemos afirmar que sua posição final tem uma causa (ENTLER, 1997).

Aristóteles (384-322 a.C) em sua obra (Fis., II) já falava da opinião segundo a qual a fortuna seria uma causa divina, oculta para a inteligência humana.

Os estoicos (325-264 a.C) equiparavam o acaso ao erro ou à ilusão; julgavam que tudo acontece no mundo por absoluta necessidade racional. É claro que quem admite uma necessidade desse gênero e a atribui (como achavam os estoicos) à divindade imamente no cosmos ou à ordem mecânica do universo não pode admitir a realidade dos eventos que costumam ser chamados de acidentais ou fortuitos e muito menos do acaso como princípio ou categoria de tais eventos; deve ver neles a ação necessária da causa reconhecida em ato no universo, negando como ilusão ou erro o seu caráter casual (ABBAGNANO, 2007).

É esse o motivo por que Kant (1724-1804), que modela suas categorias e seus princípios a priori, ou seja, anterior à experiência e dela independe, pela física newtoniana, inteiramente fundada no princípio da causalidade, nega a existência do acaso e, aliás, faz dessa negação um dos princípios a priori do intelecto: “A proposição, nada acontece por acaso é uma lei a priori da natureza”(KANT,2012).

Na filosofia contemporânea de Bergson (1859-1941) explicou o acaso pela confusão, meramente subjetiva, entre a ordem mecânica e a ordem vital ou espiritual: “Se a mecânica das causas que fazem a roleta parar sobre o número e me permitir ganhar e, por isso, agir como um gênio benéfico, para quem os meus interesses tivessem grande importância, ou se a força mecânica do vento arrancar uma telha do teto e a jogar sobre minha cabeça, isto é, se agir como um gênio maléfico a conspirar contra minha pessoa, verei em ambos os acasos um mecanismo no qual eu teria procurado e deveria encontrar, ao que parece, uma intenção: é isso que se exprime quando se fala de acaso”(BERGSON, 2015).

2º – **O acaso como cruzamento de séries causais independentes** – de outro modo, segundo a interpretação objetivista, o acaso não é um fenômeno subjetivo, mas objetivo, e consiste na interseção de duas ou mais ordens ou séries diversas de causas.

Para Entler (1997), uma série causal é a cadeia de causas e efeitos interligados, onde um fenômeno determina um outro, que determina um outro..., e juntos eles constituem uma série causal. Dentro dela, pode-se localizar as razões da existência de cada fenômeno, isto é, podemos dizer que cada fenômeno é “necessário”. Duas séries são independentes uma da outra quando falta um elo de determinação entre os fenômenos que compõem cada uma delas: hoje tem eclipse da lua, e furou o pneu do meu carro; são fenômenos (acontecimentos) desconexos, ou seja, não se pode observar numa série nada que possa ter determinado uma ação sobre a outra. No entanto, elas podem se cruzar no tempo e no espaço, determinando em conjunto um novo fato. Esta noção de acaso foi elaborada pelo matemático, economista e filósofo francês, Antoine Augustin Cournot (1801-1877).

Ele traz uma ilustração bastante célebre: “Uma telha cai do telhado de uma casa, passando eu pela rua ou não; não há qualquer conexão, qualquer solidariedade, qualquer dependência entre as causas que levam à queda da telha e aquelas que me fazem sair de minha casa para levar uma carta ao correio. Mas a telha cai sobre a minha cabeça, e eis este velho matemático fora de atividade: é um encontro fortuito, que ocorre por acaso”. Ou seja, ele pode compreender as forças que agiram sobre a telha e concluir que era necessário que ela caísse exatamente sobre sua cabeça. Por sua vez, ele sabe muito bem porque saiu de casa, planejou muito bem o seu dia, e não contava como o incidente. Seu trajeto era independente do trajeto da telha, suas determinações também. Cada série explica seu movimento, mas não o cruzamento (intercâmbio) propriamente dito.

Abbagnano (2007) esclarece que a noção de encontros, enredamento de séries causais para a explicação do acaso, foi retomada modernamente por filósofos, matemáticos e economistas que reconheceram a importância da noção de *probabilidade* para interpretação da realidade em geral. Assim, Cournot definiu o acaso como o caráter de um acontecimento “devido à combinação ou o encontro de fenômenos independentes na ordem da causalidade”.

3º – **O acaso como ausência de causas** – Este último conceito é o mais geral e o menos metafísico, sendo que este conceito de acaso pode remontar-se a David Hume (1711-1776) – filósofo e historiador escocês, que parece querer reduzir o acaso a um fenômeno puramente subjetivo, pois diz: “Embora não haja no mundo alguma coisa como o acaso, a nossa ignorância da causa real de cada acontecimento exerce a mesma influência sobre o intelecto e gera semelhante espécie de crença ou de opinião”. Mas, na realidade, se não existe “acaso como noção ou categoria em si, tampouco existe a “causa”no sentido necessário e absoluto do termo; existe somente a “probabilidade. E na probabilidade assenta o que chamamos acaso: “Parece evidente que, quando a mente procura prever para descobrir o acontecimento que pode resultar do lançamento do dado, considera-se o aparecimento de cada lado como igualmente provável; e essa é a verdadeira natureza do acaso: de igualar inteiramente todos os eventos individuais que compreende”(ABBAGNANO, 2007). Essa ideia de Hume deveria revelar-se extremamente fecunda na filosofia contemporânea. O conceito que o acaso consiste na equivalência de probabilidades que não dão acesso a uma previsão irrefutável em um sentido ou em outro foi enfatizado por Charles Sanders Peirce (1839-1914) – filósofo norte-americano de formação científica (físico e químico), que também viu sua implicação filosófica fundamental: a eliminação do “necessitarismo”, isto é, da doutrina segundo a qual tudo no mundo acontece por necessidade. Desse ponto de vista, o acaso torna-se um exemplo particular de juízo de probabilidade, mais precisamente, de que a própria probabilidade não tem relevância suficiente para permitir prever um evento. Nesse sentido, o acaso foi considerado uma espécie de “entropia”, e o conceito relativo comumente é empregado no campo da teoria da informação e da cibernética (ABBAGNANO, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto em física quanto em filosofia da ciência é útil fazer a distinção entre os aspectos “caóticos”e os processos “casuais” (*random*). Um processo caótico opera sem princípios fixos, sem orientação de leis naturais, sejam elas deterministas ou não.

Um processo casual (aleatório) opera de acordo com leis probabilísticas. Se na natureza existem ou não processos irredutivelmente casuais, processos que continuam aleatórios independentemente da profundidade do nível de descrição, eis aí uma questão controversa e amplamente discutida em física quântica.

Muitos dos problemas acerca do acaso derivam de uma interpretação frequentista da probabilidade, que implica, como consequência da “objetividade” das probabilidades, que o determinismo é falso. Mas a reflexão filosófica atual não exclui a possibilidade de que o determinismo se coadune com a instabilidade e o acaso, motivo pelo qual a própria interpretação frequentista da probabilidade é que deve ser posta em discussão.





reflexão

A ÉTICA E A MORAL

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Entenda o conceito e as principais diferenças!

Ética e moral são dois termos geralmente confundidos. Por serem parecidos, muitas pessoas assumem que o significado seja o mesmo. Embora estejam relacionados, são termos que têm origem bem distinta. Por esse motivo, criamos esse post para ajudar você a entender a **diferença entre ética e moral**.

O que é ética?

A ética é um conjunto de conhecimentos que são extraídos da investigação do comportamento humano, ao **tentar explicar as regras morais de uma forma racional e científica**.

Resumindo, ela é uma **reflexão da moralidade**. A ética nos ajuda a responder perguntas do tipo: **Eu quero? Eu posso? Eu devo?**

Se você chegou à conclusão que fazer uma fofoca não é legal, você leva isso para o seu dia a dia e procura agir de **forma ética**.

O que é moral?

O que é moral?

Já a moral é um conjunto de regras que são aplicadas ao cotidiano. É basicamente quando eu transformo a ética numa estrutura escrita e essas normas passam a ser aplicadas e usadas por todo cidadão. Elas orientam o indivíduo, norteando suas ações, seus julgamentos sobre o que é certo e errado.

Se muitas pessoas acreditam que fofocar não é legal, com o passar do tempo esse ato entra num **consenso geral** e estabelece-se que falar dos outros, principalmente no ambiente de trabalho, é **imoral**.

Diferenças entre Ética e Moral

A palavra ética vem do grego “*Ethos*”, que significa **jeito de ser, modo de ser e caráter**. Já a palavra moral é de origem latina e vem de “*Morales*”, que tem como significado **tudo que é relativo aos costumes**.

A finalidade da ética e da moral é muito semelhante: ambas contribuem para estabelecer as bases que **guiam a conduta do homem** e ensinam a

melhor forma de agir e de se comportar dentro de uma sociedade.

Porém, o **estudo da ética** é voltado para compreender as ações do homem de acordo com os valores morais que orientam essas ações, além de buscar classificá-las como certas ou erradas, independente das práticas culturais. Já a **moral** são os costumes, crenças, tabus e modos de pensar **construídos por uma sociedade**.

Entenderam qual a diferença entre ética e moral? Sendo assim, podemos perceber que a **ética tem mais a ver com a questão individual, enquanto a moral trabalha com o processo coletivo e ou grupal**.

Diferenças entre Ética e Moral

A palavra ética vem do grego “*Ethos*”, que significa **jeito de ser, modo de ser e caráter**. Já a palavra moral é de origem latina e vem de “*Morales*”, que tem como significado **tudo que é relativo aos costumes**.

A finalidade da ética e da moral é muito semelhante: ambas contribuem para estabelecer as bases que **guiam a conduta do homem** e ensinam a melhor forma de agir e de se comportar dentro de uma sociedade.

Porém, o **estudo da ética** é voltado para compreender as ações do homem de acordo com os valores morais que orientam essas ações, além de buscar classificá-las como certas ou erradas, independente das práticas culturais. Já a **moral** são os costumes, crenças, tabus e modos de pensar **construídos por uma sociedade**.

Entenderam qual a diferença entre ética e moral? Sendo assim, podemos perceber que a **ética tem mais a ver com a questão individual, enquanto a moral trabalha com o processo coletivo**.

Exemplos de condutas éticas:

Não prejudicar pessoas no ambiente de trabalho, e ou no convívio social; Respeitar as leis, ou

regulamentos; Tolerância religiosa e ou social; Trair uma ideia e ou a uma pessoa.

Exemplos de moral: Ajudar pessoas com necessidades; Influência da religião nas condutas; Imoralidade em ter mais de uma esposa no Brasil, enquanto em alguns países é moralmente aceito.

Uma pessoa que se compromete e desiste no caminho.

Muito importante para nós Maçons e, ou por qualquer cidadão buscar sempre o perfeito entendimento da prática da ética e da moral, pois agindo assim seremos sempre homens justos e perfeitos, e bons cidadãos, porém, quando se imagina que a perfeição não é deste mundo, isso torna-se uma saída para compromissos e atitudes sem princípios.

Temos que buscar diuturnamente caminhos bons e legítimos para que cada tarefa a nós confiada seja a melhor a cada dia, assim estaremos no caminho da perfeição justa.

Outros dizem que a perfeição não é fácil de se alcançar, porque vivemos num mundo de expiação, mas se esquece que no mundo deve-se buscar sua evolução do espírito e da alma.

As pessoas confundem-se a todo tempo o que é Ética e Moral, mas ambas estão ligadas ao nosso comportamento diário e entre nossas atividades laborais, que seja em casa e ou em qualquer lugar onde quer que estejamos.

Portando nossa conduta não depende de ser ética e ou moral, o que temos como norma é ser melhor a cada dia e em qualquer situação da vida, buscar ser autêntico e verdadeiro.

Uma pessoa será considerada desprezível a partir do momento em que ela não comungue e nem pratique suas condutas diante dos princípios da ética e da moral, o que esperar deste ser que age conforme seu nariz e sem direção!



opinião

IMPrensa MAÇÔNICA – II

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Dando continuidade ao publicado na Edição passada, temos: No outono de 1998, um grupo selecionado de escritores artistas, capitaneado pelo insigne irmão João Guilherme C. Ribeiro, fundou a Revista ENGENHO & ARTE – Na Maçonaria Universal, escrevendo no primeiro Editorial: “Era inevitável. Cedo ou tarde, tinha de acontecer. Tudo começou como uma brincadeira. Nós inventávamos matérias ou chateávamos os Irmãos para que escrevessem. Depois, nos reuníamos nas tardes de sábado para digitar, editar, diagramar e ilustrar. E sempre foi compensador.

Na maior parte das vezes, tínhamos até que convencer os Irmãos mais arreados de que eles tinham talento – coisa que só acreditavam ao receber os elogios, quando seus trabalhos eram publicados. Havia também o caso inverso, daqueles que enviavam cópias descartadas do trabalho dos outros como se fossem criação própria. De 1992 a 1996, fizemos, aos trancos e barrancos, trabalhando nas

horas vagas e noites adentro, doze números do Engenho & Arte.

Foi fabuloso fazer amizades por esse Brasil afora. E fora das fronteiras do *Brazil* (com z) também. Ver gente como **Xico Trolha, Kurt Prober e José Castellani** eram de carne e osso, Irmãos sempre pronto a estender a mão e ajudar com seu talento.

O maçom que edita percebe uma dimensão muito maior da nossa Instituição. Nós começamos a vislumbrar essa dimensão maior à medida que o tempo passava. É estranho como as idéias ficam latentes, esperando só uma oportunidade para brotar. No nº 12 do **Engenho & Arte**, colocamos um poema egípcio escrito 1.700 anos antes do nascimento de Cristo, que falava do escriba: “Nada há como ela na Terra. Dediquem-se de coração aos livros. Nada é melhor do que os livros (...) Vede, não há ofício sem patrão, somente o do escriba, ele é o patrão”. **Albert Einstein** diria, quase 3.700 anos depois, que o homem só é verdadeiramente livre quando cria. Por isso, em

homenagem a esses talentos que temos a honra e a imensa satisfação de publicar, é que voltamos às palavras do poeta maior de nosso idioma, **Luiz de Camões**, patrono de nossa *Loja-Mãe*:

E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando / Cantando espalharei por toda a parte / Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Somos profundamente gratos a muitos Irmãos, de todos os Estados e de todas as *Obediências*. Eles têm nos incentivado desde o início.

Por insistência deles, resolvemos dar o grande salto. O **E & Arte** se profissionalizou, tornou-se uma revista de verdade – embora conservando seu entusiasmo de amador. E assim vai continuar, prometemos.

Como disse um certo gozador, o Engenho & Arte prova que a mulher está na Maçonaria. E está sempre, pelo menos em nossas páginas.

Aliás, essa era uma das razões pelas quais um dos nossos mais queridos amigos **Frederick W. Seal-Coon**, um jovem de 90 anos, *Past Master* da Loja de Pesquisas *Quatuor Coronati* nº 2072, de Londres, mais gostava do Engenho & Arte. E quem de nós não gosta?

E encerra o Editorial dizendo:

Esperamos que vocês apreciem tanto nosso **E & Arte** quanto nós gostamos de fazê-lo. Ele é nossa própria

concepção da Maçonaria – alegre, feliz, sorridente... profunda e verdadeira, vida a cada instante, provada em todas as ações.

Acredite, o **E & Arte** foi feito com carinho e dedicação. Foi feito com o melhor que temos em nós mesmos.

O último exemplar da revista que recebemos, é o 18 de 2008. De lá para cá, perdemos o contato. No Editorial, o irmão João Guilherme escreveu:

Merecidamente, neste número o Editorial foi escrito pelo Irm. **Antonio do Carmo Ferreira**. Ele fala como autoridade conferida por anos de experiência na *Presidência da Associação Brasileira da Imprensa Maçônica – ABIM*, lidando cotidianamente com aqueles que se dedicam à difusão da nossa cultura.

Vocês já repararam como se reclama da Ordem? “*A Maçonaria não está agindo!*” ou “*Não é mais como aquela de antigamente!*”, ou ainda, “*É preciso resgatar os nossos valores!*”, e por aí vai. Enquanto isso, a culpa comodamente vai para um impessoal “*eles*”, como se “*eles*” não fôssemos nós, como se a responsabilidade não fosse nossa.

Então leiam o que ele escreve e vejam se não concordam comigo: se a reforma do mundo começa em casa, a grandeza da Ordem começa pelos Maçons.

(Continuaremos na próxima edição)



sensibilização

MOMENTOS QUEBRADOS

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02

Recebi recentemente um vídeo de 3 minutinhos do escritor e poeta Fabrício Carpinejar. Ele falava, em uma rápida entrevista, sobre um livro de sua autoria recém publicado. Dava uma pincelada, chamando atenção para alguns hábitos e costumes que carregamos em nossa vida que acabam se tornando atitudes arbitrarias para conosco. Verdadeiros credos do cotidiano, dogmas de uma vida útil e perfeita.

Somos confrontados com o que ele chama de “momentos quebrados...”, ou seja, momentos rápidos, de 15 a 20 minutos, sem muito planejamento e/ou consulta prévia junto às nossas famílias e amigos... momentos estes, que desprezamos, por não serem “momentos inteiros”, penteados, emoldurados e entregues como manda o figurino, bonitinhos e cheirosos. Obedecendo um brevírio de uma vida útil, correta e

sem incômodos. Ele nos diz: “Visita de médico também cura”. O importante é estar presente, dividir um sorriso, um olhar, um abraço, um suspiro... e por que não uma queixa, uma bronca, velhas lembranças, distribuindo grandes sacos de potoca?

Estar presente, quando sincero, é medicinal. Dá sentido ao que não vemos e percebemos. Desafia a solidão e os pensamentos negativos, desmascarando as falsas zonas de conforto que nos seduzem para a inércia e o isolamento. Esses “momentos quebrados” muitas vezes são a pitada de sal, a colherinha de açúcar, as gotinhas e limão e o dente de alho... podem ser e fazer toda a diferença. Abrem sorrisos e dão uma bela supitada no coração.

Essa conversa com o autor, em pouco menos de um minuto, evoluiu de uma forma bastante

agradável quando o entrevistado filosofa nos falando sobre os “centavos da existência”, que são justamente esses “momentos quebrados”. São como moedas, que ninguém gosta de carregar, mas que fazem a fortuna das relações. Essas moedas, quando trocadas de mão em mão, carregam a força do inesperado... o poder regenerador da boa notícia. Não há quem resista, é como o sorriso de uma criança, todos se rendem... Momentos como esses são como presentes, que são entregues e guardados pela própria memória de quem dá e de quem recebe. Portanto, são incorruptíveis, não podem ser roubados ou destruídos. Pertencem exclusivamente àqueles que estão diretamente envolvidos nessa permuta de amor, carinho e respeito. Acredito que quando nos envolvemos, livres e prazerosamente, nessas efemérides da alma experimentamos as epifanias da boa convivência. Aí se encontra o melhor de nós, verdadeiro lugar onde guardamos os nossos tesouros.

Agradeço ao inspirado poeta que nos trouxe tão bela entrevista e livro e convido meus irmãos e amigos a fazerem essa singela reflexão, se entenderem que vale a pena, pois que nenhuma alma é pequena.



ciência & saúde

ABRIL: UM MÊS PARA A CONSCIENTIZAÇÃO MUNDIAL SOBRE O AUTISMO

Joager Alexandre | Colaborador

Diante do mês de abril, definido em 2007 pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o mês da conscientização mundial sobre o autismo, nada mais justo do que lembrar desta data e chamar a atenção para o tema, que atinge milhões de portadores no Brasil e mundo afora.

Baseando-se em estatísticas do Centro de Controle de Doenças e Prevenção dos EUA, tendo em vista que por aqui os dados sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda caminham a passos lentos, calcula-se cerca de 4,8 milhões de autistas apenas no Brasil.

Dedicar um mês específico para chamar atenção para esta causa é fundamental, tendo em vista a quantidade de portadores desta síndrome, mundialmente estimada em mais de 70 milhões de indivíduos, dos mais variados graus de funcionalidade, presentes em todos os setores da sociedade, e incompreendidos por grande parcela do globo terrestre.

Compreender a construção social do sujeito desde o seu nascimento é uma das preocupações da psicologia. As relações cognitivas do recém-nascido com o mundo comporão a estrutura que dará suporte ao desenvolvimento intelectual, físico e motor do indivíduo.

Se sabe que a construção social do sujeito se dá por meio da vivência em sociedade, citando que a criança aprende a planejar, direcionar e avaliar a sua ação por meio dessas relações. Ao longo desse processo, ela é capaz de refletir sobre alguns de seus erros e enfrentar a possibilidade de corrigi-los.

A pré-escola é o período da vida em que o mundo da realidade humana se abre para uma criança. O desenvolvimento da criança ocorre por meio da assimilação do mundo objetivo com um mundo de objetos humanos reproduzindo ações humanas com eles. Quando determinado indivíduo apresenta um comportamento que o distingue de seus pares, das características esperadas para a sua faixa etária, deve-se então investigar as causas que o faz agir de determinada maneira.

Dentre os transtornos invasivos do desenvolvimento (TID), o autismo e a síndrome de Asperger são os mais conhecidos. Ambos são marcados principalmente pelo início precoce de atrasos e desvios no desenvolvimento das habilidades comunicativas, motoras e sociais do indivíduo.

A primeira descrição científica que menciona o que se conhece na atualidade por autismo ocorreu no ano de 1943, quando se classificou como distúrbio autístico

de contato afetivo a síndrome de aparecimento precoce. No mesmo período se estudava uma síndrome com características muito próximas, inicialmente denominada de psicopatia autística, atualmente Síndrome de Asperger.

As principais diferenças entre um indivíduo que convive com a síndrome de Asperger para um autista é o fato de possuírem uma memória privilegiada, e não apresentarem atrasos nos aspectos cognitivos e da linguagem. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) inclui tanto o autismo clássico quanto a Síndrome de Asperger. O que diferencia o diagnóstico entre uma e outra seria a forma de manifestação mais branda e a existência da interação social do indivíduo com Asperger.

Alguns pesquisadores esclarecem que os sintomas mais determinantes das crianças com síndrome de Asperger podem ser uma maneira embaraçosa de falar. A incapacidade de compreender as ações, palavras ou comportamentos de outras pessoas também são constantes e determinadores para o diagnóstico desta síndrome.

Um ponto a se destacar é a confusão que se pode ocorrer entre a Síndrome de Asperger e o autismo de alta funcionalidade, onde por vezes recebem o mesmo diagnóstico. Deve-se pontuar que a diferença encontrada entre os indivíduos estaria apenas no atraso no desenvolvimento da linguagem na primeira infância para o Autista de Alta Funcionalidade, sendo que o mesmo não ocorre para os casos de Asperger. Pela similaridade, atualmente o tratamento para os dois casos são muito próximos ou o mesmo.

Embora por vezes crianças com Síndrome de Asperger acabem por não serem diagnosticadas por se parecerem e muito com as demais crianças, o principal ponto que as difere é o fato de que as mesmas são socialmente desajeitadas, e classificadas como de difícil compreensão.

Anteriormente classificado por categorias, hoje se divide em três graus de funcionalidade. Autismo de baixa funcionalidade se caracteriza pela dificuldade de interação da criança, movimentos repetitivos e atraso mental; crianças com autismo de média funcionalidade apresentam dificuldades de comunicação e repetição de comportamentos; por fim crianças autistas de alta funcionalidade apresentam sintomas mais leves, com pouca interferência nos estudos, trabalho e vida cotidiana.

Determinados estudos apontam os dois principais sintomas do autismo como sendo o desejo de solidão que leva o indivíduo a buscar o isolamento profundo, e a preocupação com a imutabilidade do meio interno ou externo. No entanto, se deve destacar que há muitas outras áreas em que o indivíduo autista encontra dificuldades, a exemplo das atividades de comunicação, compreensão das normas sociais, trocas afetivas e o reconhecimento do outro e de si próprio.

O comportamento de busca pelo isolamento da criança autista se opõe ao comportamento natural estabelecido entre mãe e filho. A ligação inicial de toda criança, masculina ou feminina, é estabelecida com a mãe. A mãe durante a maior parte da infância atua como o objeto central das ligações de conforto, prazer e proteção.

De modo geral, pesquisadores afirmam que crianças com autismo seguem seus próprios impulsos e interesses, desconsiderando as restrições ou prescrições impostas; tratam qualquer indivíduo como seu igual, devido a dificuldade em compreender outras pessoas.

Se acredita que o comprometimento do indivíduo autista é permanente, embora a maior parte das crianças apresentem melhores resultados quanto ao comportamento social, comunicação e habilidades de autocuidado com o avançar da idade.

Os sinais em crianças com autismo começam a serem percebidos por volta de um ano e meio de idade com as primeiras interações sociais da vida, enquanto crianças com síndrome de Asperger apresentam os primeiros indícios por volta dos três anos de idade, onde as interações sociais nos ambientes são mais vívidos e perceptíveis, além da maneira aprimorada de se expressar.

Certamente a melhor compreensão sobre os quadros particulares dos Transtornos do Espectro Autista, bem como o diagnóstico precoce possibilita a criança maiores avanços quando expostas aos métodos terapêuticos tradicionais para tratamento do autismo, bem como àqueles menos convencionais (relacionado ao acesso) como a legoterapia, musicoterapia e equoterapia.

Até o presente não se tem conhecimento sobre as causas que levam ao desenvolvimento da síndrome, embora haja estudos em torno dos fatores que possam estar contribuindo para o aumento dos casos em uma velocidade vertiginosa. Especula-se que fatores ambientais como o uso de pesticidas, medicações durante a gestação, e a exposição à determinadas drogas lícitas e ilícitas, somam-se aos fatores genéticos e contribuem para a predisposição ao autismo.

Enquanto estudos são desenvolvidos a cerca do tema, resta-nos aguardar seus resultados, compreendendo que somos ou podemos ser únicos, e quer queira ou não, o respeito às diferenças torna-se o melhor caminho para a promoção de um mundo mais fraterno à todos, até mesmo àqueles que por suas condições, não se pode compreender a si mesmos.



tecnologia & educação

OS NOVOS DESAFIOS DO EDUCADOR COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA – IV

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Deste Modo, enquanto a educação brasileira básica não for de qualidade para todos, independente da sua classe social e rede de ensino, o estudante menos afortunado não terá as mesmas condições de aprendizagem, daí porque os privilegiados pelo sistema, que continuarão a terem mais sucesso, no âmbito educacional e na vida de maneira geral. Além disso, possui uma capacitação profissional mais assistida e por isso se tornam mais qualificados, já que a escola privada exige mais do educador da sua clientela menos e mais seletiva, onde os pais fazem mais presentes na escola. Por outro lado, a educação pública fica à deriva em alguns momentos em virtude do poder público deixar de promover políticas públicas educacionais que estimulem os professores a investirem em sua qualificação, ou seja, dar continuidade em sua formação acadêmica, como mestrados e doutorados na educação e ainda, é preciso o professor que o tenha a capacidade de entender a realidade do aluno. Assim endente porque Rondini et al (2020, p. 54), argumentam que: os “desafios que a educação brasileira tem enfrentado, no contexto da crise, envolvendo fatores que não estão relacionados apenas à questão dos conteúdos programáticos ou critérios e à metodologia do processo avaliativo, pois englobam questões sociais, familiares e econômicas dos estudantes”.

Embora a pandemia do COVID 19, representou não apenas no Brasil, mas em todo mundo um desafio para a instituição escolar em todos níveis, é o professor de tal escola o mais afetado. Contudo, a pesquisa elaborada por Rondini (2020), mostra que além das dificuldades, também resultou em aspectos positivos como: maior disponibilidade de tempo para o professor preparar as atividades escolares de forma remota, antes não havia esse tempo com as aulas presenciais, e os educadores tiveram que utilizar as TICs educacionais.

Neste sentido, chama a atenção para o fato para os inúmeros programas destinados a desenvolverem conteúdos remotos, para isso, é necessário que o professor possua conhecimentos. Pelo exposto, fica explícito que sem uma formação que possibilite ao professor a manusear as TICs é

“natural” que durante a pandemia o educador não alcance seu fim maior, que é despertar no aluno o desejo de estudar, afinal sem motivação não há aprendizagem. Para isso ocorrem é necessário que tenha políticas públicas que estimulem essa formação. Outro grande desafio que os professores terão vai ser como retornar as aulas em tempos de pandemia, de forma segura. Para que isso ocorra é necessário que o professor não apenas adote o protocolo do Ministério da saúde, mais também do Ministério da educação, das secretarias de Estados e municípios, objetivando evitar a contaminação do COVID 19, mas é necessário que este professor tenha também equilíbrio emocional para desenvolver suas aulas de forma remota para captar a atenção dos alunos para o conteúdo.

Cabe destacar que, a cobrança em relação professor é muito grande, pois exigiu do educador conhecimento acerca das TICs e de novas metodologias de ensino, dedicação, empenho, motivação para despertar o interesse do aluno para continuar estudando para não ocorrer a evasão escolar e equilíbrio emocional desse educador. Assim conforme uma pesquisa da Revista Nova escola (2020, p.14)

O estresse envolvido na necessidade de aprender rápido para adequar o planejamento, risco de contaminação, insegurança em relação ao futuro, falta de reconhecimento das famílias e gestores, aumento no tempo de preparo das aulas e de dedicação aos alunos e sensação de não conseguir da conta de todas as demandas domésticas, familiares e profissionais aparecem entre os fatores destacados pelos professores.

Como se vê o estresse sem dúvida nenhuma compromete o desempenho do educador em suas aulas remotas. Portanto, é importante que tenha um suporte de apoio ao educador, como por exemplo um suporte psicológico, para ajudar esse professor está em harmonia e paz consigo mesmo. Sem esse equilíbrio psíquico suas aulas remotas deixam de atingir seus objetivos e provocando no professor um sentimento de frustração, por não conseguir despertar a atenção dos alunos para aprendizagem. Assim, Fonseca (2010, p.8) afirma que

... é oportuno nortear que esses educadores de sua maneira geral, têm expectativas de alcançar metas, não apenas ousadas como, como também, sonhadoras, pois, esses não contentam-se em apenas ensinar seus educandos, mas também ajudam na solução de seus problemas pessoais.

Assim, é essencial destacar que a relação entre professores e alunos Burnout, além disso a atividade do ensino... (apresentam estímulos estressante, entre esses a ansiedade que é consequência de uma sobre carga de trabalho, dos desentendimentos com colegas, alunos, descontentamento salarial e da corrida contra o tempo.

Enfim, durante a pandemia do COVID 19, inúmeros desafios foram impostos ao professor, que tem de buscar superá-los para tonarem suas aulas remotas atraentes. Por isso o educador precisa possuir competências técnicas e socioemocional para tornar aprendizagem concreta, motivadora e prazerosa para os alunos em aulas remotas.

Considerações Finais

Concluindo esse estudo, pode-se dizer que a educação online, já estava inserida como recurso metodológico nas instituições de ensino e do educador. Entretanto, com o advento da pandemia a educação online foi uma imposição, pois não havia outra alternativa, já que o Poder Público em todos os níveis determinou o isolamento social. Desta maneira as aulas passaram a ser remotas, modificando a forma de conceber a educação.

Destacou, que a pandemia do COVID 19, reforçou e ampliou ainda mais o distanciamento e desigualdade entre os alunos privilegiados e desfavorecidos ou (excluídos) das escolas públicas e privadas, mostrando assim a triste realidade do sistema educacional brasileiro.

Por fim, nortear que a prática pedagógica do educador, teve que buscar a adaptar as mudanças decorrente da pandemia, pois as aulas presenciais deram lugar as aulas remotas, exigindo maiores conhecimentos teóricos e tecnológicos para ministrarem suas aulas, daí a relevância da formação dada ao educador pela instituição de ensino superior. Pois sem uma formação de qualidade o professor terá muita dificuldade de desenvolver suas aulas, pois tais aulas veio para ficar.

Até a próxima!!!



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

Cadeira	Membros	E-mail
01	Lícínio Leal Barbosa	liciniobarbosa@uol.com.br
02	Anderson Lima Silveira	Professoranderson.pucgo@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	literjur@terra.com.br
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luís Carlos de Castro Coelho	Luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	Adolfo Ribeiro Valadares	adolfovaladares@gmail.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com

Cadeira	Membros	E-mail
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br
11	Aníbal Silva	arcell@bol.com.br
12	Alexandre A. Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gv@hotmail.com
14	Sebastião de O. Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	Jcarv57@yhoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	adegmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny S. C. de Oliveira	jaquelineSoficio@gmail.com
23	Gensérico Barbo de Siqueira	irt.d.anapolis@gmail.com

Cadeira	Membros	E-mail
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahyba Santana	paranasan@gmail.com
26	Aínton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio Da Silva	silvanaestor001@gmail.com
33	Carlos A. Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogériosafatle@uol.com.br
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosrnerim@gmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
39	Charles W. de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br



artigo

O BRASIL NA OCDE – I

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Gravita no cenário político-jurídico-social uma regra fundamento, segundo a qual, o homem – porque dotado de direitos e obrigações na órbita civil-, merece usufruir dos bens que Deus lhes ofertou nesta vida terrena, de que são exemplos a saúde, a educação, a moradia, o trabalho, a liberdade e a segurança em todos os sentidos. Para isso, o homem os exerce em plena coexistência, objetivando o seu bem-estar pleno, a “felicidade”. Aliás, essa “felicidade” que é cantada em verso e prosa, no mundo da literatura apresenta conceituação fluída, porque sujeita a múltiplas interpretações.

Nesse enredo, o convite feito ao Brasil para integrar a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE poder-se-á considerar como um importante “foco de luz” no quesito “felicidade” dos brasileiros eis que, se cumpridas as exigências substantivas e formais da espécie, o País integrará o cobiçado grupo dos Países Ricos.

De fato, cuida-se de proposição engendrada pelo Governo brasileiro à partir dos idos de 1996, e que agora, atendidas certas medidas de cunho político-econômico, especialmente a contar do governo Michel Temer e Bolsonaro, de fato propiciaram o convite ao País a integrar aquele Sodalício Internacional. Aliás, sobretudo com o aval do Governo americano na gestão do ex presidente Donald Trump.

Portanto, Evento de grande significado político-jurídico-econômico-social a carecer do Estado e da Nação brasileira o mais alto grau de maturidade e profissionalismo de seus Agentes Políticos. Tudo ao fim e ao cabo, para alcançar-se os objetivos republicanos encartados no artigo 3º. Carta Política de 1988 (construir uma sociedade livre, justa e solidária; busca o desenvolvimento; erradicar a pobreza e erradicar as desigualdades; promover o bem-estar de todos sem quaisquer discriminações).

Conhecido desde priscas eras como o “País do Futuro”, apesar de já estarmos em pleno século XXI, nossas elites dominantes ainda não permitiram que o País, a exemplo de outros Estados Desenvolvidos, pudesse atingir o seu estágio máximo de maturidade e profissionalismo. Sobretudo em razão da doutrina do “Patrimonialismo” e do “Coronelismo” que ainda teimam de se manter vivos e em plena ebulição nas entranhas do Estado Brasileiro. Aliás, exemplos nesse

sentido estão a pulular aos montantes em todas as áreas de atuação administrativa.

De fato. Para cumprir centenas de exigências impostas pelo Clube dos Países Ricos, o Brasil, e seus governantes de proa, haverão de agir com muito mais responsabilidades, em especial pela adoção de políticas públicas arrojadas e de longo prazo. Isto é, centrado num planejamento estratégico mínimo de 30 (trinta) anos, conglobando a título meramente exemplificativo: a educação (investir no Conhecimento dos jovens; aporte maciço de recursos financeiros na formação dos chamados Recursos Humanos fundado no princípio da probidade; incrementar o mundo das pesquisas em geral); na saúde (investir na chamada biotecnologia em saúde humana em todos os sentidos); na área estruturante do Estado o incremento de grandes investimentos em portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, navegação de cabotagem, metrô, além do meio ambiente, e Outros. Noutro falar, os governantes precisam agir escorados num planejamento estruturante de longo curso, de sorte a garantir o fiel cumprimento das obrigações assumidas no pacto feito por ocasião de ingresso no País na OCDE.

De olho no futuro do Brasil, preciso atentarmos para as reformas em curso.

Tributária. Há em tramitação propostas visando melhorar a malha tributária nacional, através da PEC 45/19, de autoria do Deputado Federal Baleia Rossi e uma outra, PEC 110/19, de autoria do Senador David Alcolumbre, que procuram reduzir a carga tributária, o contencioso tributário, o alto custo na arrecadação de impostos, inclusive iniciativas desencorajando o alto consumo de bebidas alcoólicas e do tabaco.

Na espécie cabe registrar, o quadro de incentivos fiscais conferido pelo Governo Federal tem servido de pano de fundo para inibir o apetite dos parlamentares de vieis reformistas. Ademais, gravitam fundadas dúvidas sobre a real eficácia das mudanças legislativas apresentadas, mormente pelo forte receio dos governos estaduais de sofrerem grandes prejuízos de receitas a desfavorecer a carteira de suas obrigações legais e morais. Sobretudo os parlamentares, que fogem como o diabo fuge da cruz na hora e por sua assinatura na aprovação desse ou daquele projeto reformista, que de alguma forma venha prejudicar os seus próprios interesses eleitorais.

Dir-se-á, é certo que no atual quadro Democrático de Direito não se pode reformar o Estado sem o apoio da população, legitimamente representada pelos parlamentares. Mas também é certo, de há muito os parlamentares vêm manifestando desinteresses de tornar o País, de fato, num Estado dotado de objetivos claros tal como preconizado na atual Carta Política (artigo 3º). Falando de outro modo, ao manter-se distante do eleitorado, o Parlamento de tempos e tempos agita reformas políticas apenas pontuais, e que ao final resulte em proveito próprio.

De um lado o Estado permanece fazendo de conta que cumpre com suas obrigações frente à sociedade, e doutra banda o Parlamento fazendo de conta que legisla, haja vista continuar flanando em “céu de brigadeiro”, quer na criação quanto na manutenção de normas que garantam seus privilégios à custa do eleitorado. A título exemplificativo, confira-se a introdução da chamada Emenda do Relator travestida de “orçamento secreto” onde bilhões de reais serão diluídos, no tempo e no espaço, pelas mãos dos parlamentares sem maiores transparências na sua aplicação.

A esse propósito dirão alguns, o repartimento natural de funções administrativas do Poder Executivo com o Poder Legislativo, na medida em que os parlamentares estariam repartindo os recursos públicos com os seus correligionários, consistente na construção de bens e prestação de serviços. Para outros, porém, dar-se-ia o desvirtuamento da função do Poder Executivo com usurpação parcial de suas funções, que tem a competência para gerir e administrar os bens e serviços de acordo com as necessidades do público em geral.

Um outro ponto relevante nessa equação consiste no alto custo operacional na arrecadação dos impostos. Na malha da Administração, milhares de funcionários envolvidos, há falta de transparência na execução dos serviços além de residir grandes dificuldades no controle das contas do Estado, dando azo à via estreita da corrupção. Inclusive, segundo alguns estudiosos, o próprio emperramento do Judiciário pelo excesso de processo em tramitação. *Mutatis mutandi*, semelhante raciocínio se aplica no âmbito da iniciativa privada, donde gravita todo um aparato de profissionais.

Em conclusão, o tema consome bilhões e bilhões de reais dos cofres públicos e das empresas privadas, revelando, pois, o chamado Custo Brasil. Afinal, diz a lenda, todos os agentes políticos querem a reforma tributária, porém, desde que satisfaçam seus próprios interesses.

Como resolver esse nó, eis a grande questão.

(continua na próxima edição)



opinião

JÁ FUI UM PROFANO

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Quando era jovem sempre ouvia falar de maçonaria, pensava eu que ser maçom era só entrar para a ordem, ser bom pagador bom filho, bom pai, não sabia que para ser maçom teria que estudar, ler, ir às seções da loja, eu não sabia das responsabilidades que é ser um maçom.

Acreditava que as espadas eram para ferir, hoje eu sei que elas existem para me defender, não sabia da existência do livro da lei que é as escrituras sagradas, dos salmos e de outros mistérios, não tinha conhecimento do malho, do cinzel, da pedra bruta, da pedra cúbica e da pedra polida.

Hoje sei que vivia na escuridão, que era um profano e andava como um barco a deriva em um mar revolto com suas ondas altas, achava que a

maçonaria não tinha inimigos e desafetos, estudando e lendo descobri que há 196 anos já se falavam mal dos maçons, pois algumas pessoas não concordavam com a soberania e a organização solidária da maçonaria.

Maçonaria, palavra que se escreve com nove letras, o número nove na cabala Yorubá representa o ODU OSSA, o Odu de OYA, IANSAN orixá que traz o chicote em forma de rabo de cavalo para espantar os mortos, Ossa representa a família e é isso que a maçonaria exige em seus princípios a honra da família, e família é mãe, pai, esposa e filhos, ou, seja um lar.

Pois não adianta o homem ser livre dos dogmas profanos e não ter família, maçonaria é uma

instituição organizada com leis, regras e obediência e não compactua com princípios profanos, maçonaria é a favor da moralidade, liberdade, igualdade e fraternidade, embora tem irmãos que iniciam simplesmente para usufruir do poder maçônico, sem se preocupar com os destinos da maçonaria, se preocupam sim com os afazeres profanos que vão lhes render uma polpuda soma bancária.

Há três anos fui iniciado na maçonaria na Capela Aparecidense, que da tal tenho a honra e o prazer de dizer aos quatro cantos de Aparecida de Goiânia que sou Capelino, que sou do Grande Oriente do Brasil. Na Capela Aparecidense tive a honra de conhecer meus poderosos irmãos, os que já estavam e os que iniciaram depois que hoje os tenho como irmãos.

Infelizmente por determinação do soberano grão mestre não esta havendo seções no nosso templo devido a pandemia da COVID 19, que faz questão de nos manter afastados e só nos vemos nas seções virtuais, mas com as bênçãos do grande arquiteto do universo logo estaremos reunidos em nosso templo, não só sete ou oito irmãos, mas sim todos os membros de nossa poderosa loja.



reflexão

NOVA SAFRA DE LÍDERES MUNDIAIS, NO BRASIL E NA MAÇONARIA BRASILEIRA

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Quem está acompanhando a política mundial e também a do Brasil está percebendo o surgimento de novos líderes mundiais, bem como em nosso país, sejam homens, sejam mulheres, está surgindo uma nova safra que está e estará substituindo as velhas lideranças, num processo natural de renovação política, com olhares diferentes voltados para o futuro.

Alguns exemplos: Na Finlândia, Sanna Marin, aos 34 anos, se tornou a primeira ministra do país. Ela é a mais jovem líder de Estado do mundo; Na Ucrânia, Oleksiy Honcharuk, aos 35 anos tornou-se o primeiro-ministro de seu país e até então detinha o título de líder mais jovem da atualidade.

Enquanto no Brasil...

Sanna Marin seria inegável para o cargo de presidente, que exige a idade mínima de 35 anos. O

mais jovem ao assumir a presidência no Brasil foi Fernando Collor, aos 40 anos.

Vamos lembrar...

D. Pedro II chegou ao poder com 14 anos, escolhido pela sua linhagem, fato comum nos regimes monárquicos; Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, que se tornou líder do Haiti aos 19 anos em 1971, embora num regime ditatorial; Matteo Ciacchi, foi escolhido como um dos dirigentes de San Marino aos 27 anos.

E atualmente... seguido por Sanna Marin e Oleksiy Honcharuk, outros países com líderes muito jovens são: Coreia do Norte – Kim Jong-un, 36 anos; El Salvador – Nayib Bukele, 38 anos; Nova Zelândia – Jacinta Arden, 39 anos.

E Nos Estados Unidos...

O presidente mais jovem, Theodore Roosevelt, foi levado ao cargo aos 42 anos.

Na França...

Emmanuel Macron, foi eleito presidente da França, em 2017, aos 39 anos, passando à frente de Napoleão Bonaparte, aos 40 anos em 1848.

No maçonaria brasileira, em especial o Grande Oriente do Brasil, também observamos o surgimento de novos e jovens líderes, quer para o exercício do cargo de Veneráveis Mestres, quer para Grão-Mestres Estaduais e do Distrito Federal e também para o cargo de Grão-Mestre Geral.

Estamos num momento especial e peculiar, onde inevitavelmente ocorrerá uma renovação nas lideranças maçônicas, substituindo-se líderes mais antigos por líderes mais jovens, com ideias novas, com visão futurista, com conhecimentos em gestão e governança, com saúde, força e vigor, com coragem, com senso de

Membro fundador da Academia Cearense de Literatura Popular, e correspondente das Academias Maçônicas de Letras da Bahia e de Mogi das Cruzes

oportunidade, com poder de decisão e com vontade política.

Acredita-se que haverá uma renovação no quesito idade, para os nossos futuros líderes maçônicos. Até porque precisamos conquistar o apoio dos maçons mais jovens que formam um contingente que construirá o futuro de nossa Ordem. Até porque é preciso, se faz urgente, RENOVAR nossos quadros, atualmente formados por grandes maçons que não mais estarão daqui a 15 anos ou 20 anos, por causa de sua idade avançada.

E quem viver haverá de ver a RENOVAÇÃO em nossas lideranças, em nossa ORDEM; a corrida para o revezamento já começou, vamos passar o bastão do poder para os mais jovens maçons e vermos o PROGRESSO que promovemos se concretizar – a esperança de um porvir glorioso.



memória

SÓ SEI QUE NADA SEI

Albácio Jaime | Colaborador

Seleção para republicação do Artigo 114 do Grão Mestre Barbosa Nunes publicado no *Jornal Diário da Manhã*, edição de 13 de abril de 2013.

ele sempre acreditou que somos todos uma família, homens e espíritos são os mesmos. Suas teorias ligadas a vida após a morte e espiritismo são tão importantes que elas foram colocadas em dois livros espíritas que são: Livro dos espíritos, que é o melhor livro e o mais conhecido do espiritismo, e o livro dos médios, que fala sobre mede unidade e tudo mais".

Angariava mais e mais discípulos, deixando irados os professores da época. Eles não concordavam com os pensamentos de Sócrates, o que ele trouxe muitos inimigos intrigas. A ele foram proferidas três acusações: "Sócrates é culpado do crime de não reconhecer os deuses reconhecidos pelo estado, de introduzir divindades novas e ainda culpado de corromper a juventude". Castigo pedido: "a morte".

O Tribunal constituído por 501 cidadãos o condenou, não há morte, mas ao exílio para sempre ou ali ser cortada a língua, impossibilitando o assim, de ensinar aos demais. Caso negasse, seria morto. Após receber a sentença disse: "vocês me deixam a escolha entre duas coisas: Uma que eu sei ser horrível, que é viver sem poder passar meus conhecimentos. A outra, que eu não conheço, que é a morte. Escolho pois, o desconhecido".

Sócrates foi resoluto em suas posições e não fez nenhuma concessão. Para ele, propor qualquer personalidade, mesmo que fosse uma pequena multa,

seria aceitar a culpa que queria lhe imputar. Não abrindo mão de suas ideias foi condenado a beber o veneno da morte, extraído de uma planta chamada cicuta, hoje também conhecida como "veneno de Sócrates".

Muitos leitores poderão interpretar que Sócrates foi radical, fanático e não cedeu em um ponto sequer, para salvar sua vida. Aplicando, simbolicamente, este posicionamento no mundo de hoje, vamos identificar, com raríssimas exceções, homens que defendem sua ideias com essa firmeza, pois os de hoje tenho o seu preço e se vendem na medida em que as boas ofertas aparecem e vão aumentando.

Em uma oportunidade, foi apenas apontado pelo oráculo de Delfos como "o mais sábio dos de todos os homens fecha aspas, ao que ele reagiu: "só sei que nada sei". Falava que o verdadeiro sábio é aquele que tendo consciência da sua ignorância, abre o coração para ouvir, ler, viver, enfim aprender.

Estou cansado de ouvir pessoas que dizem: eu sei disso, sei aquilo, sei tudo. Já vivi muito e não tenho mais o que aprender. Na verdade, estes nada sabem.

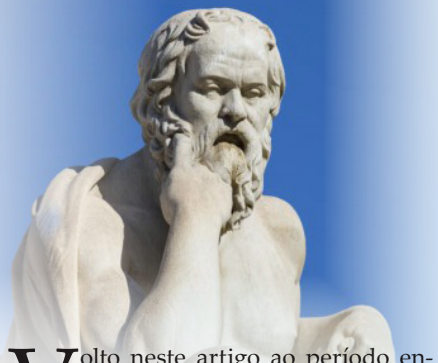
Carregam dentro desse o substantivo feminino "vaidade". que significa ilusão, futilidade, frustração, frivolidade, insignificância, sem valores sem sentido. São pessoas que se consideram donos da verdade, que não conversam "olho para o olho". que não tem diálogo

aberto, mas as escondidas, atum muito e são perigosos.

Vaidade, no idioma hebraico, significa sopra, vapor, bolha, qualquer coisa invisível que logo desaparece. Vaidade não combina com gentileza, esta contribui com o mundo mais humano e eficiente para todos, ela é muito bem traduzida nas duas últimas estrofes da poesia "vaidade". de Florbela Espanca: "Sonho que sou alguém cá neste mundo... Aquela de saber vasto e profundo, as peças de quem a Terra anda com vaga! É quanto mais no céu eu vou sonhando, e quando mais no alto ando voando, acorda do meu sonho... Eu não sou nada! "

"Só sei que nada sei". tornando-se frase cada vez mais significativa, resistindo a mais de 2300 anos, não é uma simples sentença, é bússola, indicativa de reflexão que cada um de nós devemos fazer, colocando-nos na condição de eternos aprendizes.

Faço uma ilação de que a frase: "só sei que nada sei". é extremamente atual e não nos permite projetar sobre pessoas, nem mostrar ser superior a elas. Sócrates foi virtuoso, sensível, encontrando-se também uma frase conheci de cima e pronunciada diariamente pelos maçons: "vencer as minhas paixões, submeter a minha vontade e fazer novos progressos".



Volto neste artigo ao período entre 469 a.C a 399 a. C. (antes de Cristo) em que viveu o filósofo da Grécia antiga, Sócrates, nome que significa "aquele que tem auto controle nos atos e nas palavras". É considerado um dos fundadores da filosofia ocidental renomado por sua contribuição no campo da ética. Foi peça fundamental no mundo da filosofia, dividida em dois tempos, anterior e pós Sócrates. De acordo com estudiosos e pesquisadores, apesar de ter sido considerado um dos homens mais inteligentes, não foi reconhecido pela aristocracia grega, pois suas ideias eram contrárias ao funcionamento da sociedade da época.

As pessoas que eram contra Sócrates afirmavam que ele tinha contato com demônios, não era pessoa normal e que necessitava de tratamento e até mesmo da morte. Sócrates sempre acreditou que existe vida após a morte,



galeria poética

galeria poética

**AMOR**

Alexandre Avelino Giffoni
Júnior | Cadeira nº 12

(Para a Dra. Aparecida)

Quando me vejo com os vossos olhos
Amores
Ouço o pulsar de estrelas crianças
Nos campos de flores luminosas
Infinitos
Percebo espaços inexistentes entre nós
Possíveis
Partículas de tudo em cores, vozes
Celestiais
No riso calmo do ser que nasce
Gratidão
Ao útero criador das formas vivas
As mãos que cultivam, o parto
Benção
Perfumes que se irradiam, oscilam
Felicidade
Do outro em lux célere ao nosso
Encontro
Do desejar estar o outro, eu em nossas almas
Vivências
Quando as minhas mãos do outro ajudam, amparam
Quando os nossos corações pensam dores
No sussurro de palavras-esperança
Amor
Me vejo em teus olhos.

**CENTELHAS DE VIDA**

José Eduardo Miranda | Colaborador

*Luxo-me inteiro
No hemisfério dos meus sonhos
Onde ardem os desejos fagulhantes
Que me instigam à vida plena
E queimam os temores que oprimem
Minha capacidade de realização.*

*Luxo-me completo
No horizonte de minha alma
Onde repousam os medos aleatórios
Superados pela coragem sempiterna
Que me leva à certeza
De que o impossível apenas existe no coração
dos fracos de alma.*

**ÁGUA**

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

*Seres humanos
Vós sois feitos
De dois terços de água.
É o vosso planeta
Também.
Vê-se que sou essência,
Não apenas complemento
Do momento,
Muito aquém,
Muito além...*

*Sou uma gota
Ou sou um vagalhão.
Sou a chuva mansa
Ou sou a tempestade,
A vossa mão.
Sou a vida*

*Ou a morte.
A desventura ou sorte:
So depende de vós.*

*Se desvestis da terra
O manto sagrado
Das florestas
E das margens
Das correntes
As árvores frondosas,
Que quereis?
Vou- me embora.*

*Se poluis o ar
Com todo tipo
De gases e fumaça,
Lembrai-vos, por favor,
Que o tempo passa,
Reservatório seca,
A fruta peca.*

*Sou do céu,
Sou da terra,
Mas não me conservais.
Sabei que, um dia,*

*Luxo-me amiúde,
Nos dias que passam
Levando em meu peito
Sentimentos seráficos
Que ativam constantemente
O poder celestial de realizar os milagres
de minha vida.*

*Eu já não serei mais.
E buscareis
Da poeira no turbilhão
A gota
Reluzente
Que tivestes à mão,
A vida inteira!*

*Sou a vida
E a morte,
A perdição
Ou o norte.
Se me expulsais,
Com vossas atitudes,
Eu irei
E ficareis a sós...
E o deserto será
Vosso sinal
De que o bem
Foi vencido pelo mal!*



NA DÚVIDA

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

*Quanto as dívidas
Da Verdade certa
Provém, se sinaliza
A clareza Incerta
Na busca inteligível
Do que se envida...
Do saber o Obscuro
Abre-se em questão
Do que se visualiza
Até achar o possível
Que a não abrir mão
Insiste e não desiste
E, indícios prematuro
Faz com que persiste
E não tem como parar
Até ter ...o Esclarecido
Difícil é ter que deixar
E dar-se como Vencido*



A RÉGUA

Adilson Zotovici
Contribuição

*Coisas da simbologia
Com ela muito aprendido
Bom relógio de valia
Ao livre pedreiro imbuído*

*Rumo e tempo em sintonia
Curso na régua é obtido
Por números, filosofia...
Sem tréguas pleno sentido*

*No bastão com que se guia
O Cerimônias é regido
Pra conduzir com mestria*

*Na reta escala a magia
Que a tudo há tempo se medido
Vinte e quatro horas do dia !*



DE DANTE A GOETHE

Licínio Barbosa
Cadeira nº 1

De Dante, vai a Goethe, o ponto culminante da literatura germânica, a quem dedica uma oitava:

*"Se todo velho é um rei Lear,
Forjado na tempestade
Na febre e na noite fria.
– Esgotada a humanidade
Não o louve em fantasia,
Não lhe tenha piedade:
– Tem o que foi, cada dia,
Na paz da tranquilidade."*

(RECIFE, 1985)

Além da quadra e do "Soneto de Dante", mais duas quadras ("Para Ler Dante"):

*"Para ler Dante?
Em qualquer instante.
Saber florentino?
Basta neo-latino.*

*"Ser italiano?
Apenas humano. Católico?
Não!
Um simples cristão."*

(RECIFE, 1983)

Ao cantar o Amor, considera-o o "Carro de Fogo" que teria arrebatado Elias, o Profeta que anteviu a vinda do Messias.

*"O amor, no mundo,
É o carro de fogo
Que levou Elias
Para outras alturas.
É nela que sentimos
Pelos compassos da vida
Como as idéias são simples
É como as coisas são puras"*

(PRAIA DO JANGA, 1983)



VORAGEM

Anderson Lima
da Silveira

Cadeira nº 02

*Acordei sem céu, nem dia
Só nuvem, ar choco, fedia!
Meu olhar se evadia, ardia!
Quero sair, me soltem! Eu pedia...*

*Prostrado, cambaleando, ainda dormia...
Devagar, ascendendo, meu sangue aquecia.
Era dentro que doía, por isso eu me contorcia.
Lá fora, nada de novo, tudo seguia.*

*Passado o bafo e o mormaço, minha cabeça dizia:
Amargo e azedo eu tenho, à gosto da freguesia.
Doce e salgado também, sirvo em qualquer fatia.
Mas tudo fora do ponto, não era coisa sadia.*

*Pedi socorro, um auxílio, quase desfalecia...
Ouví uma voz que dizia, apruma! Segura aqui na minha guia.
Que linda voz feminina, todo o meu corpo sorria!
Agora, sereno alívio eu sentia... tratado, daquela dor me esquecia.*


galeria poética

**ADVERTÊNCIA AO
PEQUENO DEUS**

Aidenor Aires
Cadeira nº 02 – Contribuição

*Hospedar no sonho humano ânsia de deus
entre névoas de eternas calmarias, anseias.
Incansável de renascer, renova o périflo
de ser imanifesto navegando em pobreza
a face crua, a carne, o dia, soma, o manifesto.
Passageiro sem porto, ou mero aceno,
de carnal imaginário, trespassando
o dia absurdo da vida que mascamos.*

*Piedoso aspirante ao berço glabro, ao mugir
das bestas e planger de sinos e estrelas...
Me curvo e encareço-te a estelar mirada:
não venha renascer em forma humana,
como sempre aspira a divindade.
Não há berço, não há casa, não há seio
que amoroso abrigue a tua eternidade.*

*São tristes e tredos trilhas e caminhos,
entre a terra e o céu não há estradas.*

*Não poderias, mesmo etéreo e santo,
chegar ao vão terrenal humano, desolado.
No trajeto que traz a lux à terra
nem mesmo um deus da dor será poupado.
Repartir o amor do ser amortalhado,
peço-te, não venhas, não sonhes
no homem algum lampejo, vida renovada.*

*É tudo sombra, é tudo morte, é tudo horror,
– é tudo escombros e almas calcinadas.*

*Se teimas, no empíreo, armar as malas
em busca de outros Judas e outras cruces,
te advirto, cordeiro santo: já não há sequer
à tua chegada, uma porta que se abra,
um sino que ressoe ou pueril encanto.
Talvez nem chegues à terra em nave maternal.
Anticoncepcionais e exilados tálamos
impedirão o mesmo impulso de fazer-te
coágulo possível de ser carne e gente.
E se passares a barreira germinal,
não lograrás, quiçá, a glória do advento.*

*Talvez te arremessem, em vagidos, aos dejetos
humanos, aos escuros quetos, destroçado.*

*Mas se ousares escapar às frias hospedagens
que se armam entre desamor e crimes,
há outros tropeços, valas e abismos
a colher a infantil eternidade que ofereces.
Não desças ali, na pátria oriental,
onde ensinaste a paz e acolheste
a sanguinolenta glória do martírio.
Mais que Herodes, drones, misseis, as bombas
do fracasso total da humanidade o esmagarão.
Ai! pedras mortícias de Aleppo e de Altamira.
Nem queiras caminhar por sobre as ondas
nos barcos que demandam os campos euros.
Naufrágios perscrutam tais caminhos
fendendo abismos de oceanos congelados,
partidos braços, peitos e corações humanos.*

*Habitarás, em pouco, o negro abissal,
ou rolará nas praias desamparado, frágil
destroço, ou traste, da humana impiedade.
Também não venhas a aspirar mares do sul
as verdejantes terras equatoriais;
aqui bordejia os campos estendais da fome.*

*Não que falte a terra, o sol, a chuva, o repetir
florida das sementes e as segas das estações.
A falta, engendram os paicis repletos,
os bonançosos planos onde esbordam
oficiais, patrões, chefes, governantes
indiferentes à dor, ao sofrimento das gentes
nos subrágios de crimes, sempre enganados.*

*Assim, se puderes viver em sobressaltos,
entre crimes de estupro, homicídios e assaltos,
não escaparás de morrer nas filas da assistência,
tão cara a todos e, a todos imposta e comprada.
Assim, para não te atordoares com ameaças
de abissaras cruéis, desista de ser deus
para quem a si mesmo se elegeu e goza,
ainda que brevíssima, a ilusão mais triste
de que tudo pode e tudo crê, na estultice
que controla, que manda e que domina.*

*Deploro teu sentir de deus querendo
oferecer-te em pão à fome humana...
Mas não venhas, não acicates a tua dor imensa
de oferecer teu sacrifício em aras
de horror, afeitas mais às duras feras
do que a teu formoso e malogrado anseio,
de converter teu gesto e teu olhar divino
em algo que relembre, mesmo na descida –
uma saudade de deus em cada ser humano.*


RIQUEZA ESPIRITUAL

Adilson Zotovici
Contribuição

*Todos nós vamos um dia
Transpor o alto portal
Ficam os metais, a soberbia,
Segue nua a alma imortal*

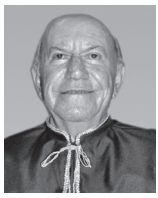
*Pensar contrário é utopia
A esse instante celestial
De inefável liturgia
Que cada semelhante é igual*

*Mas há o que diferencia
De forma plena, natural
Quando então se avalia
A passagem terrena, frugal*

*Todos tem um mesmo Guia
Nesta senda material
Sendo pois, o auto vigia...
A discernir o bem e o mal*

*Da plebe, da fidalguia...
Um Sacrossanto Tribunal
Porquanto o peso de valia
É a riqueza espiritual !*

*No futuro não há regalia
Detrás do "alto muro" afinal ;
Ao rico, à lux, com alegria
O pobre, conduz ao umbral !*



crônica

FINALMENTE, UM SONHO BOM EM MEIO A PANDEMIAS E GUERRAS

Castro Filho | Cadeira nº 14

Na madrugada dessa segunda-feira (dia 11.04.22), sonhei que me encontrava sozinho, sem a esposa (o que, em regra, geralmente não acontece), num local diferente, num país de língua árabe. Estava com muita dificuldade, não entendo nada desse idioma. Embora fosse minha primeira esposa neta de sírio (que, infelizmente, não cheguei a conhecer), não quis ensinar a língua a nenhum dos filhos ou netos. Dizem que era “muito sistemático”; quando recebia visitas de “patricios”, não admitia que falassem em árabe. Dizia: “Nós estamos no Brasil; a língua que se fala aqui é o Português”.

No sonho, notei que estava num país árabe e só me fazia entender – quase sempre – através de gestos. Já estive em países que se comunicam com esse idioma: Egito, Emirados Árabes, Tunísia... mas, sempre acompanhado de intérpretes. No sonho não era assim, encontrava-me sozinho, em meio a muita gente, em certos momentos, em zona rural montanhosa; e dava graças a Deus quando ouvia alguém, por exemplo, *hablando* em espanhol ou *parlando* em italiano.

Já nos dois últimos dias da viagem, fui para a zona rural. O segundo dia foi passando e eu tentando sair daquela “pirambeira”; tinha que regressar à cidade e preparar para o retorno à noite. De repente, no sonho, já me encontrava na cidade (que deveria ser mais ou menos do porte de Anápolis).

Andando pela rua, senti desejo de ir ao banheiro. Difícil, aquela cidade, cujo nome, no sonho, acabei não sabendo, era, como infelizmente ocorre em Goiânia: deserta de banheiros públicos. E quem tem problemas de próstata sabe disso: deu vontade de fazer xixi, ao primeiro sinal, tem-se que procurar um banheiro rápido, se não... Já estava angustiado, sem saber mais o que fazer, quando, felizmente, encontrei um!

Estava acabando de urinar, quando entrou, rápido, um cãozinho, ainda muito novo, lindo (só depois me foi possível verificar tratar-se de uma cadelinha belíssima)! Entrou aflita, cheirando o piso e lambendo algumas gotas de líquido que se encontravam no piso. Percebi logo que estava com muita sede.

Como tudo pode acontecer em sonhos, sem mais nem menos, eis-me com uma bacia nas mãos. Enchi-a de água, pus sobre uma mesinha improvisada e coloquei a bela cachorrinha para beber: *blac, blac, blac*. Eu, segurando-a e admirando sua beleza. Coitadinha, estava realmente morrendo de sede!

Logo que se satisfez, começou a se inquietar, querendo descer; acariciei-lhe a cabecinha, ela se aquietou. Parecia estar muito cansada. Certamente, valendo-se de um descuido de quem dela cuidava (ou deveria cuidar), se desprendera e... zás! não conseguiram pegá-la. Estava explicada a razão da sede desesperadora.

Mas (em toda história ou estória, sempre aparece um *mas...*), eu estava com pressa, me dirigia ao hotel; poucas horas depois teria que tomar um táxi e seguir para o aeroporto. Não havia como viajar com aquele animalzinho lindo. Ademais, não era correto, não era justo; seu proprietário ou proprietária deveria estar aflito.

Ao sair do prédio, com a cachorrinha nos braços, logo avistei duas senhoras, que vinham em sentido contrário. Ao se aproximarem, uma delas exclamou: *Qué hermosos! Muy hermoso*, acrescentou a outra.

Estabelecemos, de imediato, com facilidade, um diálogo. Eram espanholas, irmãs, deram seus nomes: **Carmen e María**. Perguntaram o meu. Respondi: **Castro Filho**; não entendendo, indagou María: *Cómo, Castro qué?* **Castro Filho**. Senti que não estavam entendendo. *Castro Filo?* Quis saber Carmen, demonstrando certa estranheza. Pensei comigo: como vou explicar... **CASTRO HIJO**.

Ah, Castro hijo de Brazil! Rimos. Afirmaram serem da Galícia, *tierra de los Castros!*

Perguntaram se eu iria trazer aquela *hermosa perrita* para o Brasil. Respondi negativamente, disse-lhes que não tinha condição; estava sem saber o que fazer com ela... Ficaremos com esta perrita (*Bellecita, así la llamaremos*) – interrompeu-me María – explicando que era como iriam chamá-la até encontrarem a dona ou o dono dela. Mas, como fazer para encontrar o dono ou a dona? perguntei. Carmen – a mais falante – mostrou o celular, dizendo que faziam parte de vários grupos; iriam anunciar por WhatsApp.

Contudo, Carmen nem acabara de falar, foi interrompida por María: mas, e se aparecerem várias pessoas dizendo serem donos dela? Notando que a alegria de ambas poderia redundar em preocupação, interfeiri: tenho uma sugestão: coloquem nas mensagens que encontraram uma cadelinha (*una perrita*) perambulando pelas ruas da cidade e lhe deram abrigo. Se da casa de algum deles fugira algum cão, o dono deveria entrar em contato com elas pelo telefone *x*, informando as características do animal, inclusive, dando a raça, cor e o nome.

Notando meu interesse pelo futuro de *Bellecita*, pediram o número do meu WhatsApp, com a promessa de me comunicarem logo que tivessem localizado o proprietário(a). Assim o fiz.

Alguns dias depois, uma delas me ligou e disse: *seguimos sua sugestão, fizemos a divulgação. Três pessoas ligaram, mas nenhuma deu informações que coincidiram com a cor, tamanho, raça, ou nome do animalzinho que estava com elas. Bastaria o nome verdadeiro*. Se bem pronunciado, **por certo, Bellecita se manifestaria**. Isso não aconteceu.

Bom – disse-lhes – as senhoras acolheram a bichinha com carinho, foram honestas, esforçaram-se para localizar o proprietário(a). Não o conseguindo, **la Bellecita es tuya!** Com as senhoras, tenho certeza de que estará em muito boas mãos. Alguns sobrinhos também já haviam se apaixonado pela cachorrinha. A alegria foi total!

Com isso, despertei-me também alegre. E – não poderia perder tempo: rápido... corri para o banheiro, lembrando-me de como havia conhecido, no sonho, aquela encantadora cadelinha.

Finalmente, em meio a pandemias e guerras injustas, desumanas (como sempre o são), surgiu-me a esperança de ter um dia menos opressivo, menos angustiante.



tempo de estudo

DO RENASCIMENTO À LUZ MAÇÔNICA

José Eduardo Miranda | Colaborador

Um resgate sobre o entendimento axiológico da iniciação

Uma análise retroativa sobre a cerimônia da iniciação, é importante para o enquadramento adequado do significado da simbologia que envolve o rito iniciático. A conformação de cada ato, num todo, provoca um transe sensorial que se manifesta distintamente para cada candidato, que experiencia um misto de surpresa e ansiedade, quando desvenda seus olhos para os segredos e mistérios da Ordem.

Não se pode desprezar, sob qualquer hipótese, que “o Neófito se equipara a uma Pedra Bruta, que necessita ser desbastada, para adquirir uma forma esculpida, e tornar-se uma obra perfeita, um símbolo de arte.”

É assim, dentro da Loja sustentada por três colunas, representativas da Sabedoria, da Força e da Beleza, que o Maçom conforma uma obra de reconstrução moral, que leva à superfície, expondo à Luz toda a faculdade transformacional, necessária ao despojamento das ilusões que aportam valor significativo pelas vicissitudes do Mundo Profano.

Durante o processo de reconstrução moral, o Maçom alcançará a Sabedoria, se possuir “Força, porque a Sabedoria exige sacrifícios que só podem ser realizados pela Força; mas ser sábio com força,

sem ter Beleza, é triste, porque é a Beleza que abre o mundo inteiro” à sua sensibilidade.

Uma vez iniciado, o Aprendiz carece o discernimento necessário à observação de um *novel* modelo de resolução atitudinal no Mundo Profano, proveniente da filosofia e cultura inerente à Ordem Maçônica. Visto este detalhe, não perfaz exagero ressaltar que o Maçom precisa condicionar-se à estrita observância da lei moral, celebrando diuturnamente uma conduta impecável que enalteça a estima de todos os que compartilham de seu ambiente existencial.

Portanto, é imperioso destacar que o Maçom “deverá viver em boa harmonia com os seus irmãos, cumprindo criteriosamente as Leis que guiam suas atitudes em sociedade. Assim mesmo, primará pela discrição, pelo desprendimento dos dogmatismos, e, sobretudo, pela dedicação ao trabalho contínuo que o leve ao encontro da verdade, que é Deus, o Grande Arquiteto do Universo.

Observa-se, com isso, que “a iniciação não impõe dogmas de Fé e limita-se colocar o homem frente a uma realidade, iniciando a desentranhar o enigma das coisas, ensina a ser solidário com os

semelhantes, ser útil e desenvolver a sua energia para inverter no bem de todos, praticar as virtudes de caridade e tolerância.”¹

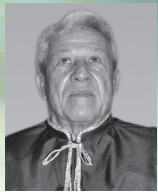
Faz-se com isso, fundamental compreender que a “Maçonaria não é, e nunca foi o que dizem. A Maçonaria se classifica entre as poucas sociedades milenares existentes, talvez a mais antiga se considerarmos suas origens calcadas nas filosofias, culturas e agremiações de povos antigos desaparecidos que lhe deixaram conhecimentos de valor inestimáveis e conservadas através dos séculos.”²

Neste contexto, tem-se que o entendimento axiológico da iniciação revela a essência da própria Maçonaria, que perfaz uma “uma associação de Homens sábios e virtuosos que se consideram irmãos entre si e cujo fim é viverem em perfeita igualdade, intimamente ligados por laços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se, uns aos outros, na prática das virtudes.”³

1 DIAS, João. **Aprendiz maçom pleno**: simbólica do primeiro grau. 2 ed. 2016, p. 14.

2 DIAS, 2016, p. 14.

3 *Ibid.*, p. 14.



tempo de estudo

O PAVIMENTO DE MOSAICO DE UMA LOJA MAÇÔNICA

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

O escritor Yassin Taha afirma que o piso de mosaico de uma loja maçônica é “formado por quadrados pretos e brancos, intercalados, circundado por uma orla dentada. Sua origem é Sumeriana. Os Sumérios eram povos que viviam no atual Irã/Iraque, Mesopotâmia, entre os Rios Eufrates e Tigres. Região de poucas chuvas, tiveram que aprender a desviar e armazenar as águas desses rios e puderam cultivar grandes quantidades e variedades de alimentos. Cada cidade-estado constituída nessa região era governada por um patesi, que além de sumo sacerdote, era o chefe político e militar, e por estarem sempre unidos se assemelham a orla dentada de uma Loja”.

O piso unido por cimento ou cola, com seus quadrados de cores diferentes, representa a união de todos os maçons do planeta, independente de raças, cores, credos, política ou religião. Esse dualismo de cores nos remete aos opostos: o bem ao mal, a virtude ao vício, a tolerância à prepotência, a luz às trevas, a união à desarmonia, o amor ao ódio, dentre inúmeros exemplos que nos levam à diversidade do ser humano, como rico e pobre, sábio e ignorante, saudável e doente, felicidade e tristeza...

Há várias interpretações quanto ao significado do pavimento de mosaico. Diversas percepções. Representa o convívio fraternal que os maçons devem cultivar dentro das oficinas e também no mundo profano, simbolizando os maçons em eterna união, polindo a sua pedra bruta e equilibrando a sabedoria, a força e a beleza dentro e fora de suas lojas maçônicas.

“Mosaico é o trabalho feito através da união de diferentes pedras!” “Nos ritos que adotam o pavimento de mosaico como um retângulo central, os maçons não devem pisar no pavimento, a não ser aquele que irá abrir e fechar o Livro da Lei, assim como ocorria no Santo dos Santos, onde apenas o Sumo Sacerdote podia ingressar.

No REAA prevaleceu o entendimento de que todo o piso do Templo de Salomão era um pavimento de mosaico. Por isso todo piso nos templos é em mosaico alvinegro e a Orla Dentada está representada pela Corda de 81 nós, da qual pendem 04 borlas nos 04 cantos do Templo. É comum encontrar templos que possuem o pavimento de mosaico restrito ao retângulo central, constituído de Orla Dentada, ao mesmo tempo em que se vê a Corda de 81 nós nas colunas zodiacais.

No artigo, “O pavimento de mosaico”, in: Folha do Litoral, ele é conceituado como: o piso

das Lojas Maçônicas ou de uma área assim definida de um determinado Templo, geralmente no centro da Loja”. O pavimento de mosaico ou quadriculado, no REAA, é considerado “um símbolo difícil de descrevê-lo por poucas linhas e, vem suscitando ao longo do tempo inúmeras discussões: nomenclatura correta, origem, posição na Loja, cores, questão dos opostos”, dentre outras. Daí o alerta de um irmão Theobaldo Valori dizendo que... “diante de um símbolo, o Maçom não deve portar-se como um doente num consultório de psicanálise, como também não deve arrastar suas interpretações ao sabor de suas crenças pessoais”. Entretanto essa dualidade e a lei dos contrastes inerentes à nossa própria existência, por mais paradoxo que seja, pode “encerrar a ideia de um delicado equilíbrio onde estão sustentadas as energias positivas e as negativas, as mesmas que conduzem a uma coesão das forças que regem o Universo... A presença de opostos e contrastes fazem parte da nossa vida”.

Os contrastes existentes tendem a se harmonizar! A questão é buscar uma harmonia, tal como a que existe no Universo e a Loja é a representação do Universo. É o emblema da estreita união que deve existir entre todos os maçons, apesar das diferenças. A disposição das cores no pavimento de mosaico faz-nos lembrar que os seres humanos mesmo sendo diferentes em raça, credo ou cor, são todos iguais perante a GADU®

“Na filosofia persa, o papel do bem não é apenas opor-se ao mal, mas também transformar o mal em bem, e o homem é o único responsável pelas suas escolhas”. Cabe a cada um lutar contra os maus pensamentos e as más ações, sempre dependentes de um esforço diário e constante, semelhante ao desbastar a pedra bruta! O dualismo está em toda parte! Observando-se o Pavimento de Mosaico deduz-se que “inexistem cores: o negro é ausência absoluta de cor, o branco é a sua polarização, a concentração de todas as cores”.

Conforme Rui Bandeira, “o pavimento de mosaico não é um espaço estático. É um caminho, com luz e sombras, com espaços agradáveis e veredas desagradáveis, com segurança e perigos... É necessário enfrentar a dualidade, suportar a polaridade inerente a tudo o que nos rodeia, inerente a nós próprios e... fazer-nos à vida!”

Ao buscar o significado das cores na literatura existente percebe-se que as cores podem despertar diferentes sensações, o que é usado muitas vezes no âmbito da publicidade.

A cor preta associada a uma empresa ou marca indica nobreza e transmite sensação de seriedade. A coloração preta significa que existe absorção de todas as cores da radiação luminosa, ela absorve a radiação solar.

Ao usarmos uma roupa preta em um dia de sol e calor, a sensação de calor será maior. “A cor preta consiste na cor mais escura de todo espectro de cores e simboliza respeito, morte, isolamento, medo, solidão. É considerada ausência de cor ou ausência de luz”. A cor existe graças à luz, e uma substância é preta porque absorve todos os componentes de onda do espectro solar.

Significa também tristeza e reverência e por esse motivo pessoas que estão de luto vestem roupa preta, cor preponderante em muitos funerais ocidentais. Significa elegância, dignidade, luxo e sofisticação. É comum ver pessoas vestidas de preto em eventos de gala.

A cor branca significa paz, pureza e limpeza. É chamada de “cor da luz” porque reflete todas as cores do espectro, todos os raios luminosos, proporcionando uma clareza total. É o símbolo da paz, da espiritualidade, da inocência e da virgindade. Está associada à alegria, enquanto no Oriente está associada à morte, ao luto e à tristeza. Também simboliza a virtude e o amor a Deus. Sugere libertação, ilumina o lado espiritual e restabelece o equilíbrio interior.

Um ambiente branco proporciona frescura, calma e dá ideia de maior espaço, mas em excesso pode dar impressão de frieza, vazio e impessoalidade. Por isso se sugere a conjugação com objetos coloridos, dando uma combinação boa com outras cores. “As cores neutras ‘absolutas’, ou seja o branco e o preto (mesmo que cientificamente não sendo consideradas cores) são, respectivamente, a soma de todas as cores e ausência total de cores”.

Leonardo da Vinci afirma que a cor era uma propriedade da luz e não dos objetos. Também o físico inglês Isaac Newton estudou a influência da luz solar na formação das cores.

O branco e o preto são apenas resultados da presença ou ausência de luz. Quando a luz solar incide em um objeto branco, reflete os raios solares, enquanto um objeto preto absorve todos os raios solares.

Goethe buscou compreender os impactos que eram causados pelo uso das cores e entender como esse conhecimento poderia ser aproveitado com uso adequado em diferentes áreas. Na roda das cores criada por Goethe, ele determinou quais sentimentos poderiam estar associados a cada uma das cores. A psicologia das cores é uma área de estudo que pesquisa de que formas as cores são capazes de motivar sentimentos, desejos e emoções. A compreensão sobre o mecanismo de ação das cores pode ter muitos usos diferentes, destacando-se em ações comerciais, de marketing e publicidade.

Assim, procurou-se também dar destaque à dicotomia de cores existentes no pavimento de mosaico e sua percepção e uso em outros segmentos e não existentes no mundo profano.



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO

ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOCADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



educação & ensino

MACHADO DE ASSIS NÃO ERA COLUNISTA DA TITITI

Carlos André Pereira Nunes | Cadeira nº 10

Ler é reconhecer a intencionalidade de um texto. / Ler é compreender que Machado de Assis não era um fofoqueiro

Noutro dia, alguém me disse o seguinte: “Professor, eu li Machado de Assis. Nossa!!! Eu gostei demais!!!! Mas, e aí?! O senhor acha que Capitu traiu Bentinho?”.

Leitor, em momento de alegria (que foi muito passageiro...já explico por quê...), a pergunta do aluno fez vir-me à cabeça o dia em que eu fui – muito honrosamente – leitor de uma prova de concursos públicos para um inteligentíssimo aluno que tinha deficiência

visual. Se você não sabe, um leitor não deve fazer inflexões bruscas no timbre; não deve pensar; não deve fazer outra coisa a não ser materializar foneticamente o texto. Enfim, o leitor é passivo e não leva nada do texto, a não ser a digna e importante missão de auxiliar o próximo.

Pois bem! Acho que muita gente que tem lido Machado de Assis (e tem lido muitos outros bons autores) é leitora para si mesmo...!!!! Sim, leitora para si mesmo!!!

Leitor, ler não é captar fonemas ou reconhecer significado de palavras. Ler é reconhecer a intencionalidade do texto. Ler é compreender que

Machado de Assis não era um fofoqueiro. A pergunta “E aí?! O senhor acha que Capitu traiu Bentinho?” traz um quê de ingenuidade e de falta de maturidade textual. Não entender que Machado faz uma crítica satírica e profunda sobre a forma de recepção do liberalismo na aristocracia patriarcalista e antiweberiana no Brasil é como não ter lido Machado. Capitu é metaforicamente um símbolo dos novos anseios burgueses do capitalismo à brasileira. Já Bentinho é o símbolo da decadência da ancien régime. É preciso entender que “traição” aqui não é traição conjugal. Isso não é um livro de fofoca!!

Leitor, minha alegria passou com aquela pergunta, porque percebi que o Brasil tem produzido intencionalmente leitores para si mesmo. É minha missão. É missão do Instituto Carlos André. É missão de todos os educadores sérios do Brasil fazer com que literatura, a textualidade e a gramática deixem de ser “materiazinhas” de prova de ensino básico e tornem-se, nas palavras do grande Antônio Cândido, “um direito humano”. Leitor, em verdade vos digo: “Bem-aventurados os que leem, pois deles será o reino de Machado”

Por um país com menos leitores e mais leitores.



reflexão

EUCARISTIA

Francisco Feitosa | Colaborador

Eucaristia – do grego eukharistia – significa “reconhecimento”; o encontro ou a união com o Eu Imortal; o encontro dos Eu’s – material e espiritual.

Eu Crístico – O Eu que atinge o estado crístico; comunhão com seu verdadeiro Eu, seu Cristo interno.

O renascimento ou a Iniciação não tem outro objetivo senão iniciar uma ação visando ao encontro do Eu mortal com o Eu imortal. Esse colóquio se dá internamente, no silêncio da alma. Aí está o “religare”, embora não sejamos uma religião, mas o objetivo é idêntico: promover a religação, primeiramente, com nosso Deus interior, o que nos capacitará encontrar o caminho de volta à Casa do Pai.

Nossas lendas, nossos símbolos são alegorias necessárias que ilustram esse caminho e que facilitam essa compreensão. Despertam nossa percepção, abrindo os “olhos do espírito”, nos capacitando enxergar e entender as entrelinhas de cada instrução.

A Eucaristia ou a fusão dos Eu’s requer uma minuciosa preparação. Para isso, nos iniciamos e, em cada grau, sorvemos os sublimes ensinamentos de suas instruções ministradas no Templo. Sim, necessário se faz que estas sejam ali ministradas, pois essa preparação não é, apenas, do intelecto e sim de um conjunto de vestes sutis que compõe o homem, sendo fundamental a interação com as sublimes energias que se manifestam em uma Loja aberta.

Um Templo é muito mais que um simples prédio. É um lugar sagrado e dedicado à glória e à manifestação terrena do Grande Arquiteto do Universo. Por isso, obedece a uma arquitetura própria; a determinadas medidas canônicas onde a harmonia do som e a estética das formas se conjugam e multiplicam as vibrações mentais, direcionando-as, a fim da concretização de nossos propósitos.

Os Templos são edificadas baseados no Templo mais perfeito já construído – o Templo Vivo – o homem – Obra do Grande Geômetra. O homem foi sabiamente construído, apesar de sua perfeição é uma obra, propositalmente, inacabada, cabendo ao próprio homem o trabalho final. Esse trabalho não é outro senão sua iniciação.

Mas o que notamos é que grande parte da humanidade caminha inconscientemente ou despreocupada com isso. Uns preocupados em atender, apenas, suas necessidades básicas de vida, outros interessados nos prazeres materiais, enfim, o que ficou conhecido, na voz do poeta como “deixa a vida me levar!”.

A evolução humana poderia ser representada por uma grande escadaria onde o patamar final daria acesso à porta da “Casa do Pai”. Na verdade, a humanidade se distribui ao longo dessa longa escada e cada um consegue contemplar a Verdade conforme o degrau em que se encontra.

Em determinado momento de nossas vidas somos chamados a refletir sobre alguns temas: de onde viemos; para onde vamos; quais são os planos de Deus para nós. Todas essas indagações nos são sussurradas pelo nosso Amigo Espiritual, nosso verdadeiro Eu. É quando, por Lei de Causas e Efeitos, batemos à porta de uma Escola de Iniciação, em nosso caso, a Maçonaria, mas poderia ser outra instituição iniciática, afinal todas elas, por doutrina, nos levam ao Criador.

O momento de nos iniciarmos é chegado. Iniciação – Início de uma ação visando uma Transformação, passando por uma Superação para que possa acontecer a Metástase.

O processo exige uma grande transformação em nossa personalidade, o aparar das arestas morais. Sem Transformação não se atinge a Iniciação Real! Esse trabalho é focado em nosso quaternário inferior (personalidade). Persona ou Per sona – pelo som, pelo Verbo estamos constantemente criando. Quando falamos vibramos o som que se registra no Akasha Sonoro. Por esse motivo, e não outro, é que nessa fase somos convidados a ficar em silêncio, para que nossas palavras não se tornem nossas próprias sentenças.

A Superação é na verdade uma Super Ação de sublimar nossas emoções, transmutando desejo em Vontade. Iniciamos um diálogo, um colóquio com o nosso Companheiro Espiritual. Estamos “Companheiros”, em silêncio, travando esse diálogo. É o meditar – Me Ditar – ditar para mim mesmo. Essa fase de domínio de emoções e pensamentos, que é mais complexo do que esta sucinta explanação, visa uma preparação para que se possa ter a perfeita união com Espírito dominando a matéria.

Devemos terminar a construção do Templo Vivo que somos – Obra do GADU – cujo processo de iniciação é o trabalho final que nos cabe, para que haja a Eucaristia. A fusão dos Eu’s; a Metástase bem simbolizada pelo esquadro e o Compasso. Entre eles se encontra o Mestre Maçom que surge como microcosmo, o pentalfa dentro do Hexágono Sagrado formado pelos dois triângulos entrelaçados que nada mais são do que a representação do esquadro – material e do compasso – espiritual.

Grande Bibliotecário do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Chegar ao mestrado é se encontrar entre ambos!

“O Mestre aponta o caminho e o discípulo segue sozinho até encontrar novamente o Mestre, mas desta vez dentro de si mesmo.”

A Maçonaria visa preparar o homem para a construção do grande edifício humano. O homem no seu aspecto material é o reflexo do seu aspecto espiritual e a comunhão de ambos é a Eucaristia.

O homem material é representado por um cego que caminha tropeçando, caindo e levantando à beira dos abismos da vida. O homem espiritual é representado pelo aleijado que consegue enxergar o bom caminho, sem perigos e armadilhas, mas lhe falta pernas para se locomover. Quando se dá o encontro dos Eu’s – material e espiritual – acontece a fusão, a metástase, a eucaristia. É quando esses Companheiros aceitam conversar e entendem que, para encontrar o caminho de volta à Casa do Pai precisam caminhar juntos. O cego passa a carregar o aleijado nas costas e este, com segurança, a orientar seus passos nos estreitos caminhos da verdade da iniciação.

Meus Irmãos, não sejamos como mariposas de templos, que, incessantemente, buscam a Luz e ao de-frentá-la cegam-se, por não ter a compreensão do que realmente buscam. Façamos valer as preciosas horas que semanalmente subtraímos do convívio salutar com nossas famílias para frequentarmos nossa Loja.

Retiremos as vendas da ilusão que nos cobre os olhos; esqueçamos o falso brilho dos cargos, os títulos, as alfaias. Não nos ofusquemos com os flashes e as pompas dos eventos, nosso verdadeiro trabalho é bem outro!

“Vaidade de vaidade! Diz o pregador, vaidade de vaidades! É tudo vaidade.”

Eclesiastes 1.2

Não percamos, em plena estação, a oportunidade de embarcarmos no Trem da Evolução. Permita que a Centelha Divina, que habita em cada um de nós, por força de Lei de Evolução, possa retornar e juntar-se a Grande Chama do Eterno!

Até breve! Ficamos por aqui!



artigo

A VIRTUDE E SABEDORIA DO SILÊNCIO

Marcos José de Almeida | Colaborador

Sábio é aquele que, em silêncio, desenvolve um estado mental que o ensina a ser prudente e coerente com o que vai dizer. Neste silêncio, pode parecer óbvio, mas quanto mais pensamos, menos vamos falar. Falar mais é pensar sempre menos.

Eu te convido a uma reflexão! Que o seu silêncio interior seja abastecido com palavras de bondade e de amor, pois o silêncio sem essas palavras seria um vazio absoluto. Que o seu silêncio não seja a recusa da palavra, mas a possibilidade de dizer de forma honesta, sempre considerando quem vai te ouvir, não importando quem seja. E não se preocupe com o barulho, só por meio dele é que se revela o silêncio.

Certamente, você já se viu em algumas situações que falou o que não deveria ou falou mais que deveria. Em momentos de crise, por exemplo, somos sempre convidados a emitir nossa opinião. Como este momento nos obriga a avaliar, nos sentimos prontos para falar sempre mais. E é aí que precisamos ter cuidado!

Da mesma forma como não se pode apressar o amadurecimento de uma fruta sem afetar seu sabor, o silêncio também precisa de um estágio de amadurecimento. Imagine um cenário onde você é testado a dizer o que não te interessa. Mesmo sendo difícil ficar calado quando por algum motivo algo não te agrada, se você for apressado em sua fala, haverá uma grande chance de você ser afetado pelas circunstâncias externas. Ou seja, você ainda precisa exercitar o silêncio para evitar a pressa de falar, quase sempre, o que outro quer ouvir.

Sendo assim, quando o sábio é testado a dizer aquilo que o tolo quer ouvir, basta o silêncio para distorcer seu modo habitual de se impor. Por isso, quando se diz por meio do silêncio, se cala diante da arrogância. O silêncio é uma virtude que revela o olhar dos sábios.

Em um diálogo, é no silêncio dos intervalos que nos completamos nas falas. Se você tentar se impor, na tentativa do convencimento, bloqueará todos os sentidos de quem te escuta. Falar e silenciar, é como o sol e a lua: quando um está presente, o outro não está. Exercitar o diálogo é tão necessário quanto praticar o silêncio. Observe, por exemplo, quando você fala. Quando no silêncio, você deixa de refletir sobre o que vai falar, você passa a adjetivar.

Em um mundo destituído de consciência, não queremos mais o silêncio. A fala reflexiva deu lugar às artificialidades postadas diariamente nas redes sociais. Quando temos a informação, mas não nos preocupamos com a formação, falamos o que escutamos. E como a nossa capacidade de ouvir está muito baixa, temos medo de que o mundo não saiba quem somos. Com isso, não importa ser, é preciso parecer e aparecer.

Em um mundo destituído de consciência, não queremos mais o silêncio. A fala reflexiva deu lugar às artificialidades postadas diariamente nas redes sociais. Quando temos a informação, mas não nos preocupamos com a formação, falamos o que escutamos.

É por dar valor a ensinamentos como esses que respeito a máxima segundo a qual falar demais – sem cuidado, sem medir as palavras – não é nada bom. Uma palavra dita de forma irrefletida pode ferir mais que uma flecha, uma bala, uma surra de chicote. Às vezes, o silêncio é a melhor resposta.

“O silêncio nos convida a ter ‘espaço mental’, ou melhor, nos revela que temos um espaço interno. No dia a dia não entramos em contato com esse espaço, pois ele está o tempo todo preenchido por algum ruído, barulho: música, trabalho, texto, filmes, discussões, reuniões, o que for”, diz ele

O Silêncio no traz alguns benefícios como: Alivia o estresse. O excesso de ruídos pode ter um efeito negativo na nossa mente, resultando em níveis elevados de estresse... Traz autoconhecimento. Com o silêncio, você é capaz de melhorar o autoconhecimento... Ajuda a ficar longe das telas. O Silêncio e a Sabedoria nos ensinam “Até o insensato passará por sábio, se ficar quieto, e, se contiver a língua, parecerá que tem discernimento.” O tolo não tem prazer no entendimento, mas sim em expor os seus pensamentos. “Quem tem conhecimento é

comedido no falar, e quem tem entendimento é de espírito sereno.” O que ele pratica!

O que é silêncio espiritual? Ela diz respeito à ação interior, desinteressada, que não visa reconhecimento, gratidão ou sequer ser notada. Aqui o silêncio não é mutismo, mas um estado interno em que a consciência penetra uma essência impalpável, inacessível aos pensamentos. Por que o silêncio é a melhor resposta? Muitas vezes o silêncio é a melhor resposta, porque palavras em excesso se tornam desnecessárias quando não são para edificar. O silêncio responde, o silêncio acalma e nos faz entender o que palavras não expressão.

Por que o silêncio é tão importante? Todos os grandes santos, místicos e doutores espirituais observavam e recomendavam o silêncio como um meio seguro para a santidade. Mas por quê? O que há de tão especial na prática do silêncio? Silêncio. Trata-se de uma palavra ao mesmo tempo atrativa e aterrorizante, capaz de sugerir, de um lado, paz e recolhimento, e de outro, medo e solidão. Talvez o que mais nos amedronte no silêncio é o fato de termos que ficar sozinhos com nossos próprios pensamentos.

Ainda que alguns considerem atrativa a ideia do silêncio, a verdade é que a maioria de nós não se dá muito bem com o recolhimento absoluto. Você já experimentou sentar-se sozinho em um cômodo só para ouvir sons nos quais nunca tinha reparado antes? O tique-taque do relógio. O barulho do ar se movendo pela tubulação. O som da geladeira ligada. Um cortador de grama trabalhando a distância. Tudo junto parece formar um quadro até mesmo um pouco irritante. Mas talvez o que mais nos amedronte no silêncio é o fato de termos que ficar sozinhos com nossos próprios pensamentos. Ao nos recolhermos de verdade, passamos a ouvir o movimento agitado de pensamentos invadindo as nossas mentes. Nossas ansiedades e aspirações mais profundas, as questões dolorosas e situações difíceis que enfrentamos, tudo parece vir como que borbulhando para a superfície de nossa consciência, deixando-nos desconfortados.

Nós temos medo desse enfrentamento com o mais íntimo de nosso ser, dessa luta com a complexidade de nossos corações. Por isso, nossa tendência natural é abafar o silêncio com constante barulho. Quando estamos sozinhos no carro, ligamos o rádio. Em casa, deixamos a TV sempre ligada, nem tanto para assistirmos ao que está passando, só para manter uma confortável “trilha sonora” de fundo. Uma pausa no serviço ou a espera numa fila é sempre preenchida com compulsivas olhadelas no celular. Queremos tudo, menos o silêncio.

“No silêncio e no recolhimento progride a alma devota, e aprende os segredos das Escrituras”, diz a Imitação de Cristo. “Guarda-te de falar muito”, adverte São Doroteu de Gaza, “pois isso faz fugirem os pensamentos devotos e a lembrança de Deus”. São Maximiliano Kolbe, por sua vez, declarava: “O silêncio é necessário, absolutamente necessário, na verdade. Onde não há silêncio, falta a graça de Deus”. E muitos outros exemplos poderiam ser dados.

Ao longo dos séculos, muitas ordens religiosas colocaram esse conselho em prática, incluindo não poucas prescrições de silêncio em suas regras de vida. Talvez a mais famosa e estrita dessas ordens seja a dos Cartuxos, cuja disciplina de recolhimento é tão famosa que acabou transformada em documentário.

Não resta dúvida, portanto: todos os grandes santos, místicos e doutores espirituais prescreveram o silêncio como um meio seguro para a santidade. Mas por quê? O que há de tão especial no silêncio? O silêncio é necessário para escutarmos as moções do Espírito Santo e para recebermos e preservamos a graça.

É importante entender que o silêncio, como todos os outros instrumentos da vida espiritual, não é um fim em si mesmo. Trata-se de um meio — um método para vir a conhecer Jesus Cristo. O silêncio é necessário porque nossos intelectos se encontram feridos e debilitados após a Queda. A comunhão com Deus, nosso Criador, acontecia fácil e naturalmente, assim como nos é fácil ver e ouvir. Tínhamos constantemente a consciência da

sua presença. Mas o pecado rompeu essa comunhão e prejudicou nossa habilidade de conhecer a Deus no nível mais profundo de nosso ser.

Nosso intelecto débil, uma vez no controle da situação, vive agora uma tempestade caótica de pensamentos, sentimentos e emoções — assim como uma agitada nuvem de mosquitos em uma noite quente de verão. Acalmar essa tempestade espiritual e emocional é incrivelmente difícil, e a única forma de conseguir isso é encarando o problema de frente, coisa que só conseguimos fazer quando nos recolhemos o suficiente para ouvir quão perturbadas nossas almas realmente são. É verdade, isso pode ser assustador, e muitos de nós preferiríamos não fazê-lo — mas isso é absolutamente necessário para nosso progresso espiritual.

Além disso, o silêncio é necessário para escutarmos as moções do Espírito Santo e para recebermos e preservamos a graça. Deus não grita. Ele fala calma e suavemente, como o “murmúrio de uma leve brisa” (cf. 1Rs 19, 12). Os chamados do Espírito Santo jamais serão ouvidos em nossa agitação ou ativismo, mas tão somente na calma e no recolhimento do coração.

O silêncio também nos ajuda a preservar as graças que Deus nos manda. Assim como os mergulhadores são cuidadosos e diminuem a velocidade de seus movimentos para não desperdiçarem suas preciosas reservas de oxigênio, almas santas falam com cuidado e prudência, a fim de guardar em seu “reservatório” de graça.

Como praticar o silêncio? Agora, você deve estar se perguntando como é possível para um leigo com trabalho, e talvez até família, praticar a virtude do silêncio. Certamente sua esposa não iria gostar se, ao invés de falar com ela, você começasse a gesticular com mímicas, como se fosse um monge! Mas, ainda que a prática do silêncio para quem vive no mundo seja diferente do modo como a vive um religioso, mesmo assim ela é possível e aconselhável. Aqui vão algumas sugestões práticas.

A primeira forma de praticar o silêncio é fugir de conversas frívolas, já que “no muito falar não faltará o pecado” (Pr 10, 19). Por isso, nunca fale simplesmente por falar. As mídias sociais de modo particular encorajam o desperdício de palavras. Já vi no Facebook pessoas reclamando da cutícula, discutindo seus problemas digestivos e até postando frases enigmáticas para implorar por atenção (algo como “Eu não sei se vou aguentar mais” etc). Se você se sente tentado a começar uma coisa desse tipo, não faça. Use a boca (e os dedos, no caso) apenas quando tiver alguma coisa útil a dizer.

Segundo, o silêncio pode ser praticado freando nossas línguas quando sentimos vontade de reclamar. A reclamação é o oposto da gratidão e da ação de graças, e constitui, na verdade, um pecado. É tão fácil reclamar de uma comida, de uma pessoa rude, ou do mau tempo. Mas será que isso contribui com o bem-estar de alguém? Segure sua língua, a menos que você tenha algo louvável a dizer.

Terceiro, podemos praticar o silêncio evitando compartilhar nossa opinião sobre qualquer assunto. Sempre que alguma crise emerge no cenário nacional ou internacional, parece que todo o mundo, em todo lugar, imediatamente tem de emitir sua opinião infalível sobre o tema em questão. Mas a verdade é que muitos de nós não entendemos tão a fundo assim todos esses acontecimentos, e o mundo não tem necessidade de mais palpites. Seja sábio e guarde sua opinião para si próprio.

Quarto, podemos resistir à compulsão de preencher todo momento vago que surge com algum barulho. Se estiver dirigindo, tente deixar o rádio ou a música desligado. Se está em casa, desligue a TV. Evite ficar inconscientemente conferindo o seu celular enquanto estiver no elevador ou em alguma fila. A vida é repleta de momentos em que podemos ficar em silêncio. Abraços-os.

Finalmente, podemos manter silêncio quando sentimos vontade de criticar os outros. É muito fácil perceber os erros dos outros! Mais fácil ainda é repassar aos outros essas coisas, verdadeiras ou não, destruindo as pessoas e manchando suas reputações só para sentirmos que somos melhores. Manter o silêncio quando temos mania de criticar é difícil, mas também é muito saudável.

“A língua é um fogo, um mundo de iniquidade”, diz São Tiago. Ela “está entre os nossos membros e contamina todo o corpo; e sendo inflamada pelo inferno, incendeia o curso da nossa vida” (Tg 3, 6). Palavras têm poder, ainda que sejam ditas em voz baixa, e o que dizem ecoará para a eternidade. Embora não sejamos monges enclausurados, podemos aprender a praticar o silêncio cada um no estado para o qual Deus o chamou, seguindo nossas línguas sabiamente a fim de ouvirmos a voz de Cristo e conhecê-lo melhor.



falando francamente

ADEUS PRUDÊNCIA

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

– Olá, você por aqui, está passando?
– Não. Voltei pra ficar.
– Já está trabalhando?
– Não, não estou. Pretendia ver com você como es-
tão as coisas...

– Olha, Aparecido, eu estou montando outra fá-
brica, mas ainda vai demorar um pouco. Quando eu
terminar, se você quiser trabalhar comigo, tudo bem.

– Obrigado Mário! Eu vou precisar, está ruim de
serviço. Este mês de agosto é terrível!

Praticamente arrumei trabalho com Mário
Magalhães, meu ex-patrão. Agora era arrumar um lu-
gar pra morar.

Enquanto o Mário Magalhães terminava de montar
a fábrica de sapatos, eu fui para São Luís de Montes
Belos passar uns dias na casa de meus pais.

Lá, encontrei e fiquei amigo de um rapaz, ainda
adolescente, mas muito crescido, simpático, filho de
um ex-fazendeiro em decadência. Combinamos de
morar juntos em Goiânia, ele estava vindo para estu-
dar. Seu nome: João Luís Ferreira.

Arrumamos um quartinho de nove metros qua-
drados, numa República para rapaz, à Rua Benjamin
Constant esquina a Av. Marechal Floriano, hoje Av.
Anhanguera, em Campinas. Moramos seis anos lá.

O amigo João Luís que veio pra Goiânia para estu-
dar, não levava a sério os estudos, o seu forte eram as
mulheres. Eu havia começado estudar em Brasília, no 3º
ano primário, no mês de maio de 1964, agora estamos
no mês de agosto do mesmo ano. O correto seria me
transferir para uma escolar em Goiânia e concluir o 3º
ano, mas isso não o fiz. O que eu fiz foi me matricular
num curso de Admissão no Ginásio Brasília que ficava
na Av. Senador Moraes Filho, em Campinas, saltei o 3º
e 4º anos e fui direto para o Admissão, uma espécie de
vestibular para o ingresso ao Ginásio. Como na minha

vida as coisas têm acontecido na base da impulsivida-
de, na formação intelectual não foi diferente.

A turma estava bem adiantada, estudava desde o
começo do ano. Sentei-me com o Sebastião (carteira
dupla), um balconista inteligente e muito bonzinho (fi-
cou amigo). O Professor Exequias, um senhor de uns
60 anos, andava sempre de terno de brim, numa vespa
M4, era muito bravo, ninguém ousava dar um pio em
suas aulas.

Lembro-me como agora do primeiro dia de aula. O
Professor passou um exercício de conjugação do verbo
Ser.

Na verdade, e é bom que se diga sempre a verdade,
eu nunca havia ouvido falar em conjugar verbo, não
sabia o que queria dizer a palavra VERBO. Fiquei pa-
rado com medo do professor olhar para mim, fingia
que escrevia alguma coisa. Em Brasília, no 3º ano, não
vimos as Classes Gramaticais.

O Sebastião terminou o exercício dele e fez o meu.
Não entendi nada, mas fiquei aliviado. O “Obrigado
Sebastião” ficou engasgado na minha garganta, eu não
disse nada para ele, mesmo porque, não podia con-
versar na aula, mas minha cara de felicidade e alívio
deveria estar demonstrando isso (muito obrigado
Sebastião).

Mas voltemos ao amigo e colega de quarto João Luís:
Ele ia muito bem com as meninas. No Educandário
Rodrigues Alves do saudoso Professor Tobias Alves,
João Luís se engraçou com uma moça muito elegante,
alta, branca de uma brancura alva e cabelos negros,
lindos. Ela usava roupas coloridas, sorriso largo e não
tinha como não notar sua presença, quando ela chega-
va com aquele andado faceiro e aquele sorriso de quem
sabe que está sendo observada e desejada pelos rapazes.

João Luís apaixonou-se por ela. Seu nome:
PRUDÊNCIA.

Prudência era uma moça experiente, mais velha do
que o João Luís, deveria ter uns 25 anos, enquanto o
João estaria chegando aos 19. Sabendo disso e obser-
vando o perigo da paixão do meninão, não levava a
sério os reclames sentimentais dele. João sofria demais
com isso, tinha um ciúme doentio dela.

Sem condições de continuar mantendo o João Luís
em Goiânia e percebendo que ele não leva a sério os
estudos, seu pai resolveu trazê-lo de volta para São
Luís e matriculá-lo no 2º grau, no Colégio Estadual
de São Luís.

Neste intervalo, eu havia passado no vestibular
para o Curso de Letras Vernáculas, na UCG e retor-
nei também para São Luís para dar aula no Colégio
Estadual, resultado: o João Luís passou a ser meu alu-
no. Lembra-se de que ele era muito mais adiantado do
eu, quando morávamos juntos na República. Mas ele
assimilou bem e me respeitava muito como seu profes-
sor. Com isso “Adeus Prudência!...”

Uma nova paixão. Na época, lecionava biologia, no
Colégio Estadual, a Professora Ezir. Ela era baixinha,
loirinha de quadris largos, perninhas grossas e seios
volumosos e deveria estar perto dos 30 janeiros. João
Luís estaria pelos 25 anos, mas continuava meninão.

João apaixonou-se pela Ezir e ela o levou a sério e
topou o namoro. Ela era tão pequenininha perto do
porte físico do João que quem não os conhecia, nunca
pensaria que fossem namorados, neste quesito, ela era
o oposto da Prudência.

Chegou o dia do casamento. João Luís me deu a
honra de paranifá-lo. Foi num sábado de manhã, na
Igreja Nossa Senhora das Graças, na Vila Coimbra.

Na hora das recomendações de praxes do celebra-
nte, o padre recomendou ao noivo que: “no casamen-
te, teremos que ter muita PRUDÊNCIA”...

Não sei o tamanho do susto que o João Luís levou,
quando ouviu o nome da Prudência, mas eu, que es-
tava em pé bem perto dele, pude ver a barra de sua
calça tremendo. Foi um momento que ficou marca-
do pra mim e pra ele, pois só nós dois sabíamos da
existência da Prudência do tempo do Educandário
Rodrigues Alves.

Que foi um susto terrível pra ele, isso foi.



opinião

QUE MAÇONARIA QUEREMOS PARA O FUTURO?

Antônio Leite | Colaborador

Estamos começando uma nova era,
nova realidade, novos tempos.
Passados dois anos do início da
pandemia global de Covid 19, aos pou-
cos, retomamos nossas atividades nos
mais diversos segmentos. A vida social,
profissional, familiar, vai, lentamente se
ajustando aos novos tempos e aos novos
desafios. São tempos de transformação
e ao mesmo tempo, restabelecimento de
algumas rotinas.

Na Maçonaria não é diferente e,
acredito, os desafios são ainda maiores.
Despertar a motivação, satisfazer neces-
sidades e corresponder a expectativas
as mais diversas possíveis, não é tarefa
fácil, especialmente em um ambiente
em que demandas muito distintas estão
a demandar, por consequência, soluções
também distintas.

O que exponho a seguir é uma
visão pessoal, fruto de observação e
análise minhas. Corresponde àquilo
que, repito, em minha avaliação, vis-
lumbro como o futuro da Ordem no
Brasil. Não há intenção de crítica a
quem quer que seja, mesmo porque,
o exercício de liderança e direção em
uma associação como a nossa encerra
em si várias dificuldades, uma delas

sendo seu caráter voluntário e não re-
munerado. Vamos lá.

Há pouco mais de 300 anos, em
criou-se, na Inglaterra, o que veio a ser
a maçonaria como conhecemos atual-
mente. Grosso modo, o estabelecimen-
to de normas e regras gerais de funcio-
namento transformou o que até então
se convencionou chamar Maçonaria
Operativa em Maçonaria Especulativa.
As Lojas passaram a ser centros irra-
diadores de uma nova maneira de ver
o mundo e essencialmente, o homem
dentro da nova sociedade que surgiu,
fruto de duas revoluções fundamentais
que tiveram lugar à época, a industrial
e a das ideias, com o surgimento do
Iluminismo. Não foi pouca coisa.

O Ocidente passou por uma trans-
formação impressionante.

Essencialmente, houve uma enorme
mudança de valores. As manifestações
livres do pensamento e a propagação
de ideais de liberdade e reorganização
do tecido social e econômico, varreram,
na Europa e nas Américas, as dinastias
políticas e religiosas e o homem foi co-
locado num novo patamar. A maçonaria
foi partícipe, juntamente com outras
sociedades, deste processo. O desafio de

transformação foi o combustível que lhe
deu força e vigor.

Com o passar do tempo, já solidifica-
das as bases de um novo modo de vida
em sociedade, associada à natural trans-
formação das sociedades, progressiva-
mente houve um esmorecimento deste
afã de liberdade e libertação. No Brasil,
notadamente nos anos 1930-45, as condi-
ções políticas à época, foram importan-
te fator de dificuldade para os maçons.
Some-se a isto, as mudanças sociais e
especialmente financeiras advindas com
o advento do neoliberalismo e da revo-
lução tecnológica trazida pela internet
e as chamadas redes sociais. O mundo
mudou e com a maçonaria, como disse-
mos, também foi afetada por essa nova
realidade. A isso, somam-se, como expu-
semos no início, os efeitos de uma outra
onda que mudou e ainda está mudando
o mundo – a pandemia de Covid.

Ante a tantas transformações, desa-
fios, dificuldades, mais que bradar os
problemas, é preciso que se somem es-
forços, que se apresentem propostas, se
indiquem opções e caminhos possíveis.

Nossa essência é a transformação
dos adeptos pelo estudo, pelo estímulo
ao conhecimento da filosofia fundadora

Delegado Litúrgico
e Membro Efetivo do Supremo
Conselho do Brasil do Grau 33
para o Rito Escocês Antigo e Aceito

que deu origem, como ressaltado anteri-
ormente, à maçonaria moderna. Nossa
base primeira é o Iluminismo. Conhecê-
lo, ensiná-lo e acima de tudo, aprendê-
lo, é, para mim, o caminho para recolocar
a instituição de volta às suas origens
e despertar em seus membros.

As perspectivas para o futuro per-
mitem dizer que será necessária uma
sociedade sólida e consciente dos valores
da democracia, da representatividade
dos vários segmentos que a compõem e
acima de tudo, uma defesa intransigente
das conquistas que com tanto sacrifício
e esforço, nos permitiram sair das trevas
da Idade Média e, em pouco mais de três
séculos alcançar um patamar de bem-es-
tar, qualidade de vida e liberdades.

Vejo como tarefa nossa, maçons da
ativa, fazer nossa parte e especialmente,
trabalhar para que o ideal que norteou
nossos antepassados seja mais uma vez
a chama que inspira a e dá força e bri-
lho nestes tempos tão conturbados. Que
a Luz inspiradora do passado possa
iluminar nosso futuro e permitir que,
cada vez mais, valha a pena pertencer a
este tão seletivo grupo de homens que se
distinguem por sua vontade de apre-
nder, crescer e servir.



artigo

OS MAÇONS E OS CICLOS PLANETÁRIOS: MITO OU LENDA

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

O desenvolvimento deste tema objetiva o entendimento do pensar lógico sobre o universo e a vida que nele se nutre, o que para os humanos nas dimensões em que vivem representa o desafio interpretativo de afirmações que se rebuscam a outrora do tempo. Quando se fala sobre a origem do ser humano ou de algo intrigante, as vezes se pergunta: “De onde viemos, o que somos e para onde vamos?”, o que parece, as vezes às tradicionais narrativas mitológicas, que foram transmitidas de geração a geração para dar explicações acerca de algo sempre transpassado nas vozes das culturas, dos imaginários sobre a origem do homem, do mundo e da vida, como se fosse manipular a emoção, a crença e os dogmas.

Quando se fala de dimensões ou propostas, releva-se sobre o mito, sua negação e tentativa de despolitização, esvaziamento de contextos, simplificação, ingenuidade e em certos casos harmonia. Nessa acepção torna-se interessante apoiar-se em Barthes (1993), quando Ele buscava na sua análise sobre o cérebro de Einstein, quanto este fotografado ao lado de uma lousa coberta de signos matemáticos de uma complexidade visível, tentava dar significado à sua característica como gênio. Desta forma, a mitologia se fundamenta na natureza das tarefas e mobiliza ideias como formas mecânicas.

Com esta justificativa e se situando entre o mito e a lenda, inicia-se a buscar compreender a partir do desenvolvimento da temática que ora se constrói sobre os “Ciclos Planetários”, que num sentido maçônico de busca visualiza-se a importância de compreender as informações sobre o passar dos “Ciclos Planetários”, recheado de narrativas de Platão, quando de seus registros sobre a Era de ouro da lendária Atlântida.

O “Continente Perdido”, que teve duração aproximada de 12 séculos, que foi de 10838 antes do Ano Zero até 9679, do início do período 90 ate o final do

período 99, para o início de sua queda que culminou com seu desaparecimento a quase 11.600 anos, fase que se torna possível imaginar os últimos períodos do século planetário anterior ao século atual do ciclo planetário terrestre projetado para se encerrar em 2036.

Registrados por estudiosos deste assunto, as contextualizações mitológicas, a partir dos anos que antecederam ao ano zero: em 10838 teve início a construção da colossal estátua da “Esfinge de Gizé”, o grande leão inteiro de pedra”, construída pelos atlantes como uma “importante embaixada da Atlântida no Egito”, cuja forma foi exigida por ser o Leão um animal de guarda, símbolo do povo vermelho da Atlântida, também que se constituiu como “símbolo dos guardiões do astral” na forma de um leão com “asas de coruja”; nesse período afirma-se que a “Grande Pirâmide” bem como a “Pirâmide Atlanteana” já estavam concluídas.

O objetivo dos Atlantes era para que importantes estudos, para conhecimentos do futuro da humanidade pudessem ser guardados na “Esfinge”, construída na última “Era de Ouro” daquela tão evoluída civilização, período que durou 1200 anos, com avanços na tecnologia e espiritualidade e crescimento moral da civilização, que se alinham aos futuros princípios da maçonaria moderna.

Com registros de sábios de diversos povos, a grande pirâmide teve sua construção realizada próxima à grande pirâmide egípcia, alinhada com o leste, com seus olhos voltados para o sol nascente do equinócio da primavera. “Em 10500 a. C., o olhar da Esfinge não apenas via o sol nascente do equinócio da primavera, mas a constelação de Leão”. Ainda segundo autores este evento viria a quase 300 anos após a construção anunciar a vinda de um Avatar, e ai fala-se em “Hermes o Trimgistro”.

Registra-se que o ciclo planetário confunde-se com as Eras Astrológicas que, contava em média 1260

a 1256 anos apesar de o sol levar em média 71 anos para cruzar um dos graus de signos, o que segundo os astrólogos medem 30 graus, totalizando a média de 2132 anos. Pelos cálculos, ao se multiplicar 71 pela proporção áurea que é a “digital de Deus”, chega-se ao número 1.618, que corresponde à proporção de tudo que existe no universo, incluindo o corpo humano, que se aproxima de 115.

Lembrando que cada um dos 360 graus do grande ciclo astrológico de quase 26 mil anos equivale em média a 71 anos e para cada um desses graus os dias do ano astrológico de 26 mil anos, que, segundo os autores, faz parte da fórmula que define os dois principais calendários planetários da terra: um ano astrológico que é de 360 graus/dias de 71 anos e um ano planetário igual a 100 períodos/anos de 115 anos cada. O ano astrológico se confunde com o movimento de translação da terra, e o ano planetário ao movimento de rotação, qual seja um ciclo de 71 anos por dia e outro de 115 anos por ano.

A era Astrológica de 2160 anos, os estudiosos, Max Heindel, Elsa Glover e Shepard Simpson, afirmam que os anos 550 a 500 anos finais de uma Era é sobreposto pela era do signo que se segue, daí vê-se as últimas eras a partir desses cálculos, quais sejam: Virgem, 12462 a.c.; Leão: 10302 a.c.; Câncer, 8142 a.c.; Gêmeos: 5982 a.c.; Touro: 3822 a.c.; Áries: 1662 a.c.; Peixes: 498 d.c. e Aquário: 2658 d.c.

Conforme destaca o Irmão maçom Ariosto Crispin da Silveira (2019), as colunas zodiacais de um templo maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito são 12 e servem como símbolos da demarcação do caminho do homem maçom em desenvolvimento. Que na história da humanidade existem diversos povos que desenvolveram técnicas astrológicas, entre os quais os caldeus, egípcios, gregos, astecas e outros o que comprova a extensão do conhecimento dos povos e da maçonaria em relação aos Ciclos Planetários.



reflexão

SERÁ QUE O TRABALHO ESTÁ FINALIZADO?

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador

Qual é mesmo o significado de ser um maçom na sociedade contemporânea? Diante da indagação, aparenta mesmo que o trabalho ainda não está finalizado, porque urge descortinar e batermos a pandemia que vem assolando de forma crucial a maçonaria no limiar do século XXI, ou seja, a maçonaria do futuro. Cabe suscitar um debate robusto no interior da instituição acerca do significado de ser maçom e da maçonaria no futuro, uma vez que, o futuro se faz no presente, aqui e agora.

Por um lado, fica evidenciados alguns valores atemporais na instituição, deixando de lado ou até mesmo, caindo no esquecimento, os valores sociais mais realçados e buscados durante dois séculos, que tornavam e forma um pilar de união e equilíbrio, unindo os diferentes com os lastros da fraternidade. Por outro lado, são visíveis as os desencontros e divergências de perfis entre gerações, ou seja, membros do quadro de obreiros, deixando para trás aquela máxima que somos “eternos aprendizes” e “eternos ensinastes” e, além da sementeira de erva daninha que desagrega, abre fissura e quebra aquele cristal límpido e puro, que uma vez quebrado, pode até emendar os cacos, porém ficam as marcas incontroversas eternamente.

Portanto, o trabalho não está finalizado, recai sobre cada maçom a prudência de se tornar um guardião permanente da instituição, porque esses ideais maçônicos permanecem “inalterados durante os séculos” e, além de “perpetuarem ao longo da história”, reascendendo diálogo constante no interior da instituição para averiguar e cristalizar o ponto que nos converge, também nos questionar se estes mesmos ideais serão o suficiente para prosperidade dessa instituição bicentenária. A conexão entre tradição e inovação, antigo e moderno (novo) ou ainda, a compatibilidade e incompatibilidade são imperativos de um ambiente onde pessoas congregam, pois, as transformações acontecem com a soma dos elementos consolidados por meio da História com outros que chegam para atender a novas demandas.

Assim, os espaços sociais são confrontados com essa questão. Mas, no que tange a maçonaria,

extraordinariamente é, mergulhar com maior profundidade, com os olhares mais atentos e esclarecidos para revisar e, ao mesmo tempo, fazer uma reavaliação dos nossos atos e ações em situações análogas, mirando o bem da ordem, mesmo que para isso, sejam salientados com maior convergências os pontos que mantem os elos entre os irmãos e demais organizações. Os amálgamas que selam a Maçonaria do futuro consiste em selar um estreitamento entre a condução das relações estabelecidas no seio da instituição e demais organizações “públicas e privadas”, com seus representantes institucionais, por meio de políticas públicas e sociais implementadas, gestão de pessoas utilizada pela organização, além do potencial para fortes afiliações e amizades duradouras, que passa a ser uma das principais atrações que permeiam todos os membros, independente do passado e do presente, que identificam e provavelmente, identificarão os maçons do futuro.

A maçonaria enquanto instituição secular e diante do seu tempo, necessita apresentar com ações efetivas reorganizadas que superam e eliminam o assédio moral perigoso do fanatismo, a intolerância política/religiosa/ideológica, a ingenuidade em tratar assuntos relevantíssimos como meio ambiente, educação, saúde, pesquisa, ciência, tecnologia e sobretudo, a relação entre “o antigo e o novo, a tradição e a inovação, há compatibilidade e incompatibilidades” que necessitam ser ininterruptamente “revisitadas e reavaliadas” para estabelecer linhas de convergências que nos unem, por isso “o nosso trabalho ainda não terminou”. O Futuro da maçonaria e dos maçons, depende de cada um de nós... somos uma liderança... nos tornamos líderes diuturnamente... todo dia, é uma nova jornada... Sejamos luzes.

Não basta ser bom, temos de ser úteis!!!





crônica

A IMORTALIDADE DA ALMA: ACÁCIA AMARELA

Igor Junqueira Cabral | Colaborador

A acácia (*Vachellia farnesiana*) é uma árvore que floresce entre julho e dezembro de cada ano (a depender da região e continente onde ela se encontra), trazendo beleza das cidades aos campos. Na maçonaria é o símbolo da imortalidade, do renascimento do maçom, o legítimo símbolo da vida eterna. Na bíblia encontramos claramente menções sobre a acácia nos trechos:

Altar dos Holocaustos – “Farás o altar de madeira de Acácia. Seu comprimento será de cinco côvados, sua largura de cinco côvados e sua altura será de três côvados”. (Êxodo, 27 – 1).

Arca da Aliança – farão uma arca de madeira de cetim (Acácia)... (Êxodo 25:10)

Mesa dos Pães Propiciais – farás uma mesa de madeira de cetim (Acácia)... Êxodo 25:23)

Por vezes encontramos na bíblia menções sobre a acácia, mas acredito que a mais marcante condiz a construção da arca da aliança e do templo de Salomão. Ambos são enunciados na maçonaria.

Sua planta é dedicada ao deus Mercurio – Hermes e suas flores representam os antigos mistérios dos egípcios, é presente na fábula da morte tendo como representante o deus Osíris que teria sido morto e sobre seu caixão brotará uma árvore de acácia representando seu renascimento para a imortalidade.

A acácia ou Akákia como os jônicos e dóricos antigos a chamavam, é uma planta intimamente ligada a continuidade da vida, para nós maçons ela se torna um símbolo que surge a partir da lenda da morte do construtor mestre – Hiram Abiff – o qual teve seu corpo enterrado sob um pé de acácia. Do ponto de vista simbólico, a Acácia seria a semente que renasce com a morte daquele que foi escolhido como o mestre construtor, é o símbolo da continuidade da vida. Símbolo da segurança e da pureza maçônica seu ramo aparece em cerimônias específicas, sobretudo as fúnebres de irmãos, onde sobre seu corpo colocam alguns ramos que representam a pureza e dignidade de um autêntico maçom.

Um profano ao ser iniciado na maçonaria deve ter sempre em seu coração a busca de um único objetivo: tornar-se uma pessoa mais justa, de pureza em suas ações e sobretudo de autoconhecer-se afim de que tenha uma melhora mútua a partir da evolução do ser. Nos rituais das passagens de graus isso se torna cada vez mais evidente a medida que vão subindo os graus, e o ápice da maçonaria simbólica se dá com a chegada do grau de mestre onde a maturidade do ser por vezes pode ser interpelada pelo avassalo da morte.

A morte então não é o fim, mas o princípio de que a justiça e a caridade prevalecem em ações que perpassam o plano material do orbe que vivemos. O renascimento do maçom não é da mitologia da fênix que ressurge das cinzas, mas da acácia onde a semente plantada demora anos até chegar à maturidade e floresce dando beleza aos espaços. O maçom se torna imortal não pelos títulos que possui seja os advindos da vida profano ou os conquistados pelo mérito dentro de nossas colunas.

A alma permanece imortal onde resiste o amor! A falta constante da matéria sentida por aqueles que amamos é preenchida pelas lembranças do espírito de fraternidade que praticamos enquanto aprendizes do amor e da caridade. Repousemos em refletir onde deixaremos nossa semente da acácia para que possa florir e abrilhantar a vida de todos que amamos.



opinião

O ESTUPRO NO SEIO FAMILIAR

Marcus David Cavalcante | Colaborador

Como a sociedade tem tratado suas mulheres na atualidade? Tendo em vista um passado sombrio que atormenta inúmeras vidas por toda a sua existência. O homem Maçom deveria parar para fazer algumas reflexões, com base em informações que antecederam o período difícil da Pandemia de COVID-19, na verdade bem anteriores mas tão alarmantes quanto a realidade do agora, levando em conta que a Pandemia pode ter agravado esse quadro drasticamente.

Hoje me senti agredido, um releitura doída e preocupante levando em conta o contexto do agora. Não sei se consigo retratar nessas linhas o tamanho da minha indignação. Uma pesquisa, antiga mas não menos verdade no hoje, feita pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), onde 3.810 pessoas foram entrevistadas em 212 cidades entre maio e junho de 2013 mostrou os seguintes resultados em relação ao comportamento feminino e de sua influência nos estupros.

Um número de 58,5% dos entrevistados concordam total ou parcialmente com a frase “SE AS MULHERES SOUBESSEM COMO SE COMPORTAR, HAVERIA MENOS ESTUPROS”.

Outra importante parcela desses brasileiros, 65,1%, concordam total ou parcialmente com a outra frase “MULHERES QUE USAM ROUPAS QUE MOSTRAM O CORPO MERECEM SER ATACADAS”. Do total de entrevistados na pesquisa de nome TOLERÂNCIA SOCIAL À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES, 66,5% são mulheres.

Abril de 2022, sociedade moderna, Brasil democrático, era da tecnologia, tempos de manifestações e protestos em torno de reivindicações sociais diversas e só consigo agora me lembrar das palavras do poeta Renato Russo “vamos celebrar... meu país e sua corja de assassinos, covardes, estupradores e ladrões...”. Como as mulheres estão sendo tratadas dentro de nossas lojas maçônicas, quais ações temos direcionadas para o seu bem estar, sua valorização, seu correto

direcionamento diante desse universo de saberes que estão eclodindo com o advento internet?

Os valores se perderam em meio a confusão que se faz com as prioridades, onde família não importa tanto quanto ideais egoístas de todas as ordens. Não é mais importante falar das construções sociais que visam o bem coletivo quando o que mais chama a atenção são as lutas individuais em favor de pautas meramente caricatas de diferenças, mas que em seu escopo não respeitam pensamentos divergentes. Irmãos reparem bem, não existe mais tolerância com posicionamento contrário, tudo que antes era reprovável agora tem um cunho permissivo, e nesse caminho nossas famílias vão se tornando mais vulneráveis, e nossas mulheres vão sendo reiteradas vezes enganadas e usadas como objetos descartáveis.

A grande mágoa que surge é justamente a falta de respostas quando o assunto é o estupro, não só o porquê acontece, mas como as políticas públicas atuam na inibição e extinção desse comportamento na sociedade, o que sabemos ser quase impossível. O bicho homem é um ser tratável, mas bem sabemos que é necessário se lançar ao aprendizado para que possamos alcançar um nível aceitável de civilidade, e isso não fica mais fácil nos dias atuais. Recentemente um mendigo se notabilizou diante de um Brasil que se riu do adultério de terceiro que fora noticiado como manchete, a mulher tendo em sua única defesa o esposo resignado, e ambos vítimas dos julgamentos mais assombrosos, ao passo que o herói, o mendigo pegador cheio de palavras e encantos, ganhou espaço midiático, se tornou celebridade “e assim caminha a humanidade, com passos de formigas e sem vontade...”

Até quando nós vamos esconder nossas doenças por trás do sofrimento de nossas mulheres e crianças? Como é possível uma sociedade como a nossa, onde religião se mistura com o estado, onde a educação não é prioridade e onde estupradores têm suas ações justificadas pelo desconforto que uns poucos hipócritas demonstram, resistir tanto tempo? Você

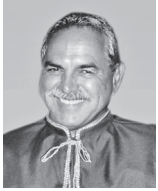
realmente acredita que a sua visão com relação às roupas que uma mulher usa, à forma como ela se comporta, dentre outras análises de valor que você faz, podem explicar os inúmeros casos de estupro que ocorrem no Brasil todos os anos? Se a sua resposta realmente foi sim, parabéns, você é um estuprador em potencial!!!

Justificar e explicar são cabíveis em ações que realmente demandam juízo de valor quanto à determinadas ações que são praticadas por um indivíduo, e que circunstancialmente poderiam ser protagonizadas, sem maiores problemas, por nós mesmos. Em uma conversa sobre o assunto fui questionado se vivemos em uma sociedade que sofre pela ação de pessoas que não pensam, ou se somos vítimas de um comportamento contrário, onde as pessoas pensam e não agem. A resposta mais apropriada é que somos o produto de um Brasil recheado com os dois comportamentos, reféns de constantes ações impensadas que são aceitas abertamente por pessoas de razão que não se prontificam a agir.

É muito cômodo nós imputarmos a culpa na forma como as mulheres se comportam ou se vestem, para não dizer absurdo e ignorante. A culpa é toda nossa, minha e sua, cidadãos que nos conformamos com a construção escalonada de uma sociedade sem escrúpulos, cheia de pessoas que não conseguem pensar no coletivo, e que pautam suas escolhas e ações em princípios mentirosos e decaídos que nada transmitem de real ou aproveitável. O estupro é uma doença, e tentar justificá-lo é a prova de que você também o faria se as condições lhe fossem favoráveis. Não há meio termo, é essa a verdade, você tem potencial de estuprador e as mulheres à sua volta devem agradecer por você não ter encontrado, ainda, as circunstâncias ideais que o fizessem agir.

Não é possível você não se posicionar. É vergonhoso compactuar com essa constatação. Nós não podemos ser tão desprezíveis assim. Somos uma nação livre, que tem ao longo dos anos demonstrado amadurecimento social, contudo esses regressos me fazem temer, e repensar, se os nossos valores estão realmente alinhados com o senso mínimo de justiça e retidão.

**A CULPA NÃO É SUA MULHER...
O SEU ENCANTO NÃO É A RAZÃO
DESSA DOENÇA...
VOCÊ NÃO MERECE SER ESTUPRADA!!!**



tempo de estudo

SALMO 133 – PARTE II

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

Os Landmarks são as leis imutáveis e mais antigas da Maçonaria. Neles, o de número 21, exige que durante os trabalhos ritualísticos fique aberto o Livro da Lei sobre o Altar dos Juramentos.

Ele, o Livro da Lei, poderá ser a Bíblia (livro sagrado Cristão), o Alcorão (livro sagrado do Islã), o I Ching (texto clássico chinês – Taoísta), o Torá (livro sagrado do Judaísmo), os Upanishads (escrituras sagradas do Hinduísmo) ou qualquer livro que seja sagrado para uma religião. No Brasil, onde há o predomínio e influência judaico-cristã, por consequência, adotou-se a Bíblia, que acreditamos Sagrada.

Nos primórdios do Rito Escocês Antigo e Aceito, estabelecia-se que, em Loja de Aprendiz, deveria ser lido os versículos de 1 a 5, capítulo 1, de São João. Posteriormente, no século XIX, o Salmo 133 começou a ser lido em algumas Lojas do Rito de York, na Inglaterra. Nos Estados Unidos da América do Norte, algumas Grandes Lojas substituíram os versículos de São João pelo Salmo 133, o Cântico de Davi.

Procurando conseguir o reconhecimento internacional, as Grandes Lojas brasileiras buscaram este uso nas Grandes Lojas norte-americanas e, assim, introduziram a leitura do Salmo 133 por volta dos anos 1940. Em seguida, a leitura deste Salmo também foi adotada nas Lojas do rito Escocês Antigo e Aceito e do Rito de York, federados ao Grande Oriente do Brasil.

A leitura do Salmo 133 é a abertura dos Trabalhos em uma Loja Maçônica no Grau de Aprendiz. Como tal, trata-se de um ato litúrgico, não podendo, assim, ser interrompido sob nenhum pretexto e deve ser executado na íntegra. Ele exulta a união entre os irmãos e demonstra, desde os Templários, Ordem fundada na época das cruzadas, a filosofia maior da Maçonaria. Nele está contido a trilogia **liberdade, igualdade e fraternidade**.

O Salmo utilizado na abertura dos Trabalhos em Loja de Aprendiz, todos conhecemos. Entretanto, poucos de nós sabemos que ele é denominado o Salmo do Peregrino. É a peregrinação que o Maçom faz para *refrigerar, arejar e ventilar* sua alma. Para alimentar o seu corpo espiritual. Para fortalecer sua vida.

Não é suficiente, no entanto, apenas ouvir-lhe a leitura. É preciso que as suas palavras sejam compreendidas e aceitas com a mente e coração abertos. Porque sua escolha por nossos antecessores, com certeza, não terá sido por acaso. Sua profundidade leva-nos, ou deveria levar-nos, reflexão sobre sua real significação. Toda nossa ritualística obedece a um preceito divino místico, etéreo e sua existência nos traz ensinamentos que contribuem para nossa elevação moral, educacional, fraterna e solidária. **Justiça e igualdade** são nossas premissas e as buscamos em nosso aprendizado e só as atingimos através de nossa ritualística.

Diz o 1º Versículo:

“Oh! Quão bom e agradável viverem unidos os irmãos...”

Para os hebreus, *“viverem unidos os irmãos...”* reflete a importância, entre os judeus, da unidade familiar. Os filhos nunca deixavam a tenda do pai, mesmo quando nômade. O rapaz, quando casava, montava outra tenda. Somente as moças

abandonavam o lar familiar para mudar-se para a tenda do marido. Era o ideal de família, que *“os irmãos habitassem em união”*. Da mesma forma que os irmãos de sangue sentiam a necessidade de unirem-se em torno do Templo familiar, entendesse que a filosofia maçônica tomou como exemplo essa experiência, para ensinar a seus membros estarem sempre juntos como única família, construindo o seu Templo Espiritual.

Na leitura do Salmo, na abertura ritualística da Loja de Aprendiz, o texto atua em todos os irmãos presentes como unificador das mentes em torno do grande objetivo comum.

No 2º Versículo:

“É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, que desce para a gola de suas vestes...”

Entre os judeus, os cabelos e a barba compridos era uma marca de distinção. A barba era um sinal de veneração e virilidade.

O óleo era composto de 8 kg de cássia, 4 kg de canela aromática, 4 kg de cinamomo e de 6 litros de puro azeite de oliveira (essas medidas em quilo e litros, foram obtidas a partir das quantidades mencionadas na Bíblia, onde 1 Ciclo corresponde a 16 gramas e 1 Lin corresponde a 6 litros).

O óleo possuía valor extraordinário sobre todos os aspectos, além do seu alto valor comercial e medicinal, era símbolo da unidade e do amor entre os irmãos. Era utilizado em várias oportunidades, untando o corpo do recém-nascido; na unção para o sacerdócio; para o casamento e sepultamento. Todos os atos cerimoniais comportavam essa prática. Ungir da cabeça aos pés com óleo era considerado sinal de grande respeito e amor entre os judeus. Se a pessoa fosse muito venerada, o óleo era derramado em abundância e corria livremente da cabeça aos pés, passando pela barba até o vestuário.

Moisés, derramou o óleo sobre a cabeça de Arão unguendo-o sacerdote, confirmando a benção e a eleição de Deus, sobre o sacerdote que tinha a responsabilidade de manter o povo em comunhão com Deus e em comunhão entre si. Arão era tido em grande conta pelo seu povo, tanto que serve como demonstração da alegria que advém da união fraternal, porque soube ele unir-se ao povo, como se todos pertencessem à mesma família.

Segundo o Livro de Gênesis, quando Arão foi unguido o óleo foi derramado em sua cabeça, descendo pela barba e pelas suas vestes, significando que de sua cabeça, de sua mente, de sua parte espiritual, espalha-se a benção ao corpo, que simbolizava a nação israelita.

Finalmente, o 3º Versículo:

“É como o orvalho do Hemon, que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordena a benção e a vida para sempre.”

Na antiga língua aramaica, Hemon significa lugar proibido. Trata-se da montanha mais alta da costa oriental do Mar Mediterrâneo, situada entre o Líbano, Israel e a Síria. Tem quase 3.000 metros de altitude. De seu topo, veem-se o Líbano, as planícies nos arredores das cidades de Damasco, Tiro, Carmel, as montanhas da alta e da baixa Galileia e, em dias claros, a região norte do Mar Morto, a 160 km de distância.

Os salmitas comparavam o óleo ao **orvalho do Hemon**, porque do monte que se mantém coberto de neve o ano inteiro, inclusive no verão, desprende o orvalho, que constantemente, à noite,

Cântico de Davi

beneficia as regiões áridas. Os ventos que vem do Mediterrâneo, conduzem esse orvalho a longas distâncias e isso, numa terra árida como é Israel e Palestina, Líbano e adjacências, constitui uma verdadeira benção. O degelo provado pelo sol que vai surgindo e derretendo a neve, é uma das principais fontes de abastecimento do Rio Jordão, que nasce em seus contrafortes.

Sião era o nome da primitiva Jerusalém e das terras que estavam próximas, hoje Israel. As águas do Hermon, descendo o Rio Jordão, abasteciam e vivificavam as terras da antiga Sião, irrigando os montes à sua volta e trazendo a abundância e riqueza ao povo unguido por Deus – trazendo-lhes a **benção e a vida**. Desta forma, como aquele orvalho era um verdadeiro fertilizante para o solo, que fazia os campos produzirem boas colheitas, a união fraternal é também um estímulo que atrai e renova as benções divinas.

Ter a **benção e a vida**, era privilégio, segundo as Escrituras, restrito ao povo judeu. Atualmente, concedidos àqueles que conseguem viver em harmonia com seus irmãos, em consonância com as leis universais e de acordo com os princípios ditados pelo **G'.A'.D'.U'.**

A partir dos Versículos 2 e 3, podemos compreender as razões porque Davi enfatiza, no Versículo 1, a importância da concórdia e da união fraternal, ao esclarecer que, além do aspecto sagrado e abençoado, explícito no 2º Versículo, a união é indispensável ao progresso **material, moral e espiritual** de todos os irmãos.

Com isso, ao iniciar os Trabalhos em Loja de Aprendiz e pelo poder místico do **Salmo 133**, os Irmãos atingem a mais íntima comunhão espiritual, que os eleva acima dos limites impostos pelo corpo físico, para atingir a perfeita união com a Consciência Universal, o **G'.A'.D'.U'.**

Para sempre, nos lembra que a nossa responsabilidade não termina aqui, pois é eterna, infinita e renovada a cada existência.

Por isso, quando o Ir'. Or'. lê o Salmo 133, é recebido etereamente assim:

“Oh! Quão bom e agradável viverem unidos os irmãos...” / *“Pai, estamos todos reunidos em teu Santo Nome, com os mesmos pensamentos.”* / **“É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão,”** / *“Unge-nos com tua essência purificando-nos e descendo em nossa matéria, transformando-nos em iluminados,”* / **“que desce para a gola de suas vestes.”** / *“florescendo nosso invólucro, perfumando nosso espírito.”* / **“É como o orvalho do Hemon, que desce sobre os montes de Sião,”** / *“É como as lágrimas angelicais que descem sobre o Monte Sagrado na sarça ardente de Horebe,”* / **“porque ali o Senhor ordena a benção e a vida para sempre.”** / *“Porque ali vós derramais sobre nós tua luz e nos diz:*

SOISOMEUETERNOFILHOCONSTRUTOR.”

Ficando assim:

“Pai, estamos todos reunidos em teu Santo Nome, com os mesmos / pensamentos.” / **“Unge-nos com tua essência purificando-nos e descendo em nossa matéria, transformando-nos em iluminados,”** / **“florescendo nosso invólucro, perfumando nosso espírito.”** / **“É como as lágrimas angelicais que descem sobre o Monte Sagrado na sarça ardente de Horebe,”** / **“Porque ali vós derramais sobre nós tua luz e nos diz: SOIS O MEU ETERNO FILHO CONSTRUTOR.”**



artigo

BRAHMA – III

Célio César de Moura Gomes | Colaborador

11. Em 1855, ocorre a terceira Pandemia da Peste. Iniciou na China, alastrando para a Índia e Hong Kong, 15 milhões de vítimas, é o estimado. Lembrando, a peste, é uma grave infecção provocada pela bactéria *Yersinia pestis*, cuja principal via de transmissão é a picada de pulgas de roedores, principalmente de ratos. É uma doença pouco comum nos dias de hoje, mas historicamente registra-se ter sido responsável por dizimar cerca de 1/3 da população europeia na idade média. Tem alta taxa de letalidade, perdendo apenas para a malária como principal causa de morte de origem infecciosa em toda história¹⁶. “Acredite ou não, a pandemia permaneceu ‘secretamente’ ativa até 1960¹¹”.

12. Em 1875, ocorre a Pandemia do Sarampo de Fiji, que ao tornar-se parte do Império Britânico, o chefe das Ilhas Ratu Cakobau, viaja até a Austrália, e em consequência contamina-se e traz o agente do Sarampo, um vírus, resultando em epidemia, provocando morte de 40.000 pessoas, um terço da população de Fiji na época¹¹.

13. Em 1880, é identificado o protozoário *Plasmodium*, agente da MALÁRIA, que tem acometido populações em várias regiões do planeta. E hoje a OMS considera a malária a pior doença tropical e parasitária da atualidade, perdendo em gravidade apenas para a Aids. Sua contaminação e transmissão se faz através da picada de mosquitos do gênero *Anopheles* que aspira sangue de um doente ou

portador assintomático de formas do *plasmódio* injetando-as em um indivíduo sadio. O protozoário destrói células do fígado e os glóbulos vermelhos e, em alguns casos, artérias que levam o sangue até o cérebro. Não existe uma vacina eficiente, e o tratamento e profilaxia se faz com drogas, dentre elas cloroquina e seus derivados¹⁹. Desde 1980, registra-se que tem causado 3 milhões de mortos por ano¹⁸.

13. Em 1889, a Gripe Russa, iniciando a pandemia na Sibéria e no Cazaquistão, espalhando-se depois Europa, América do Norte e África. Em 1890 os registros mostraram que a gripe russa provocou a morte de 360 mil pessoas¹¹.

14. Em 1918 ocorre a Gripe Espanhola, de origem “aviária”. Supostamente originou-se na China, disseminando através de trabalhadores que viajavam pela Europa e pelo Canadá. Durou aproximadamente um ano, provocando cerca de 50 milhões de mortes em todo o mundo¹¹.

15. Em 1957, inicia em Hong Kong a Gripe Asiática, espalhando-se por toda a China, Estados Unidos, Reino Unido e América Latina*. Matou cerca de 1,1 milhão de pessoas em todo o mundo (*acréscimo nosso – fui uma das vítimas de adoecimento)¹¹.

16. Em 1968, inicia em Hong Kong que recebe nome de gripe de Hong Kong, com o primeiro caso relatado em julho de 1968. Espalhou-se pela Europa, Estados Unidos, Índia, Austrália, Filipinas e América Latina*(*mesma observação anterior)¹¹.

Matou aproximadamente um milhão de pessoas em todo o mundo, dentre eles 500 mil residentes em Hong Kong, representando cerca de 15% da população local.

17. Em 1981, o HIV/AIDS, é identificado nos Estados Unidos, relacionado com um surto de casos no início da década de 1980, que se espalhou, tendo sido rastreado até nos chimpanzés da África. HIV e AIDS não são sinônimos. HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) é o vírus causador da AIDS, que ataca células específicas do sistema imunológico (os linfócitos T-CD4+), responsáveis por defender o organismo contra doenças. Ao contrário de outros vírus, como o da gripe, o corpo humano não consegue se livrar do HIV. Ter HIV não significa que a pessoa desenvolverá AIDS; porém, uma vez infectada, a pessoa viverá com o HIV durante toda sua vida. Não existe vacina ou cura para infecção pelo HIV, mas há tratamento. Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é a doença causada pelo HIV, que ataca células específicas do sistema imunológico, responsáveis por defender o organismo de doenças. Em um estágio avançado da infecção pelo HIV, a pessoa pode apresentar diversos sinais e sintomas, além de infecções oportunistas (pneumonias atípicas, infecções fúngicas e parasitárias) e alguns tipos de câncer. Sem o tratamento antirretroviral, o HIV usa essas células do sistema imunológico para replicar outros vírus e as destroem, tornando o organismo incapaz de lutar contra outras infecções e doenças.

A transmissão do HIV se dá por meio de relações sexuais desprotegidas, pelo compartilhamento de seringas, materiais perfuro-cortantes contaminados e não esterilizados e por meio da transmissão vertical durante a gravidez, parto e/ou amamentação, quando não tomadas as devidas medidas de prevenção.

(continua na próxima edição)



política

EXISTE MESMO EQUILÍBRIO...

Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Na República Federativa do Brasil vige a tripartição do poder onde temos os chamados Três Poderes: o Poder Executivo (PE), Poder Legislativo (PL) e o Poder Judiciário (PJ). Para evitar interferências indevidas de um poder sobre o outro, nossa Constituição Federal de 1988 asseverou em seu artigo 2º que esses poderes são independentes e harmônicos entre si. A independência vem das características e prerrogativas próprias e exclusivas de cada um e a harmonia vem da complementariedade entre eles.

Além disso, em várias passagens de seu texto temos mecanismos de fiscalização, controle, ratificação, correções etc. de um poder sobre o outro, mas nunca o subjugamento. Vejam: O Estado (PE) indenizará o condenado por erro judiciário (PJ). Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos (negociados pelo PE) terão que ser aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional (PL). Os partidos políticos (PL) prestam contas à Justiça Eleitoral (PJ). Julgamento de prefeito (PE) será perante o Tribunal de Justiça (PJ). A fiscalização do município (PE) será exercida pelo Poder Legislativo Municipal. O veto ou superação do veto de lei de iniciativa do (PL) ou do (PE) e vice-versa. Tudo isso e outras tantas passagens em nossa CF/88 é o que a doutrina chama de mecanismos de freios e contrapesos justamente para que não se tenha um poder acima do outro, com prerrogativas maiores do que as especificadas em seu próprio texto magno. Um poder não pode inviabilizar ou desequilibrar o outro, simplesmente.

Vivemos num país democrático onde as opiniões não anônimas são livres, mas elas geram um preço. O que se tem visto são manifestações e atitudes públicas de confrontação entre poderes, chegando ao ponto de um poder questionar a legitimidade e a decisão de outro, simplesmente por questões ideológicas, passionais e até mesmo porque não se sentem apoiados. Temos visto, tantas questões de cunho administrativo do Governo Federal serem quase que diariamente serem levadas ao crivo do STF, esse não é papel da Corte Suprema, pois ela é guardiã da Constituição Federal e não dos atos administrativos.

Ficamos com a impressão que os opositores ao Governo vigente, não concordando com determinadas ações daquele, estão questionando quase tudo e fazendo uso sempre do STF, em primeiro lugar, sem utilizar os meios naturais e postos para tanto. Cito um evento nem tão recente, mas com a devida prudência e ponderação o Presidente do STF retirou da pauta a imposição da ideologia de gênero nas escolas. Isso, modestamente é matéria para revisão constitucional e não de reforma (PEC).

Ressalte-se que em toda doutrina existente no mundo, nos países democráticos, a titularidade do Poder Constituinte é do povo, que é quem deve determinar quando e como deve ser elaborada uma nova Constituição. Não é simplesmente um desejo de um partido ou de um grupo de influência que tem o condão de gerar uma nova Constituição. Por último, recentemente, num evento internacional nos EUA, dois ministros do STF usaram palavras nada adequadas à ritualística dos seus cargos ao se referirem ao Chefe do Poder Executivo. Registre-se que no afã de responder a eventuais “ataques” também há da

parte desse, manifestações nada polidas. Estamos vivendo um turbilhão no meu modesto ponto de vista desnecessário.

Só a título de curiosidade de que nossos poderes constituídos estão no mínimo passados, vejamos que o nosso legislativo federal erra e muito ao fazer da CF/1988, digamos uma “Lei Ordinária”, pois tudo querem fazer via PEC. Não é à-toa que chamam-na de “colcha de retalhos”, visto que tem mais de 100 (cem) emendas constitucionais. Vocês acham lógico colocar situações em nível constitucional que tratem da pandemia? Será que uma Lei infraconstitucional não seria suficiente, afinal é a própria constituição federal que confere às leis o tal poder regulamentar. Quando a pandemia passar, ficará mais uma letra morta como existem outras tantas no texto de nossa Carta Magna.

Enfim, a democracia é feita de embates de opiniões e de argumentações muitas das vezes díspares, portanto, os poderes não foram criados para se apoiarem uns aos outros indiscriminadamente. Eles coexistem para cumprirem suas missões institucionais regradas pela Constituição. É completamente insano os poderes ficarem se agredindo para satisfazerem tendências ou estimular rancores. Temo que se essas atitudes beligerantes continuarem poder-se-á até inviabilizar uma nação.

A governabilidade seja de uma forma ou de outra tem de ser preservada e se existem insatisfações, as urnas vindouras são os instrumentos soberanos caso queiramos mudar esse status quo. O País deve ser maior do que qualquer um. Essa é uma visão apertada e sem nenhuma conotação discriminatória, ela defende apenas o uso do bom senso. A imposição de opiniões e tendências, na marra, tanto para um lado como para o outro, mais prejudica do que ajuda. A sociedade evoluiu, existem caminhos e modelos que são sem volta, mas a sua inserção deve ser paulatina e nada deve ser obrigado. Ah que se ter equilíbrio, em tudo. Saúde, força e união. Que o Grande Oriente do Universo nos ilumine a todos hoje e sempre.



opinião

LEMBRANÇAS MAÇÔNICAS DA CIDADE DE GOYAZ – II

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Existia na cidade de Goiás, a Loja Capitular Azilo da Razão, fundada em 16\4\1876. As Lojas Capitulares trabalhavam no Templo simbólico adaptando-os para o Capítulo nos graus 4º até o 18º. Foram amplamente difundidas no escocismo, inclusive no Brasil, até os meados do século XIX, época em que extinguiu-se o sistema da Lojas Capitulares, quando o Segundo Supremo Conselho reivindicou o direito de tutela dos graus Inefáveis, de Perfeição e Capitulares (do 4º ao 18º), ficando o simbolismo sob a égide do Grande Oriente da França.

Em 1886, a Loja tinha como Delegado Especial do Grande Oriente, Augusto Teixeira de Magalhães Leite; como Venerável Mestre, o comerciante de fazendas, ferragens e molhados e capitão João Gonzaga de Siqueira; como Secretário, o comerciante Luiz Antonio Pereira de Abreu; como Tesoureiro, o comerciante de fazendas, ferragens e molhados, Juiz de Paz e Inspetor da Tesouraria da Fazenda o Capitão João Gualberto Teixeira e como Orador, o Dr. Francisco de Paula Alvellos.

Devido à escassez de documentos é muito difícil termos informações sobre os valorosos Irmãos dessa Loja. Sem podermos afirmar ser a mesma pessoa, temos um Augusto Teixeira de Magalhães Leite, como vereador no da Câmara Municipal da Vila de Formosa da Imperatriz, hoje Formosa, de 1881\82 e em reunião do Supremo Conselho do Brasil de 7\1\1897, recebeu o título de membro Honorário, Grau 33, Augusto Teixeira de Magalhães Leite, membro da Loja Amparo e Virtude. A única Loja com esse título que achamos é no município de Pesqueira, Pernambuco, sob o nº 276 e fundada em 13\1\1874.

João Gonzaga Siqueira, nasceu em 3\6\1850, em Luziânia, filho Tenente-Coronel Manoel Sardinha de Siqueira e Maria Teolina Fleury. Em 1872, aparece como suplente dos eleitores da Paróquia de Santa Anna. Preocupado com a vida cultural, ofertava livros em

sua casa comercial. Foi sócio e tesoureiro do Gabinete Literário de Goiás até 19\1\1878. Eleito irmão de mesa para os festejos da Semana Santa. Em 1876, aparece na Lista Geral dos Cidadãos Qualificados Votantes do Município da Capital, com 30 anos e casado. Eleito vereador pelo Paróquia de Curalinho (hoje Itaberaí). Eleito Deputado para Assembleia Legislativa, com 12 votos. Em 1878, torna-se tesoureiro da Sociedade Dramática. Eleito para a Assembleia Provincial biênio 1880\81, com 135 votos. Abolicionista, deixa a Sociedade Emancipadora em 1880. Em 1\7\1884, é eleito 1º secretário suplente da Assembleia provincial. Deixa o Partido Conservador em 1885, por divergências com o Desembargador Julio Barbosa Vasconcellos, presidente da Província de 17\10\1885 a 6\1\1886, só volta ao partido após interferência do presidente da província Luiz Silveira Alves da Cruz, que reconcilia os dois.

João Gualberto Teixeira, eleito vereador em 1876, pela Paróquia de São José de Mossamedes, eleito Deputado da Assembleia Legislativa, com 130 votos e em 1879, membro as Assembleia Provincial para o biênio 1880\81. Vereador no quadriênio 1881\84.

O Dr. Francisco era professor de Ciências Físicas e Naturais na Escola Normal, professor de filosofia no Externato Goyano e médico da enfermaria do Hospital de São Pedro de Alcantra. Promovido, em 10\6\1884, para 1º cirurgião do 20º Batalhão. Em 24\8\1884, passa, interinamente a ser cirurgião-mor do exército. Abolicionista e republicano exaltado, entra em choque com o presidente da província Luiz Silveiro Alves Cruz. Em Ordem do dia nº 23, de 3\1\1887, o presidente da província dá prazo de 8 dias para que se apresente ao Ministro da Guerra. Conforme o Correio Oficial de 8\1\1887, Manoel Nery de Santa Anna, declarava que, devido a sua pobreza, foi coagido pelo Dr. Francisco, pela quantia de 50 reis, inserir diversos artigos no *Jornal Constitucional*, contra o Dr. Luiz Silverio Alves da Cruz. Acionistas do *Jornal Constitucional*, membros

do Partido Conservador, entre eles, João Gonzaga de Siqueira e João Gualberto Teixeira, declaram: (ortografia original) “em homenagem a verdade, sob nossa palavra de cavalheiros, que nenhuma parte direta ou indirecta temos na redacção desse jornal; que não adherimos a infundada opposição movida contra o exm. sr. dr. Liuz Silverio Alves Cruz, preside d’esta província, antes pelo contrário, publica e solenemente protestamos contra tudo quanto diz em relação a esse honrado administrador, que até agora continua a merecer nossa estima, consideração e completo apoio.” Em 11\1\1887, após pedir licença de 4 meses no Hospital de Caridade, se apresenta ao Ministro da Guerra. Amigos e republicanos, lançam uma declaração de apoio ao médico. Em 26\3\1887, é demitido, pelo presidente da província do Hospital de Caridade. Em 3\12\1887, o Ministério da Guerra, concede-lhe uma licença de 3 meses. Em edital de 10\12\1887, ele apreço listado como eleitor da comarca de Goiás, na paróquia de Santa Anna.

A notícia da Proclamação da República chegou na capital em 5\12\1889, com a população pressionando no Largo da Matriz, Dr. Goiás do Couto descreve: “Assim avançado, a edilidade determinou, na ausência de outros meios que arautos convocassem o povo para comparecer no Largo da Matriz, frente ao Palácio Conde dos Arcos, residência do governador provincial, para ouvir a decisão. A hora convenionada (17 horas) numerosa multidão lotou a praça. Vivas, gritos, foguetes atrovavam pelos ares. No meio desse entusiasmo, o Presidente do Clube Republicano proclamou solenemente a República.

A seguir, surgiu nas sacadas do Palácio uma comissão de três conselheiros para declarar à gente da Província que o Conselho Municipal de Goiás resolvera aderir à República Federativa. E milhares de vozes entoaram a ‘Marselhesa’.

Os vereadores reconheceram como governo a Junta composta pelos Drs. Guimarães Natal, José Joaquim de Souza e Comandante Eugênio Augusto de Melo. Foi dada a palavra ao Dr. Francisco Alvellos, médico do 20º Batalhão de Caça. Indignado com os adesistas e aproveitadores, faz um inflamado discurso contra esses adesistas de última hora, monarquistas que vivam à sombra do trono, e que agora posavam de republicanos exaltados. Houve espanto entre os presentes, recebeu entusiasmados aplausos e formando-se um tumulto. Presos, são levados para o quartel. O Dr. Francisco foi julgado e absolvido, uma vez que não falou contra o regime, mas sim, contra os políticos oportunistas, sem honra e dignidade.



artigo

A contribuição do educador universitário do Século XXI à sociedade brasileira, por meio da inserção de valores em sua disciplina – V

Carlos Augusto F. de Viveiros | In memoriam (Texto escrito em dezembro de 2020)

A educação, a escola e a universidade, em um sentido amplo, são partes integrantes do projeto de desenvolvimento econômico, social, político e cultural da sociedade; participam efetivamente da organização da cultura, da vida social e política, do sistema das instituições da sociedade civil, que tornam efetivo o trabalho da cultura na reprodução e na transformação da sociedade. (FERREIRA, 2016, p. 22)

Com as mudanças ocorridas no ensino superior brasileiro, faz com que os docentes vejam a necessidade de também acompanhar essas mudanças, levando-os a repensar o processo de aprendizagem nas instituições de ensino superior no Brasil, procurando discutir e identificar quais seriam as competências específicas para uma docência contributiva para formação de uma nova sociedade calcada em princípios positivos.

Para Masetto (2015), o principal ponto a definir se referia exatamente à concepção de competência.

Optou-se pela descrição de Perrenoud, segundo a qual “atualmente define-se uma competência como a aptidão para enfrentar um conjunto de situações análogas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidade, microcompetências, lição e de raciocínio”. (Perrenoud et al., 2002, p. 19)

Para que o educador contemporâneo possa contribuir com a formação dos alunos deverá estar em constante aprendizado. “É uma definição que insiste em deixar claro que competência sempre desenvolve conjuntamente: saberes, conhecimentos, valores, atitudes, habilidades.” (BRUCH, 2007, p.4)

Assim, temos duas variáveis que são introduzidas na formação do professor do ensino superior brasileiro do século XXI, que são valores e atitudes, elementos que poderão também, contribuir na formação de uma sociedade voltada para os princípios humanos.

Segundo Puig (2007, apud, ARAÚJO, 2007, p. 96), para a transmissão da cultura moral, uma das tarefas dos educadores é colocar em ação práticas educativas adequadas a cada circunstância. Além, de ajudar a aumentar a diversidade nas carreiras com o sistema de cota e permitir que as minorias, também, ocupem posição de liderança nos Poderes em geral.

Numa breve retrospectiva da história das instituições de ensino superior brasileiro, nem todas as classes tinham acesso ao ensino superior, mas, com a utilização do sistema de cotas passou-se a dar oportunidade aos menos favorecidos ao acesso no ensino superior.

Giusti; Pereira (2004), a expansão do número de vagas, e a consequente ampliação do acesso ao ensino

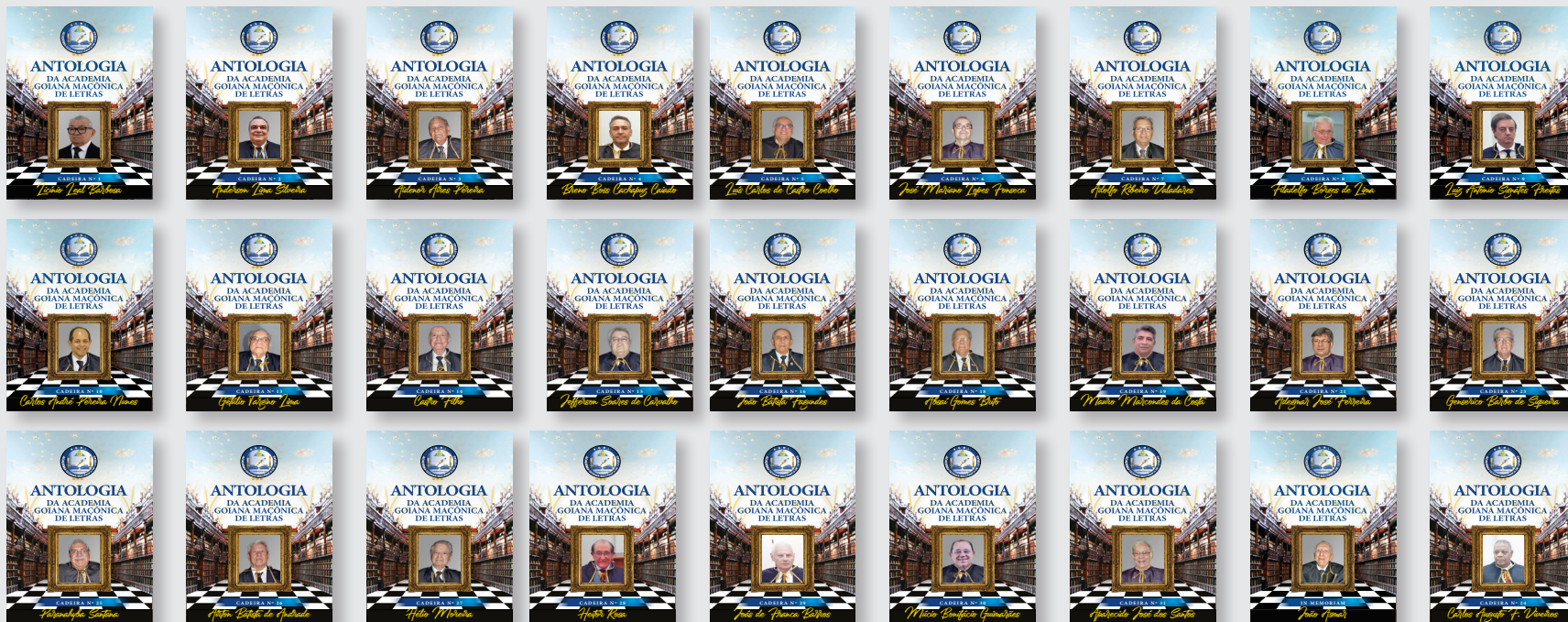
superior, proporciona uma maior heterogeneidade do público que se dirige às instituições de ensino superior. Este se abre a parcela da população a quem a possibilidade de graduação era, anteriormente, dificultada.

Recentemente as instituições de ensino superior brasileiras passaram a adotar o sistema de diversidade para os alunos pertencentes às minorias, a fim de compensar o histórico de discriminação, que os coloca em posição de inferioridade com relação aos demais, esse benefício para quem recebe é uma forma de compensar as injustiças do passado e suas consequências que ainda persistem. Segundo Mattos (2010, p.122), qualquer escola que, na busca de efetivar sua condição de Escola democrática e que busca a formação do cidadão, a dignidade da pessoa humana e o conhecimento marcado por estímulos e formação de valores, hábitos e comportamentos, e que respeitem as diferenças e que combatam os preconceitos, o racismo e a discriminação, tem que incluir a temática étnico-cultural em seus currículos. Essa é uma nova maneira de contar a história da população brasileira, percebendo que o Brasil é um país de origem luso-africano-ameríndio-imigrantes composto por diversos graus de associação e transformações culturais.

(continua na próxima edição)



Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]



crônica

TODOS OS DIAS SÃO DAS MULHERES

Adolfo Ribeiro Valadares | Cadeira nº 07

Todos os dias são das mulheres
"Uma mulher sábia edifica um lar".
Provérbios, 14:1

O dia 8 de março se tornou por convenção internacional uma data dedicada a homenagear as mulheres como sendo o Dia Mundial da Mulher. É uma iniciativa louvável pelo significado de estabelecer um dia específico em que são concentradas as homenagens às donas dos nossos afetos e para quem rendemos todas as reverências possíveis durante toda a nossa vida. Entretanto, torna-se uma data pequena, diante da grandiosidade do que as mulheres representam na evolução da humanidade e na construção das vidas dos homens.

Por isto, queremos prestar essa reverente homenagem em uma data fora do dia usualmente destinado a essa lembrança, para frisar que isso deve ser feito dia após dia, afim de enaltecer o caráter sublime que as mulheres significam para nós, homens de bons costumes que reafirmamos a cada manhã o inestimável valor que lhes prestamos. Uma mulher representa para um maçom a materialização do amor, porque é nela que principia o objetivo maior de nossa luta diária para construir lares onde a virtude, a concórdia e a harmonia sejam as luzes a nos guiar.

Já disse isso em outra ocasião, mas não custa lembrar. Para ingressar em nossa Ordem, o candidato necessita obrigatoriamente da autorização da mulher a quem ele deva essa reverência. Sua esposa, sua mãe ou mesmo uma irmã mais velha, para lhe dar a anuência necessária, ou sem isto, ele simplesmente ficará de fora da maçonaria. Assim, fica patente a importância que prestamos ao respeito e companheirismo que deve imperar nas relações dos maçons com a dileta mulher que seja a dona dos seus afetos.

A mulher é para nós o princípio norteador da vida, porque gera, acalenta e alimenta o ser em formação, aquele que será o sonho da evolução que cada indivíduo traz em si, aquele que carrega a essência elementar que é o espírito imortal em busca do crescimento e que tem a missão de contribuir para a melhoria da humanidade. É na mulher que residem a sabedoria e a sensibilidade necessárias para formar o caráter de cada indivíduo, seja homem ou outra mulher, transmitindo a sensatez que perpetua a vida e a habilidade de abstrair o melhor de cada um para produzir o sempre almejado crescimento.

Uma mulher é sinônimo de guerreira, que não se acovarda diante de dificuldades e sabe encorajar quem dela necessita. É em uma mulher que um homem sensato busca revigorar suas forças para prosseguir na labuta diária. É em seu sorriso que ele embala os sonhos de alegria de dias melhores e é nela que se serve da luz necessária para guiar seus passos.

A conselheira, a amiga, a cúmplice, a mãe da cautela, a sóbria, a digna de paz, a engenheira das estratégias, a garra, a meiga, a candura, o encanto, a astúcia, a ponderação, a constância, a respeitadora, a amorosa, a amante, a coragem, a força, a flor em forma de ser humano, a doce parceira de todo dia. São adjetivos que servem para dar uma pequena demonstração do quanto as mulheres representam para nossas vidas e como cada lembrança de bem-querer nos vem à mente cada vez que invocamos suas representações.

No dia 8 de março todos se declinam em homenagens às mulheres. É justo, mas é pouco, diante do que elas representam. O que nós, maçons, propomos, é transformar essa data em perene lembrança, para que as mulheres sejam adoradas, dignificadas e enaltecidas todos os dias.

Que em nosso país as mulheres sejam tratadas com dignidade e respeito em seus trabalhos pelo sublime valor que elas representam para toda a humanidade e não somente porque uma legislação específica assim estabeleceu. Que as mulheres recebam a justa remuneração por seus trabalhos porque lhes é devida essa igualdade e não somente porque se trata de uma campanha esclarecedora que todos os anos é levada a efeito na mídia. Que as mulheres sejam respeitadas ao ocuparem cargos de direção e comando e tratadas com a mesma respeitabilidade porque desempenham a mesma função com a mesma competência e não apenas porque a hierarquia assim determina. Que as mulheres sejam protegidas em todos os lugares e não somente porque há uma delegacia especial para garantir suas prerrogativas. Que as mulheres sejam amadas e respeitadas porque materializam a beleza e o perfume que alegam nossos dias.

Nós, maçons, precisamos renovar diariamente nosso compromisso de não permitir que as mulheres sejam diminuídas em suas funções e que piadas de mau gosto perdurem o abismo das diferenças entre homens e mulheres. Um maçom trata uma mulher da mesma forma agradável e respeitosa como gostaria que tratassem sua mãe, suas irmãs, sua esposa e suas filhas. Precisamos reafirmar diariamente nosso compromisso de transformar nossa sociedade em um lugar melhor para homens e mulheres, colocando-as em seu mais respeitoso lugar, que é ao nosso lado, completando o respeito e dignidade que invocamos para nós.

As mulheres, hoje e sempre, nossa gratidão por todos os ensinamentos que nos lecionam a cada dia, nossa reverência pela sagrada perpetuação da vida que trazem em vocês e o aplicado reconhecimento de sermos seus eternos aprendizes.

GALERIA | CONFRADES EM HOMENAGEM ÀS MULHERES



registro ABIN



confraria celestial



Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar.

(...) Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas.

GUIMARÃES ROSA



EMBALAGENS TOCANTINS
DATA DA FUNDAÇÃO: 07/07/1971
Rua 210, nº 279 - Setor Coimbra
embalagenstocantins.com.br
tel.: 62 3233-3252 whatsapp: 62 99396-2030

EMBALAGENS EM GERAL
Papéis para Embrulho, Embalagens para Presentes, Sacos Plásticos, Sacolas, Copos Descartáveis, Fitas Adesivas, Caixas para Empacotamento e Completa Linha de Embalagens Descartáveis

Jr. Aldo
EMBALAGENS A PIONEIRA
Av. Anhanguera, nº 8.631 - Setor Campinas (esq. com Rua Benjamin Constant)
whatsapp: 62 99396-2029 tel.: 62 3233-6880